

PALAVRAS DO INFINITO

HUMBERTO DE CAMPOS

"AOS QUE AINDA SE ACHAM MERGULHADOS NAS SOMBRAS DO MUNDO"

"Em meados do século passado, quando o materialismo atingia as suas cumiadas, na expressão philosophica dos seus pregoeiros e expositores, eis que os mortos voltam a confabular com os vivos sobre a sua maravilhosa resurreição".



'A MEDIUMNIDADE POSTA AO SERVIÇO DO "AJOELHEMOS NO TEMPLO
REM É QUASI A ESTRADA DO GOLGOTHA"... DO ESPIRITO"...

"...mas a fé transforma em flôres as pedras do caminho."

"Foi a piedade de Jesus quem abriu as cortinas que velavam os mysterios escuros e tristes da morte e o Divino Jardineiro conhece o terreno fecundo onde germinam as sementes do seu amor".

Leitor Amigo

A reedição do folheto "Palavras do Infinito" encontra natural explicação no rápido escoamento que tiveram os cinco mil exemplares da publicação anterior, cujos pedidos, vindos de toda a parte, denotaram o interesse dos que lêem pelas cousas da espiritualidade.

Muito a animou também, concorrendo para a nova tiragem, a boa vontade do digno confrade Francisco Candido Xavier, a cuja mediumnidade e solicitude se devem estas encantadoras communicações, enviando-nos mais chronicas, mensagens e alguns versos inéditos que tanto illustram e ezornam esta segunda edição.

Humberto de Campos, graças á infinita bondade do Creador, contri-nua a escrever para os "que ficaram", fazendo-o, aliás, com a irrecusavel autoridade de reporter verdadeiro e sobretudo insuspeito para tratar de assumptos do Além, pois, tivesse elle sido, na terra, espirita praticante, não faltariam oppositores fanaticos que viessem refutar os luminosos conselhos que manda ás almas encarceradas sobre a "face nevoenta" do planeta, com o objectivo de edifical-as, para a vida eterna, no apostolado do trabalho e da dôr.

O humilde psychographo Francisco Candido Xavier com taes produções vem, mais uma vez, firmar os fóros justissimos que gosa de medum assombroso, legitimo expoente da phenomenologia espirita, vaso escolhido do Senhor para a grandiosa missão de provar, sob aspecto estri-ctamente intellectual, a sobrevivencia do sêr e a immortalidade da alma humana.

E essa prova incontrastavel aqui está. Contra ella pode levantar-se "o argumento dubitativo", mas a hypothese unica que a explica é a do

Evangelho, pela Ressurreição de Jesus, sobre a qual se assenta todo o edificio moral, philosophico e scientifico do Espiritismo.

Mais abundante, copiosa, immensa, entretanto, ella se nos depara no "Parnaso de Além Tumulo", onde o moço de instrução rudimentar, que vive pobre e triste na sua pequena Villa de Pedro Leopoldo, sem bibliotheca e sem professor, consegue captar produções de trinta e dois poetas, brasileiros e portuguezes, figurando entre elles nomes gloriosos, como Arthur Azevedo, Baptista Cepêlos, Casemiro de Abreu, Castro Alves, Emilio de Menezes, Fagundes Varella, Hermes Fontes, Olavo Bilac, Raymundo Corrêa, Anthero do Quental, Antonio Nobre, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueiro, João de Deus, Julio Diniz, D. Pedro de Alcantara, etc., etc.. Ler esse livro surpreendente, maravilhoso, e porque não dizer commovedor, é verificar 190 produções psychographicas de Chico Xavier, das quaes 118 sonetos magistraes num total de 6.538 versos! E', realmente, admiravel a farta messe de poesias e prósa com que o Além concorre para provar aos homens que todos os poetas e escriptores fallecidos, sem distincção, são immortaes porque são todos academicos do Grand-Trianon, vivendo, sentindo, amando e pensando, "sem miolos na cabeça"...

O que mais empolga nessas produções não é só o estylo, mas a perfeita identidade literaria dos autores, estylo e identidade que se vislumbra quer na cadencia do verso, quer na fórma, quer na idéa ou no fundo philosophico.

João Ribeiro, citado por M. Quintão, "mestre que tal se fez, indemne de rabularias academicas", ao referir-se ao "Parnaso", disse que o medium não atraioára nem um dos poetas.

Estas considerações á guisa de apresentação do folheto já vão excedendo o limite razoavel. Antes, porém, de concluir, é nosso desejo agradecer a Humberto de Campos, a Humberto espirito e coração immortaes, a bondade com que attendeu á solicitação que lhe fizemos para prefaciar esta 2.ª edição de "Palavras do Infinito", e o nosso agradecimento é tão mais profundo quão extraordinariamente bello e edificante é o prefacio do saudoso escriptor patricio. Possam as suas chronicas e bem assim as poesias e mensagens contidas neste opusculo, tocar os corações endurecidos e levar, a quantos o lerem, o doce orvalho da Fé, abrindo-lhes o entendimento para a comprehensão da immortalidade e certeza da sobrevivencia.

São Paulo, 3 de outubro de 1936.

J. B.



Francisco Candido Xavier, o notavel psychographo que todo o Brasil admira e a quem o Creador concedeu o dom de mostrar aos homens que, de facto, a IMMORTALIDADE E' A LUZ DA VIDA.



Casa em que reside, pobremente, o medium Chico Xavier, na pequenina villa de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Geraes.

A palavra dos "Mortos"

ERRATA

PAGINA	LINHAS	ONDE SE LE	DEVE LER-SE
6	6	póde	poude
6	34	separados	separadas
10	40	o	ou
13	15	soffredores	soffredor
14		(supprima-se a linha 20,	da 2.ª columna)
14	22	futilidade	futilidades
25	1	viviam	vivam
27	37	ao mesmo pareciam...	ao mesmo tempo que umas phalangetas de aço pareciam apertar o pescoço do cadaver do meu amigo.
29	40	mes	meus
31	21	tristes tumulos	tristes dos tumulos
32	17	cerscem	cresecem
40	20	admiradores	administradores

(Outros lapsos typographicos escaparam, que serão facilmente corrigidos pelo illustrado leitor).

das concepções christãs do moderno espiritalismo poderá nascer o novo dia da humanidade. E embora a negação systematica dos homens, deante dessas realidades consoladoras, os tumulos vêm deixando escapar os seus profundos e maravilhosos segredos, fa-

das suas experiencias.

Não obstante a arrancada gloriosa dos que já haviam partido das substancias pôdres da Terra para as espheras luminosas do Ceu, tentando, com os seus exercitos de archanjos, reorganisar a sociedade humana, restau-

A palavra dos "Mortos"

Pedem de São Paulo a collaboração humilde do meu esforço para a apresentação de "Palavras do Infinito" que a abnegação de um grupo de espiritas da Sociedade de Metapsychica do grande Estado, tendo á frente o eminente amigo Dr. João Baptista Pereira, vae lançar á publicidade, com o objectivo de fornecer, gratuitamente, com a mensagem dos mortos, um consolo aos tristes, uma esperança aos desafortunados e um raio de claridade aos que naufragam, desesperados, na noite escura da duvida e da descrença, em meio ás borrascas do oceano tempestuoso da vida.

Existem poucas probabilidades de efficacia no esforço dos mortos, em favor da regeneração da sociedade dos vivos. Contudo, as actividades de ordem espiritualista, na actualidade do mundo, constituem a derradeira esperança da civilização. Sou, agora, dos que vêm de perto o trabalho intenso das collectividades invisíveis pelo progresso humano, sinto ao meu lado a vibração luminosa do pensamento orientador das sentinelas avançadas de outras esferas da evolução e do conhecimento e reconheço que somente das concepções christãs do moderno espiritualismo poderá nascer o novo dia da humanidade. E embora a negação systematica dos homens, deante dessas realidades consoladoras, os tumulos vêm deixando escapar os seus profundos e maravilhosos segredos, fa-

lando a sua palavra tocada de conforto e de claridades sobrenaturaes.

Na antiguidade egypcia, figurava-se o santuario da verdade, ao fim de uma estrada sinuosa, rodeada de esphinges, representando os enigmas das suas essencias profundas; e, no seu estranho symbolismo, essas imagens constituíam as esphinges da Morte, cujos humbraes de silencio e de treva a Vida jamais poderia transpôr para solucionar os problemas inextricaveis dos destinos e dos seres. O tempo, todavia, modificou a mentalidade humana, adaptando-a para um conhecimento melhor de si mesma. Em meados do seculo passado, quando o materialismo attingia as suas cumeadas, na expressão philosophica dos seus pregoeiros e expositores, eis que os mortos voltam a confabular com os vivos sobre a sua maravilhosa resurreição. A esperança volta a felicitar a mansarda dos pobres e o coração dos oprimidos, na prodigiosa perspectiva da immortalidade atravez de todos os mundos e os desencarnados, n'um heroismo supremo, volvem aos centros de estudos e aos gabinetes dos sabios, com a lição piedosa das suas experiencias.

Não obstante a arrancada gloriosa dos que já haviam partido das substancias pôdres da Terra para as espheras luminosas do Ceu, tentando, com os seus exercitos de archanjos, reorganisar a sociedade humana, restau-

rando os alicerces do christianismo, poucos foram aquellos que ouviram as suas trombetas echoando no valle das lagrimas e das provações. Deante desse phenomeno universal, a religião não pode volver dos seus interesses e da sua intransigencia para identificar a espiritalidade dos seus santos e dos seus antigos reformadores; a sciencia academica, por sua vez, conserva-se de guarda ao seu passado e cora as suas conquistas de hontem presume-se na posse da sabedoria culminante. Entretanto, o dogmatismo é incompativel com o progresso, e todas as concepções scientificas de cada seculo se caracterizam pela sua instabilidade porque os olhos da carne não vém o que existe. Nenhuma theoria pode explicar a vida á base exclusivista da materia. Todos os phenomenos mechanicos do universo obedecem a uma força intelligente e nada existe de real, deante da visão apocada dos homens, porque as verdades profundas se lhes conservam invisiveis.

Os movimentos planetarios, os turbilhões atomicos no complexo de todas as cousas tangiveis, inclusive o seu proprio corpo, o mysterio da força, os enigmas da agglutinação mollecular, o segredo da attracção, a identidade substancial da energia e da materia que nunca se encontram separados uma da outra não se mostram aos olhos humanos, dentro da sua transcendencia e da sua grandeza. Todo atomo de materia tem a sua genese no atomo invisivel, de natureza psychica. Raios impalpaveis e occultos trazem a vida e trazem a morte. E o homem, na sua ignorancia presumida, mal se apercebe de que é o phantasma cambaleante de Edipo, vivendo na zona limitada do seu livre arbitrio, mas submettido ás leis de bronze do destino e da dor, cujas actividades objectivam o aprimoramento de sua personalidade; apezar da sua vaidade e do seu orgulho, todas as suas glorias materiaes caminham para a morte. Nietsche architecta com Zarathusta a philosophia do homem superior para cair aniquila-

do sob o seu proprio infortunio. Napoleão, depois das lutas prestigiosas que lhe grangearam a admiração universal, recolhe-se em Santa Helena para meditar nas celebres sentenças do Ecclesiastes. Edison, após encher de conforto as cidades modernas com a sua imaginação creadora, sente o exgotamento de suas forças physicas para aguardar o gume afiado da morte. Os homens, com todos os pergaminhos de suas conquistas, viverão sempre no circulo de suas fraquezas e de suas miserias, enquanto não se voltarem para o lado espirital do soffrimento e da Vida.

A manifestação das actividades dos mortos não lhes tem fornecido as conclusões de ordem moral que se fazem necessarias ao aperfeiçoamento colectivo; com algumas honrosas excepções, despertou apenas o sentimento de suas analyses, nem sempre orientadas no proposito de saber, para serem filhas intempestivas das vaidades pessoas de cada um. Disse Ingenieros, nos seus estudos psychologicos, que a historia da civilização representa apenas o desenvolvimento da curiosidade humana. Se isso é um facto incontestavel, não é menos verdade que essa sede de revelações deve possuir uma bussola espirital, nas suas longas e acuradas perquirições do invisivel. Muita experiencia trouxe do mundo para acreditar que as theorias, só por si, possam operar a salvação da humanidade. Ellas constituem apenas oroteiro de sua marcha, onde os espiritos de boa vontade vão conhecer o caminho. São accessorios do seu esclarecimento, sem representarem a comprehensão em si mesmos. Toda a civilização occidental fundou-se á base do christianismo, todavia o que menos se vê, no seu fausto e na sua grandeza, é o amor e a piedade do Crucificado. A actualidade está cheia de exemplos dolorosos. Povos considerados christãos preparam-se, afanosamente, para as lutas fratricidas. A Liga das Nações que alimentava o sonho da paz universal está hoje quasi reduzida a uma abstracção de ideolo-

gos. A Italia e a Allemanha expansionistas empunham a espada do arrazamento e da destruição. Ainda agora, e general Ludendorff acaba de entregar á publicidade o seu livro terrivel sobre a guerra total.

A crença e a fé não procedem de combinações theoricas ou do malabarismo das palavras e dos raciocinios. E' no trabalho e na dor que se processam e se afinam. Para a fé não ha melhor symbolo que o toque de Moysés sobre as rochas adustas, fazendo brotar o lençol liquido das aguas claras da vida. Só a dor pode tocar o coração empedernido dos homens e é por isso que a lição dos mortos servirá somente para constituir a base nova da sociologia de amanhã. A fé, por emquanto, continuará como patrimonio dos corações que foram tocados pela graça do soffrimento. Thesouro da immortalidade, seria o ideal da felicidade humana, se todos os homens o conquistassem, mesmo nos desertos tristes da Terra.

Um grande astronomo francez inquieto sobre as recompensas do Ceu, accentuou:

— "Mesmo aqui, podem as creaturas receber as recompensas do paraíso. O Ceu é o infinito e a Terra é uma das patrias da Immensidade; todos os homens, portanto, são cidadãos celestes. E' aqui, na superficie triste do mundo que as almas realisam a aquisição de suas felicidades. Estamos em pleno ceu e em toda a parte vemos

cada um receber segundo as suas obras".

Sobre as fronte orgulhosas dos homens, pairam os órgãos invisiveis de uma justiça immanente e, sobre a terra, pode o espirito fazer juz aos premios do Alto. A crença, com os seus esplendores subjectivos, é um desses maravilhosos thesouros.

Que as palavras do infinito se deramem sobre o entendimento das creaturas; cooperando com a dor, ellas descobrirão para o homem as grandezas occultas de sua propria alma, afim de que elle aceite, em seu proprio beneficio, as realidades confortadoras da sobrevivencia. A voz do alem pode ficar incomprehendida, mas os mortos continuarão a falar para os vivos, commandados á ordem de Alguem, que está acima das opiniões de todos os scienistas e escriptores, encarnados e descarnados. Foi a piedade de Jesus quem abriu as cortinas que velavam os mysterios escuros e tristes da morte e o Divino Jardineiro conhece o terreno fecundo onde germinam as sementes do seu amor.

Os homens aprenderão á custa das suas lóres, com todo o fardo de suas miserias e de suas fraquezas e as palavras do infinito cahirão sobre elles como a chuva de favores do Alto. Que ellas se espalhem nos corações e nas almas, porque cada uma traz consigo a claridade de um sol e a doçura de uma benção.

HUMBERTO DE CAMPOS

De um casarão do outro mundo

Muitas vezes pensei que outras fossem as surpresas que aguardassem um morto, depois de entregar á terra os seus despojos.

Como um menino que vae pela primeira vez a uma feira de amostras, imaginava o conhecido chaveiro dos grandes palacios celestiaes. Via S. Pedro de mãos enclavilhadas debaixo do queixo, olhos de tartaruga, como os de Nilo Peganha, assestados no nariz, percorrendo com as suas vistas somnolentas e cansadas os estudos technicos, os relatorios, os mappas e livros immensos, enunciadores do movimento das almas que regressavam da Terra, como um amanuense destacado de secretaria. Presumia-o um velhote bem conservado, igual aos senadores do tempo da monarchia no Brasil, cofiando os seus longos bigodes e os fios grisalhos da sua barba respeitavel. Talvez que o bom do apostolo, desentulhando o bahú de suas memorias, me contasse algo de novo: algumas anedotas, a respeito de sua vida, segundo a versão popular; factos de seu tempo de pescarias, certamente cheios das estroinices de rapazelho. As jovens de Saphoris e de Capharnaum, na Galiléa, eram creaturas tentadoras, com os seus labios de romã amadurecida. S. Pedro por certo diria algo de suas aventuras, occorridas, está claro, antes da sua conversão á doutrina do Nazareno.

Não encontrei, porém, o chaveiro do céu. Nessa decepção, cheguei a suppôr que a região dos bemaventurados deve-

ria ficar encravada em alguma cordilheira de nuvens inacessiveis. Tratava-se, certamente, de um recanto de maravilhas, onde todos os logares tomariam denominações religiosas, na sua mais alta expressão symbolica: Praça das Almas Bemditas, Avenida das Potencias Angelicas. No coração da cidade prodigiosa, em paços resplandescentes, Sta. Cecilia deveria tanger a sua harpa, acompanhando o côro das onze mil virgens, cantando ao som de harmonias deliciosas, para acalentar o somno das filhas de Acheronte e da Noite, afim de que não viessem com as suas achas incandescentes e viboras malditas perturbar a paz dos que alli esqueciam os soffrimentos, em repouso beatifico. De vez em quando se organisariam, nessa região maravilhosa, solemnidades e festas commemorativas dos mais importantes acontecimentos da Igreja. Os papas desincarnados seriam os officiantes das missas e Te Deums de grande gala, a que compareceriam todos os Santos do calendario: S. Francisco Xavier, com o mesmo habito esfarrapado com que andou pregando nas Indias; S. José, na sua indumentaria de serralheiro; S. Sebastião, na sua armadura de soldado romano; Sta. Clara, com o seu perfil lindo e severo de madona, sustentada pelas mãos minusculas e inquietas dos archanjos, como rosas de carne loura. As almas bem conceituadas representariam, nas galerias deslumbrantes, os santos que a Igreja inventou para o seu agiologio.

Mas... não me foi possível encontrar o céu.

Julguei então que os espiritas estavam mais acertados em seus pareceres. Deveria reencontrar os que haviam abandonado as suas carcassas na terra, continuando a mesma vida. Busquei relacionar-me com as phalanges de brasileiros, emigrados no outro mundo. Idealizei a sociedade antiga, os patrios illustres, ahí refugiados, imaginando encontra-los em uma residência principesca, como a do Marquez de Abrantes, installada na antiga chacara de Dona Carlota, em Eotafogo, onde recebiam a mais fina flor da sociedade carioca das ultimas decadas do segundo imperio, cujas reuniões, compostas de fidalgos escravocratas da epoca, ofuscavam a simplicidade monacal dos Paços de S. Christovão.

E pensei de mim para commigo: Os rabbins do Synhédrio, que exararam a sentença condemnatoria de Jesus Christo, quererão saber as novidades de Hitler, na sua furia contra os Judeus. Os remanescentes do principe de Bismarck, que perderam a ultima guerra, desejariam saber qual a situação dos negocios franco-allemaes. Contaria aos Israelitas a historia da esterilisação e aos seguidores do illustre filho de Schoenhauzen as questões do plebiscito do Sarre. Cada bemaaventurado me viria fazer uma sollicitação, ás quaes eu attenderia com as habilidades de um portanovas, acostumado aos prazeres maliciosos do boato.

Enganara-me, todavia. Ninguem se preocupava com a Terra, o com as coisas da sua gente.

Tranquillisem-se, comtudo, os que ficaram, porque, se não encontrei o Padre Eterno, com as suas longas barbas de neve, como se fossem feitas de paina alva e macia, segundo as gravuras catholicas, não vi tambem o Diabo.

Logo que tomei conta de mim, conduziram-me a um solar confortavel, como a Casa dos Bernardelli, na praia de Copacabana. Semelhante a uma abbadia de frades na Estyria, espanta-me o seu aspecto imponente e grandioso. Procurei saber nos annaes desse casarão do outro mundo as noticias relati-

vas ao planeta terreno. Examinei os seus in-folios. Nenhum relato havia, com respeito aos santos da côrte celestial, como eu os imaginava, nem allusões a Mephistophe:es e ao Amaldiçoado. Ignorava-se a historia do fructo prohibido, a condemnação dos anjos rebeldes, o decreto do diluvio, as espantosas visões do evangelista no Apocalypse. As religiões estão na Terra muito prejudicadas pelo abuso dos symbolos. Poucos factos relacionados com ellas estavam naquelles documentos.

O nosso mundo é insignificante de mais, pelo que pude constatar na outra vida. Conforta-me, porém, haver descoberto alguns amigos velhos, entre muitas caras novas.

Encontrei o Emilio, radicalmente transformado. Comtudo, ás vezes, faz questão de apparecer-me de ventre rotundo e rosto bonancheirão, como recebia os amigos na Paschoal, para falar da vida alheia.

— "Ah! filho — exclama sempre — ha momentos nos quaes eu desejava descer no Rio, como o homem invisivel de Wells, e dar muita paulada nos bandidos de nossa terra".

E, na graça de quem, esvasiando copos, andou enchendo o tonel das Danaides, desfolha o caderno de suas anedotas mais recentes.

A vida, entretanto, não é mais identica á da Terra. Novos habitos. Novas preocupações e penoramas novos. A minha situação é a de um enfermo pobre que se visse de uma hora para outra em luxuosa estação de aguas, com as despesas custeadas pelos amigos. Restabelecendo a minha saude, estudo e medito. E meu coração, ao descerrar as folhas diferentes dos compendios do Infinito, pulsa como o do estudante novo.

Sinto-me novamente na infancia. Calço os meus tamanquinhos, visto as minhas calças curtas, arranjo-me ás pressas, com a má vontade dos garotos incorrigiveis, e vejo-me outra vez deante da Mestra Sinhá, que me olha com indulgencia, atravez da sua tristeza de virgem desamada, e repito, apontando

as letras na cartilha: — A B C ... A B C D E ...

Ah! meu Deus, estou aprendendo agora os luminosos alphabetos que os teus dedos immensos escreveram com giz de ouro resplandescente nos livros da natureza. Faze-me novamente menino, para comprehender a lição que me ensinas! Sei hoje, relendo os capitulos da tua gloria, porque vicejam na Terra os cardos e os jasmineiros, os cedros e as hervas, porque vivem os bons e os máos, recebendo, numa actividade promiscua, os beneficios da tua casa.

Não trago do mundo, Senhor, nenhuma offerenda para a tua grandeza!

(Recebida em P. Leopoldo, a 28 de março de 1935)

Carta aos que ficaram

No antigo Paço da Boa Vista, nas audiencias dos sabbados, quando recebia toda gente, attendeu D. Pedro II a um negro velho, de carapinha branca, e em cujo rosto, enrugado pelo frio de muitos invernos, se descobria o signal de muitas penas e muitos máos tratos.

— "Ah! meu senhor grande — exclamou o infeliz — como é duro ser escravo! ..."

O magnanimo imperador encarou suas mãos cansadas no leme da direcção do povo e aquellas outras, engehhadas nas excrecencias dos callos adquiridos na rude tarefa das senzalas, e tranquillizando-o, commovido: — "O meu filho, tem paciencia! Tambem eu sou escravo dos meus deveres e elles são bem pesados... Teus infortunios vão diminuir..."

Não possuo senão o coração, exausto de sentir e bater, como um vaso de iniquidades. Mas, no dia em que te lembrares do misero peccador, que te contempla no teu doce mysterio, como lampada de luz eterna, em torno da qual bailam os sóes como pyrillampas accessos dentro da noite, fecha os teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cahir nesse vaso immundo uma raiz de assucenas. Então, Senhor, como já puzeste lume nos meus olhos, que ainda choram, plantarás o lyrio da paz no meu coração, que ainda sofre e ainda ama.

Humberto de Campos.

E mandou libertar o preto.

Mais tarde, nos primeiros tempos do seu desterro, o bondoso monarcha, a bordo do Alagoas, recebeu a visita do seu ex-ministro, ás primeiras interpellações de Ouro Preto, respondeu-lhe o grande exilado:

"Em summa, estou satisfeito e tranquillo"; e, alludindo á sua expatriação: — "E' a minha carta de alforria... agora posso ir onde quero".

A corôa era pesada demais para a cabeça do monarcha republicano.

Aos que me perguntarem no mundo sobre a minha posição em face da morte, direi que ella teve para mim a fulguração de um Treze de Maio para os filhos de Angola.

A morte não veio buscar a minha alma, quando esta se comprazia nas rédes douradas da illusão. A sua te-

soura não me cortou fios da mocidade e de sonho, porque eu não possuía senão neves brancas e rígidas, á espera do sol para se desfazerem. O gelo dos meus enganamentos necessitava desse calor de realidades, que a morte espalha no caminho em que passa com a sua foice derrubadora. Resisti, porém, ao seu cerco, como Achilles, no heroísmo indomável de quem vê a destruição de suas muralhas e reductos. Na minha trincheira de saccos de agua quente, eu a vi chegar quasi todos os dias... Mirava-me nas pupilas chammejantes dos seus olhos, pedindo-lhe complacencia e ella me sorria consoladora nas suas promessas. Eu não podia, porém, advinhar o seu fundo mysterio, porque a duvida obsidiava o meu espirito, enrodilhando-se no meu raciocinio como tentaculos de um polvo.

E, na minha alegria barbara, sentia-me encurralado no soffrimento, como um lutador romano aureolado de rosas.

Triumphava da morte e, como Ajax, recolhi as ultimas esperanças no rochedo da minha dor, desafiando o tridente dos deuses.

A minha excessiva vigilancia trouxe-me a insomnia, que arruinou a tranquillidade dos meus ultimos dias. Perseguido pela surdez, já os meus olhos se apagavam, como as derradeiras luzes de um navio sossobrando, em mar encapellado, no silencio da noite. Sombra, movendo-se dentro das sombras, não me acovardei deante do abysmo. Sem esmorecimentos atirei-me ao combate, não para repellar mouros na costa, mas para erguer muito alto o coração, retalhado nas pedras do caminho, como um livro de experiencias para os que vinham depois dos meus passos, ou como a restea luminosa que os pharoleiros desabotoam na superficie das aguas, prevenindo os incautos dos perigos das syrtes traiçoeiras do oceano.

Muitos me suppuzeram corroido de lepra e de vermina, como se eu fosse Bento de Labre, raspando-se com a escudela de Job. Eu, porém, estava apenas reflectindo a claridade das estrelas do meu immenso crepusculo. Quan-

do me encontrava nessa faina de semear a resignação, a primeira e ultima flor dos que atravessam o deserto das incertezas da vida, a morte abeirou-se do meu leito, devagarinho, como alguem que temesse acordar um menino doente. Esperou que tapassem com a anesthesia todas as janellas e intersticios dos meus sentimentos. E quando o chão mais absoluto se fez sentir no meu cerebro, zás! cortou as algemas a que me conservava retido por amor aos outros condemnados, irmãos meus, reclusos na calabouço da vida. Adormeci nos seus braços, tomo um ebrio nas mãos de uma deusa. Despertando dessa lethargia momentanea, comprehendi a realidade da vida, que eu negara, além dos ossos que se enfeitam com os cravos rubros da carne.

— Humberto!... Humberto!... — exclamou uma voz longinqua — recebe o que te enviam da Terra!

Arregalei os olhos com horror e com enfado: — Não! Não quero saber de panegyricos e agora não me interessam as secções necrológicas dos jornaes".

— "Enganas-te — repetiu — as homenagens da convenção não se equilibram até aqui. A hypocrisia é como certos microbios de vida muito ephemera. Toma as preces que se elevaram por ti a Deus, dos peitos suffocados, onde penetraste com as tuas exhortações e conselhos. O soffrimento entornou sobre o teu coração um cantaro de mel".

Vi descer, de um ponto indeterminado do espaço, braçadas de flores inebriantes, como se fossem feitas de neblina resplandescendente, e escutei, envolvendo o meu nome pobre, orações tecidas com suavidade e doçura. Ah! eu não vira o céu e a sua côrte de bemaventurados; mas, Deus receberia aquellas deprecações no seu solio de estrellas encantadas, como a hostia symbolica do catholicismo se perfuma na onda envolvente dos aromas de um thuribulo. Nossa Senhora deveria ouvi-las no seu throno de jasmims bordados de ouro, contornado dos anjos que eternizam a sua gloria.

Aspirei com força aquelles perfumes. Pude locomover-me para investigar o reino das sombras, onde penso sem miolos na cabeça. Amava ainda e ainda soffria, reconhecendo-me no pórtico de uma nova luta.

Encontrei alguns amigos a quem apertei fraternalmente as mãos. E voltei cá. Voltei, para falar com os humildes e com os infortunados, confundidos na poeira da estrada de suas existencias, como frangalhos de papel, rodopiando ao vento. Voltei, para dizer aos que não pude interpretar no meu scepticismo de soffredores:

— 'Não sois os candidatos ao casamento (1) da Praia Vermelha. Plan-

tae, pois, nas almas a palmeira da esperança. Mais tarde, ella desdobrá sobre as vossas cabeças encanecidas os seus leques enseivados e verdes..."

E posso acrescentar, como o neto de Marco Aurelio, no tocante á morte que me arrebatou da prisão nevoenta da Terra: — "E' a minha carta de alforria... Agora posso ir onde quero".

Os amargores do mundo eram pesados demais para o meu coração.

Humberto de Campos.

(1) Hospício Nacional.

(Recebida em P. Leopoldo, a 8 de abril de 1935)

Aos meus filhos

Meus filhos, venho falar a vocês como alguem que abandonasse a noite de Tiresias, no carro fulgurante de Apollo, subindo aos cumes dourados e perfumados do Helicon. Tudo é harmonia e belleza, na companhia dos numes e dos genios, mas o pensamento de um cégo, em reabrindo os olhos nas rutilancias da luz, é para os que ficaram, lá longe, dentro da noite, onde apenas a esperança é uma estrella de luz doce e triste.

Não venho da minha casa (1) subterranea de São Baptista, como os mortos que os larapios, ás vezes, fazem regressar aos tormentos da Terra, por mal dos seus peccados. Na derradeira morada do meu corpo ficaram os meus olhos enfermos e as minhas disposições organicas. Cá estou, como

se houvesse sorvido um nectar de juventude, no banquete dos deuses.

Entretanto, meus filhos, levanta-se entre nós um rochedo de mysterio e de silencio.

Eu sou eu. Fui o pae de vocês e vocês foram meus filhos. Agora, somos irmãos. Nada ha de mais bello do que a lei de solidariedade fraterna, delineada pelo Creador na sua gloria inacessivel. A morte não supprimiu a minha affectividade e ainda possuo o coração de homem, para o qual vocês são as melhores creaturas desse mundo.

Dizem que Orphéu, quando tangia as cordas de sua lyra, sensibilizava as feras que se agrupavam enternecidas para escuta-lo. As arvores vinham de

longe, transportadas na sua harmonia. Os rios sustavam o curso das suas correntes impetuosas, quedando-se para ouvi-lo. Havia deslumbramentos na paisagem musicada. A morte, meus filhos, cantou para mim, tocando o seu alaúde. Todas as minhas convicções deixaram os seus logares primitivos, para sentir a grandeza do seu canto.

Não posso transmittir esse mysterio maravilhoso, atravez dos methodos imperfeitos de que disponho. E, se pudesse, existe agora entre nós o fantasma da duvida.

Convidado pelo Senhor, eu tambem estive no banquete da vida. Não nos palacios da popularidade ou da juventude ephemera, mas no atrio pobre e triste do soffrimento, onde se conservam temporariamente os mendigos da sua casa. Minha primeira dor foi a minha primeira luz. E quando os infortunios formaram uma teia immensa de amarguras para o meu destino, senti-me na posse do celeiro de claridades da sobedoria. Minhas dores eram a minha prosperidade. Porém, qual o cortesão de Dionysio, vi a duvida, como espada afiadissima, balouçando-se sobre a minha cabeça. Ah!, na Terra, entre a crença e a descrença, está sempre ella, a espada de Damocles. Isso é uma fatalidade.

Venho até vocês cheio de amorosa ternura e se não me posso individualisar, apresentando-me como o pae carinhoso, não podem vocês garantir a impossibilidade da minha sobrevivencia. A duvida entre nós é como a noite. O amor, entretanto, luarisa estas sombras. Um morto, como eu, não pode esperar a certeza ou a negação dos vivos que receberem a sua menagem, para a qual ha de prevalecer o argumento dubitativo. E nem pode exigir outra coisa quem no mundo não procederia de outra forma.

Sinto hoje, mais que nunca, a necessidade de me impessoalisar, de ser novamente o filho ignorado de Dona Annica, a bôa e santa velhinha, que continua sendo para mim a mais santa

das mães. Tenho necessidade de me esquecer de mim mesmo. Todavia, antes que se cumpra este meu desejo, volto para falar a vocês paternalmente, como no tempo em que destruiu o phosphato do cerebro afim de adquirir combustivel para o estomago.

— Meus filhos!... meus filhos!... estou vivendo... Não me vêem?... Mas, olhem, olhem o meu coração como está batendo ainda por vocês!...

Aqui, meus filhos, não me perguntaram se eu havia descido gloriosamente as escadas do Petit Trianon; não fui inquerido a respeito dos meus triumphos literarios e não me sollicitaram informes sobre o meu fardão academico. Em compensação, fui arguido acerca das causas dos humildes e dos infortunados, pelas quaes me perficie desse mundo de futilidades e bati.

Vivam, pois, com prudencia, na superficie desse mundo de futilidade e de glorias vãs.

Num dos mais delicados poemas de Wilde, as Orcades lamentam a morte de Narciso, junto de sua fonte predilecta, transformada numa taça de lagrimas.

— Não nos admira — suspiram ellas — que tanto tenhas chorado!... Era tão lindo!...

— Era bello Narciso? — perguntou o lago.

— Quem melhor do que tu poderia sabe-lo, se nos desprezava a todas para estender-se nas relvas da tua margem, baixando os olhos para contemplar, no diamante da tua onda, a sua formosura?...

A fonte respondeu:

— Eu adorava Narciso, porque, quando me procurava com os olhos, eu via, no espelho das suas pupilas, o reflexo da minha propria belleza.

Em sua generalidade, meus filhos, os homens, quando não são Narciso, enamorados de sua propria formosura, são a fonte de Narciso.

Não venho exhortar a vocês como sacerdote; conheço de sobra as fraque-

zas humanas. Viviam, porém, a vida do trabalho e da saude, longe da vaidade corruptora. E, ha religião da consciencia rectilinea, não se esqueçam de rezar. Eu, que era um homem tão perverso e tão triste, estou aprendendo de novo a minha prece, como fazia na infancia, ao pé de minha mãe, na Parnahyba.

Venham, meus filhos!... Ajoelhem de mãos postas... Não vêem que cheguei de tão longe?! Fui mais feliz que o Rico e o Lazaro da parabola, que não puderam voltar... Ajoelhe-

mos no templo do Espirito; inclinem vocês a fronte sobre o meu coração. Cabem todos nos meus braços? Cabem, sim...

Vamos rezar com o pensamento em Deus, com a alma no infinito. Padre Nosso... que estaes no céu... santificado seja o vosso nome...

Humberto de Campos.

(1) O espirito se refere ao cemiterio de S. João Baptista, no Rio de Janeiro.

(Recebida em P. Leopoldo, a 9 de abril de 1935)

Na mansão dos mortos

— O amigo sabe que os photographos ing'ezes registraram a presença de Sir Conan Doyle, na enierro de Lady Gaillard?

Esta pergunta me foi dirigida pelo coronel C. da C. (1), que eu conhecera numa das minhas viagens pelo Nordeste. O coronel lia por desfastio as minhas chronicas e em poucos minutos nos tornámos camaradas. Ha muito tempo, todavia, soubera eu da sua passagem para o outro mundo, em virtude de uma arterio-sclerose generalisada. Tempo vae, tempo vem, defrontámo-nos de novo no sagão infinito da Vida, em que todos viajamos, atravez da eternidade. E, como o melhor abraço é o que podemos dar longe dos vivos, allí estavamos os dois, tête à tête, sem pensar no relógio que regulava os nossos actos no presidio da Terra, nem nos ponteiros do esto-

mago, que ahi trabalham com demasiada pressa.

C. tinha no mundo idéas espiritas e continuava, na outra vida, a interessar-se pelas coisas de sua doutrina.

— Então, coronel, a vida que levaremos por aqui não será muito diversa da que observavamos lá em baixo? Um morto, por exemp'lo, pode apresentar-se nas solemnidades dos vivos, participar das suas alegrias e das suas tristezas, como no presente caso? Aliás, já sabemos do capitulo evangelico que manda os mortos enterrar os seus mortos.

— Pode, sim menino — replicou o meu amigo, como quem evocasse uma scena dolorosa — mas, isso de acompanhar enterros, sobra-me experiencia para não mais faze-lo. Costumamos observar que, se os vivos têm medo dos que já regressaram para cá,

nós igualmente, ás vezes, sentimos repulsa de topar os vivos. Porém, o que lhe vou contar occorreu entre os considerados mortos. Tive medo de dois espectros, num ambiente soturno de cemiterio.

E o meu amigo, com o olhar mergulhado no preterito longinquo, monologava:

— Desde essa noite, nunca mais acompanhei enterros de amigos... Deixo isso para os incarnados, que vivem brincando de cabra-céga, no seu temporario esquecimento...

— Conte-me, coronel, o acontecido, disse eu, mal sopitando a curiosidade.

— Lembra-se — começou elle — da admiração que eu sempre manifestava pelo Dr. A. F., que você não chegou a conhecer em pessoa?

— Vagamente...

— Pois bem, o Antonico, nome pelo qual respondia na intimidade, era um dos meus amigos do peito. Advogado de renome na minha terra, já o conheci na elevada posição que usufruia, no seio da sociedade que lhe acatava todas as acções e pareceres.

Pardavasco insinuante, era o typo do mulato brasileiro. Sympathico, intelligente, captava a confiança de quantos se lhe aproximavam. Era de uma felicidade unica. Ganhava todas as causas que lhe eram entregues. O crime mais negro apresentava para a sua palavra percuciente uma argumentação infallivel na defesa. Os réos, absolvidos com a sua collaboração, retiravam-se da sala de sessões da justiça quasi canonisados. O Antonico se metterá em alguma pendencia? O triumpho era delle. Isso era certo. Gozava de toda a nossa consideração e estima. Creara a sua familia com irreprehensivel moralidade. Em algumas ceremonias religiosas a que compareci, recordo-me de lá o haver encontrado, como bom catholico, em cuja presonalidade o nosso vigario via um dos mais prestigiosos dos seus parochianos.

Chefiava iniciativas de caridade, presidia a associação religiosa e primava pela austeridade intransigente dos seus costumes.

Quando voltei desse mundo, que hoje representa para nós uma penitenciaría, trouxe delle saudosas recordações.

Imagine, pois o meu desejo de reencontra-lo, quando vim a saber, nestas paragens, que elle se achava ás portas da morte. Obtive permissão para excursionar á Terra e fui revelo na sua cama de luxo, rodeado de zelos extremos, numa alcova ensombrada de sua confortavel residencia. As poções eram ingeridas. Injecções eram applicadas. Os medicos eram attentiosamente ouvidos. Comtudo, a morte rondava o leito de rendas, com o seu passo silencioso. Depois de ter o abdomen rasgado por um bisturi, uma infecção sobreviera inesperadamente.

Appareceu uma pleurisia e todas as punções foram inuteis. Antonico agonisava. Vi-o nos seus derradeiros momentos, sem que elle me visse na sua semi-inconsciencia. Os medicos, á sua cabeceira, deploravam o desaparecimento do homem probo. O padre, que sustinha naquellas mãos de cêra um delicado crucifixo, recitando a oração dos moribundos, fazia ao céo piedosas recommendações. A esposa chorava o esposo, os filhos o pae. Aos meus olhos, aquelle quadro era o da morte do justo. Transcorridas algumas horas, acompanhei o funebre cortejo que ia entregar á terra aquelles despojos frios.

Desnecessario é que lhe diga das pomposas exequias que a igreja dispensou ao morto, em virtude da sua posição eminente. Preces. Aspersões com hyssopes ensopados nagua benta e latim agradavel.

Mas, como nem todos os que morrem se desaparegam immediatamente dos humores e das visceras, esperei que o meu amigo acordasse para ser o primeiro a abraça-lo.

Era crepusculo. E, naquella tarde de Agosto, as nuvens estíavam enrubecidas, em meio do fumo das queimadas, parecendo uma espuma de sangue. Havia um cheiro de terra brava, entre as lousas silenciosas, ao pé dos salgueiros e dos cyprestes. Eu esperava. De vez em quando, o vento agitava a ramaria dos chorões, que pareciam soluçar, numa toada exquisita. Os coveiros abandonaram a sua tarefa sinistra e eu vi um vulto de mulher, esgueirando-se entre as lapides ennegrecidas. Parou junto daquella cova fresca. Não se tratava de nenhuma alma incarnada. Aquella mulher pertencia tambem ao reino das sombras. Observei-a de longe. Todavia, gritos estentoricos echoaram aos meus ouvidos.

— A. F. exclamou o espectro, chegou o momento da minha vingança!... Ninguem poderá advogar a tua causa. Nem Deus, nem o Demonio poderão interceder pela tua sorte, como não puderam cicatrizar no mundo as feridas que abriste em meu coração. Todas as nossas testemunhas agora são mudas. Os anjos aqui são de pedra e as capellas de marmore, cheias de cruces caladas, são estojos de carne apodrecida. Lembra-te de mim? Sou a R. S., que infelicistaste com a tua infamia!

Já não és aquelle moreno insinuante que surrupiou a fortuna de meus paes, destruindo-lhes a vida e atirando-me no meretricio abominavel. A fortuna que te deu um nome foi edificada no pedestal do crime.

Recordas-te das promessas mentirosas que me fizeste? Envergonhada, abanonei a terra que me vira nascer para ganhar o pão no mais horrendo commercio. Corri mundo, sem esquecer a tua perversidade e sem conseguir afogar o meu infortunio na taça dos prazeres.

Entretanto, o mundo foi teu. Réo de um crime nefando, foste sacerdote da justiça; eu, a victima desconhecida, fui obrigada a suffocar a minha fraqueza nas sentinas sociaes, onde os ho-

mens pagam o tributo das suas misérias. Tiveste a sociedade, eu os bordéis. O triumpho e a consideração te pertenceram; a mim coube o desprezo e a condemnação. Meu lar foi o hospital, donde se escapou o ultimo gemido de meu peito.

Meus braços, que haviam nascido para acariciar os anjos de Deus, como dois galhos de arvore cheios de passarinhos, foram por ti transformados em tentaculos de perdição. Eu poderia ter possuido um lar, onde as creanças abençoassem os meus carinhos e onde um companheiro laborioso se reconfortasse com o beijo da minha affeição. Venho te condemnar, ó desalmado assassino, em nome da justiça eterna que nos rege, acima dos homens. Ha mais de um lustro, espero-te nesta solidão indevassavel, onde não poderás comprar a consciencia dos juizes... Viveste com o teu conforto, enquanto eu penava com a minha miseria; mas, o inferno agora será de nós dois!...

O coronel fez uma pausa, enquanto eu meditava naquella historia.

— A mulher chorava, continuou elle, de metter dó. Aproximei-me della, não sendo, porém, notada a minha presença. Olhei a cruz modesta e carcomida que havia sido arrancada poucas horas antes, daquelles sete palmos de terra, para que alli fosse aberto um novo sepulcro, e, não sei se por artes do acaso, nella estava escripto um nome com pregos amarellos, já desfigurados pela ferrugem: R. S. — Orae por ella.

Por uma coincidência sinistra, reencontravam-se os dois corpos e as duas almas. Procurei fazer tudo pelo Antonico, mas quando atravesssei com o meu olhar a terra que lhe cobria os despojos, afigurou-se-me ver um monte de ossos que se moviam. Craneo, tibias, humerus, clavículas, se reuniam sob uma acção mysteriosa e vi uma caveira chocalhando os dentes de furia, ao mesmo pareciam apertar o pescoço do cadaver tempo que umas phalangetas de aço do meu amigo.

— E elle, coronel, isto é, o Espirito, do; porém, acho que a Terra ficou mesmo sob a administração do Diabo.

— Estava, sim. Presente e desperto. Lá o deixei, sentindo os horrores da quella suffocação...

— Mas, e Deus, coronel? Onde estava Deus que não se compadeceu do peccador arrependido?

O coronel me olhou, como se estivesse interrogando a si mesmo, e declarou por fim: — Homem, sei lá!... Acredito que Deus tenha creado o mun-

Humberto de Campos.

(1) No original da mensagem foram dados por extenso os nomes das pessoas nella mencionados. Como, porém, essas pessoas deixaram descendentes, que poderiam molestar-se com as referencias que lhes fez Humberto de Campos, resolvemos indica-las apenas pelas suas iniciaes.

(Recebida em P. Leopoldo, a 19 de abril de 1935)

Judas Iscariotes

Silencio augusto cæe sobre a Cidade Santa. A antiga capital da Judæa parece dormir o seu somno de muitos seculos. Além descansa Gethsemani, onde o Divino Mestre chorou numa longa noite de agonia, acolá está o Golgotha sagrado e em cada cousa silenciosa ha um traço da Paixão que as épocas guardarão para sempre. E, em meio de todo o scenario, como um veio crystalino de lagrimas, passa o Jordão silencioso, como se as suas aguas mudas, buscandó o Mar Morto, quizessem esconder das cousas tumultuosas dos homens os segredos insondaveis do Nazareno.

Foi assim, numa destas noites que vi Jerusalém, vivendo a sua eternidade de maldições.

Os espiritos podem vibrar em contacto directo com a historia. Buscando uma relação íntima com a cidade dos

prophetas, procurava observar o passado vivo dos Logares Santos. Parece que as mãos iconoclastas de Tito por allí passaram como executoras de um decreto irrevogavel. Por toda a parte ainda persiste um sopro de destruição e desgraça. Legiões de duendes, embuçados nas suas vestimentas antigas, percorrem as ruinas sagradas e no meio das fatalidades que pesam sobre o emporio morto dos judeus, não ouvem os homens os gemidos da humanidade invisível.

— Nas margens caladas do Jordão, não longe talvez do logar sagrado, onde o Precursor baptisou Jesus Christo, divisei um homem sentado sobre uma pedra. De sua expressão physionomica irradiava-se uma sympathia captivante.

— Sabe quem é este? — murmurou alguem aos meus ouvidos — Este é Judas.

— Judas?!...

— Sim. Os espiritos' apreciam, ás vezes, não obstante o progresso que já alcançaram, volver atraz, visitando os sitios onde se engrandeceram ou prevaricaram, sentindo-se momentaneamente transportados aos tempos idos. Então mergulham o pensamento no passado, regressando ao presente, dispostos ao heroismo necessario do futuro. Judas costuma vir á Terra, nos dias em que se commemora a Paixão de Nosso Senhor, meditando nos seus actos de antanho...

Aquella figura de homem magnetisava-me. Eu não estou ainda livre da curiosidade do reporter, mas entre as minhas maldades de peccador e a perfeição de Judas existia um abysmo. O meu atrevimento, porém, e a santa humildade do seu coração, ligaram-se para que eu o atravessasse, procurando ouvil-o.

— O senhor é, de facto, o ex filho de Iscariot? — perguntei.

— Sim, sou Judas, respondeu aquelle homem triste, enxugandó uma lagrima nas dobras de sua longa tunica.

Como o Jeremias, das Lamentações, contemplo ás vezes esta Jerusalém aruinada, meditando no juizo dos homens transitorios...

— E' uma verdade tudo quanto reza o Novo Testamento com respeito á sua personalidade na tragedia da condemnação de Jesus?

— Em parte... Os escribas que redigiram os evangelhos não attenderam ás circumstancias e ás tricas politicas que acima dos mes actos predominaram na nefanda crucificação. Poncio Pilatos e o tetrarcha da Galiléa, além dos seus interesses individuaes na questão, tinham ainda a seu cargo salvar o Estado romano, empenhado em satisfazer as aspirações religiosas dos anciãos judeus. Sempre a mesma historia. O Sanhedrim desejava o reino do céu pelejando por Jehovah, a ferro e fogo; Roma queria o reino da Terra. Jesus estava entre essas forças antagonicas com a sua pureza immaculada. Ora, eu era um dos apaixonados

pelas idéas socialistas do Mestre, porém o meu excessivo zelo pela doutrina me fez sacrificar o seu fundador. Acima dos corações, eu via a politica, unica arma com a qual poderia triumphar e Jesus não obteria nenhuma victoria Com as suas theorias nunca poderia conquistar as redeas do poder já que, no seu manto de pobre, se sentia possuido de um santo horror á propriedade. Planejei então uma revolta surda como se projecta hoje em dia na Terra a quæda de um chefe de Estado. O Mestre passaria a um plano secundario e eu arranjaría collaboradores para uma obra vasta e energica como a que fez mais tarde Constantino Primeiro, o Grande, depois de vencer Maxencio ás portas de Roma, o que aliás apenas serviu para desvirtuar o christianismo. Entregando, pois, o Mestre, a Caiphás, não julguei que as cousas attingissem um fim tão lamentavel e, ralado de remorsos, presumi que o suicidio era a unica maneira de me redimir aos seus olhos.

— E chegou a salvar-se pelo arrependimento?

— Não. Não consegui. O remorso é uma força preliminar para os trabalhos reparadores. Depois da minha morte tragica submergi-me em seculos de soffrimento expiatorio da minha falta. Soffri horrores nas perseguições infligidas em Roma aos adeptos da doutrina de Jesus e as minhas provas culminaram em uma fogueira inquisitorial, onde, imitando o Mestre, fui traído, vendido e usurpado. Victima da felonía e da traição deixei na Terra os derradeiros resquícios do meu crime, na Europa do seculo XV. Desde esse dia, em que me entreguei por amor do Christo a todos os tormentos e infamias que me aviltavam, com resignação e piedade pelos meus verdugos, fechei o cyclo das minhas dolorosas reincarnações na Terra, sentindo na frente o osculo de perdão da minha propria consciencia...

— E está hoje meditando nos dias que se foram... — pensei com tristeza.

— Sim... estou recapitulando os factos como se passaram. E agora, irmanado com Elle que se acha no seu luminoso Reino das Alturas que ainda não é deste mundo, sinto nestas estradas o signal de seus divinos passos. Vejo-O ainda na cruz entregando a Deus o seu destino... Sinto a clamorosa injustiça dos companheiros que O abandonaram inteiramente e me vem uma recordação carinhosa das poucas mulheres que O ampararam no doloroso transe... Em todas as homenagens a Elle prestadas, eu sou sempre a figura repugnante do traidor... ólho complacentemente os que me accusam sem reflectir se podem atirar a primeira pedra... Sobre o meu nome pesa a maldição millenaria, como sobre estes sitios cheios de miséria e de infortunio. Pessoalmente, porém, estou saciado de justiça, porque já fui absolvido pela minha consciencia, no tribunal dos supplicios redemptores.

Quanto ao Divino Mestre, continuou Judas com os seus prantos, infinita é a sua misericordia e não só para commigo, porque se recebi trinta moedas, vendendo-O aos seus algozes, ha muitos seculos Elle está sendo crimosamente vendido no mundo a grosso e a retalho, por todos os preços, em todos os padrões do ouro amoeado...

— E' verdade — conclui — e os novos negociadores do Christo não se enforcam depois de vendel-o.

Judas afastou-se tomando a direcção do Santo Sepulchro e eu, confundido nas sombras invisiveis para o mundo, vi que no céo brilhavam algumas estrellas sobre as nuvens pardacentas e tristes, enquanto o Jordão rolava na sua quietude como um lençol de aguas mortas, procurando um mar morto.

Humberto de Campos.

(Recebida em P. Leopoldo, a 23 de abril de 1935)

Aos que ainda se acham mergulhados nas sombras do mundo

Antigamente eu escrevia nas sombras para os que se conservavam nas claridades da Vida. Hoje, escrevo na luz branca da espiritualidade para quantos ainda se acham mergulhados nas sombras do mundo. Quero crer, porém, que tão dura tarefa, me foi imposta nas mansões da Morte, como exquísita penitencia ao meu bom gosto de homem que colheu quanto pôde dos fructos saborosos na arvore paradiaciaca dos nossos primeiros paes, segundo as Escripturas.

Comtudo não desejo imitar aquelle velho Tiresias que á força de proferir alvitres e sentenças, conquistou dos deuses o dom divinatório, em troca dos preciosos dons da vista.

Por esta razão o meu pensamento não se manifesta entre vocês que aqui accorreram para ouvil-o como o daquellas entidades batedoras, que em Hydesville, na America do Norte, por intermedio das irmãs Fox, viviam nos primordios do espiritismo, contando historias e dando respostas surprehen-

dentes com as suas pancadas ruidosas e alegres.

Devo tambem esclarecer ao sentimento de curiosidade que os tangeu até aqui, que não estou exercendo illegalmente a medicina como a grande parte dos defuntos, os quaes, hoje em dia, vivem diagnosticando e receitando mé-sinhas e aguas milagrosas para os enfermos.

Nem tampouco, na minha qualidade de reporter "fallecido" sou portador de alguma mensagem sensacional dos paredros communistas que já se foram dessa vida para a melhor, emulos dos Lenine, dos Kropotkine, cujos cerebros, a esta hora, devem estar transbordando theorias momentosas para o instante amargo que o mundo está vivendo.

O objectivo das minhas palavras posthumas é sómente demonstrar o homem... desincarnado e a immortalidade dos seus atributos. O factio é que vocês não me viram.

Mas contem lá fóra que enxergaram o médium. Não affirmem que elle se parece com o Mahatma Gandhi, em virtude de lhe faltar uma tanga, uma cabra e a experiencia "annosa" do "lider" nacionalista da India. Mas historiem, com sinceridade, o caso das suas roupas remendadas e tristes de proletario e da sua pobreza limpa e honesta que anda por esse mundo arrastando tamancos para a remissão de suas faltas nas anteriores encarnações. Quanto a mim, digam que eu estava por detraz do véu de Isis.

Mesmo assim, na minha condição de intangibilidade, não me furto ao desejo de lhes contar algo a respeito desta "outra vida" para onde todos têm de regressar. Se não estou nos infernos de que fala a theologia dos christãos, não me acho no setimo paraíso de Mahomet. Não sei contar as minhas aperturas na amarga perspectiva de completo abandono em que me encontrei, logo após abrir os meus olhos no reino extravagante da Morte. Afigurou-se-me que eu ia, directamente consignado ao Acheronte, cujas aguas amargosas deveria transpôr como as sombras para

nunca mais voltar, porque não cheguei a presenciar nenhuma luta entre São Gabriel e os Demonios, com as suas balanças tragicas, pela posse de minh'alma. Passados, porém, os primeiros instantes de "inusitado" receio, divisei a figura miuda e simples do meu Tio Antoninho, que me recebeu nos seus braços carinhosos de santo.

Em companhia, pois, de afeições ternas, no recanto fabuloso, que é a minha temporaria morada, ainda estou como aparvalhado entre todos os phenomenos da sobrevivencia. Ainda não cheguei a encontrar os sóes maravilhosos, as espheras, os mundos cometarios, portentos celestes, que descreve Flammarion na sua "Pluralidade dos Mundos". Para o meu espirito, a Lua ainda prosegue na sua carreira como esphinge eterna do espaço, embuçada no seu burel de freira morta.

Uma saudade doída e uma ansia sem termo fazem um turbilhão no meu cerebro: é a vontade de revêr, no reino das sombras, o meu pae e a minha irmã. Ainda não pude fazel-o. Mas em um movimento de maravilhosa retrospectão pude volver á minha infancia, na Miritiba longinqua. Revi as suas velhas ruas, semi-arruinadas pelas aguas do Piriá e pelas areias implacaveis... Revi os dias que se foram e senti novamente a alma expansiva de meu pae, como um galho forte e alegre do tronco robusto dos Véras e á minha frente, nos quadros vivos da memoria, abracei a minha irmázinha inesquecida, que era em nossa casa modesta como um anjo pequenino da Assumpção de Murillo, que se tivesse corporificado de uma hora para outra sobre as lamas da terra...

Descansei á sombra das arvores largas e fartas, escutando ainda as violas caboclas, repinicando os sambas da gente das praias nortistas e que tão bem ficaram archivados na poesia encantadora e simples de Juvenal Galeno.

Da Miritiba distante transportei-me á Parnahyba, onde vibrei com o meu grande mundo liliputiano... Em espirito, contemplei com a minha mãe as folhas enseivadas do meu cajueiro der-

ramando-se na Terra entre as harmonias do canto choroso das rôlas morenas dos recantos distantes de minha terra.

De almas entrelaçadas contemplei o vulto de marfim antigo daquella santa que, como um anjo, espalmou muitas vezes sobre o meu espirito cansado as suas azas brancas. Beijei-lhe as mãos encarquilhadas genuflexo e segurei as contas do seu rosario e as contas miúdas e claras que corriam furtivamente dos seus olhos, acompanhando a sua oração...

Ave-Maria... Cheia de graça... Santa Maria... Mãe de Deus...

Ah! de cada vez que o meu olhar se espraia tristemente sobre a superfície do mundo, volto a minha alma aos firmamentos, tomada de espanto e de assombro... Ainda ha pouco, nas minhas surpresas de recém-desincarnado, encontrei na existencia dos espaços, onde não se contam as horas, uma figura de velho, um espirito ancião, em cujo coração millenario, presumo refugiadas todas as experiencias. Longas barbas de neve, olhos transsudando piedade infinita e infinita doçura, da sua physionomia de Doutor da Lei, nos tempos apostolicos, irradiava-se uma corrente de profunda sympathia.

— "Mestre! — disse-lhe eu, na falta de outro nome — que podemos fa-

zer para melhorar a situação do orbe terreno? O espectáculo do mundo me desola e espanta... A familia parece se dissolve... o lar está balançando como os fructos pôdres, na imminencia de cair... a Civilização, com os seus numerosos seculos de leis e instituições afigura-se haver tocado os seus apogeus... De um lado existem os que se submergem num gozo apparente e ficticio, e do outro estão as multidões famintas, aos milhares, que não têm senão rasgado no peito ferido o signal da cruz, desenhado por Deus com as suas mãos prestigiosas, como os symbolos que Constantino gravara nos seus estandartes... E sobretudo, Mestre, é a perspectiva horrorosa da guerra...

Não ha tranquillidade e a Terra parece mais um fogareiro immenso, cheio de materias em combustão..."

Mas o bondoso espirito-ancião, me respondeu com humildade e brandura: — "Meu filho... Esquece o mundo e deixa o homem guerrear em paz!..."

Achei graça no seu paradoxo, porém só me resta acrescentar: — "Deixem o mundo em paz com a sua guerra e a sua indiferença!"

Não será minha bocca quem vá soprar na trombeta de Josaphat. Cada um guarde ahí a sua tença ou o seu preconceito. — Humberto de Campos.

Recebida em P. Leopoldo, a 28 de abril de 1935)

Trago-lhe o meu adeus sem prometter voltar breve

Apreciando, em 1932, o "Parnaso de Além Tumulo", que os poetas desincarnados mandaram ao mundo por intermedio de você, chamei a attenção dos estudiosos para a incognita que o seu caso apresentava. Os estudiosos, certamente, não appareceram. Deixando, porém, o meu corpo minado por uma

hypertrophia renitente, lembrei-me do acontecimento. Julgára eu que os bardos "do outro mundo", com a sua originalidade estilar, se compromettiam pela eternidade da producção, no falso presupposto de que se pudessem identificar por outra fórma. Encontrando ensejo para me fazer ouvir, através de

suas mãos, escrevi essas chronicas posthumas que o Sr. Frederico Figner transcreveu nas columnas do "Correio da Manhã". Não imaginei que o humilde escriptor desincarnado estivesse ainda na branqueza de quantos o viram desaparecer. E as minhas palavras provocaram celeuma. Discutiu-se e ainda se discute.

Você foi apresentado como habil fazedor de pastiches e os noticiaristas vieram averiguar o que havia de verdadeiro em torno do seu nome.

Colheram informes. Conheceram a honestidade da sua vida simples e as dificuldades dos seus dias de pobre. E, por ultimo, quizeram ver como você escrevia a mensagem dos mortos, como uma Remington accionada por dedos invisiveis.

Tive pena quando soube que iam conduzi-lo a um "test" e recordei-me do primeiro exame a que me sujeitei ahí com o coração batendo forte.

Fiz questão de enviar-lhe algumas palavras, como o homem que fala de longe á sua patria distante, através das ondas de Hertz, sem saber se os seus conceitos serão reconhecidos pelos patricios, levando em conta as deficiencias do apparelho receptor e os desequilibrios atmosphericos. Todavia, bem ou mal, consegui falar alguma cousa. Eu devia essa reparação á doutrina que você sinceramente professa.

Esperariam, talvez, que eu falasse sobre os fabulosos canaes de Marte, sobre a natureza de Venus, descrevendo, como os viajantes de Jules Verne, a orographia da Lua. Julgo, porém, que, por emquanto, me é mais facil uma discussão sobre o diamagnetismo de Faraday.

Admiram-se quando enxergaram a sua mão vertiginosa correndo sobre as linhas do papel.

A curiosidade jornalística é agora levantada em torno da sua pessoa. E' possivel que outros accorram para lhe fazer suas visitas. Mas ouça bem. Não me espere como a pythonisa de Endor aguardando a sombra de Samuel para fazer predicções a Saul sobre as suas

actividades guerreiras. Não sei movimentar as tripodes espiritas e se procurei falar naquella noite é que o seu nome estava em jogo. Collaborei, assim, na sua defesa. Mas, agora que os curiosos o procuram, na sua ociosidade, busque, no desinteresse, a melhor arma para desarmar os outros. Eu voltarei provavelmente quando o deixarem em paz na sua amargurosa vida.

Não desejo escrever maravilhando a ninguem e tenho necessidade de fugir a tudo o que tenho obrigação de esquecer:

Fique-se, pois, com a sua cruz, que é bem pesada por amor d'Aquella que accende o lume das estrellas e o lume da esperanza nos corações. A mediumnidade posta ao serviço do bem é quasi a estrada do Golgotha; mas a fé transforma em flores as pedras do caminho. Li ahí, certa vez, num conto delicado, que uma mulher em meio de soffrimentos acerbos, appellara para Deus, afim de que se modificasse a volumosa cruz da sua existencia. Como a filha de Scypião, vira nos filhos as joias preciosas da sua vaidade e do seu amor, mas, como Niobe vira-os arrebatados no torvelinho da morte, impellidos pela furia dos deuses. Tudo lhe falhára nas fantasias do amor, do lar e da ventura.

— Senhor, exclama ella, por que me destes uma cruz tão pesada? Arrancae dos meus hombros fracos esse insupportavel madeiro!

Mas, nas azas brandas do somno, a sua alma de mulher viuva e orphã foi conduzida a um palacio resplandescente. Um Anjo e Senhor recebeu-a no portico, com a sua benção. Uma sala luminosa e immensa lhe foi designada. Toda ella se enchia de cruces. Cruces de todos os feitios.

— Aqui — disse-lhe uma voz suave — guardam-se todas as cruces que as almas incarnadas carregam na face triste do mundo. Cada um desses madeiros traz o nome do seu possuidor. Attendendo, porém, á tua supplica, ordena Deus que escolhas aqui uma cruz menos pesada do que a tua.

A mulher escolheu conscienciosamente aquella cujo peso competia com as suas possibilidades, escolhendo-a entre todas.

Mas, apresentando ao Mensageiro Divino a sua preferencia, verificou que, na cruz escolhida, se encontrava esculpido o seu proprio nome, reconhecendo a sua impertinencia e rebeldia.

— Vae! — disse-lhe o Anjo — com a tua cruz e não descreias. Deus, na sua misericordiosa justiça, não pode-

ria macerar os teus hombros com um peso superior ás tuas forças.

Não se desanime, portanto, na faina em que se encontra, carregando esse fardo penoso que todos os incompreendidos já carregaram. E agora que os bisbilhoteiros o procuram, trago-lhe o meu adeus, sem prometter voltar breve.

Que o Senhor derrame sobre você a sua bênção que conforta todos os infelizes e todos os tristes.

HUMBERTO DE CAMPOS.

(Recebida em Pedro Leopoldo, a 21 de janeiro de 1936.)

A Passagem de Richet

O Senhor tomou lugar no tribunal da sua justiça e, examinando os documentos que se referiam ás actividades das personalidades eminentes sobre a Terra, chamou o Anjo da Morte, exclamando:

— “Nos meados do seculo findo, partiram daqui diversos servidores da Sciencia que prometteram trabalhar em meu nome, no orbe terraqueo, levantando a moral dos homens e suavizando-lhes as lutas. Alguns já regressaram, ennobrecidos nas acções dignificadoras, desse mundo longinquo. Outros, porém, desviaram-se dos seus deveres e outros ainda lá permanecem, no turbilhão das duvidas e das descrenças, laborando no estudo.

“Lembras-te daquelle que era aqui um inquieto investigador, com as suas analyses incessantes, e que se comprometteu a servir os ideaes da Immortalidade, adquirindo a fé que sempre lhe faltou?

— “Senhor, alludis a Charles Richet, reincarnado em Paris, em 1850, e que

escolheu uma notabilidade da medicina para lhe servir de pae?”

— “Justamente. Pelas noticias dos meus emissarios, apezar da sua sinceridade e da sua nobreza, Richet não conseguiu adquirir os elementos de religiosidade que fôra buscar, em favor do seu proximo. Tens conhecimento dos favores que o Céu lhe tem adjudicado, no transcurso da sua existencia?”

— “Tenho, Senhor. Todos os vossos mensageiros lhe cercaram a intelligencia e a honestidade com o halo da vossa sabedoria. Desde os primordios das suas lutas na Terra, os Genios da Immensidade o rodeiam com o sôpro divino de suas inspirações. Dessa assistencia constante lhe nasceram os poderes intellectuaes, tão cedo revelados no mundo. A sua passagem pelas academias da Terra, que serviu para excitar a potencia vibratoria da sua mente, em favor da resurreição do seu thesouro de conhecimentos, foi acompanhada pelos vossos emissarios com especial cari-

nho. Ainda na mocidade, leccionou na Faculdade de Medicina, obtendo a cadeira de physiologia. Nesse tempo, já seu nome, com os vossos auxilios, estava cercado de admiração e respeito. As suas produções grangearam-lhe a veneração e a sympathia dos seus contemporaneos. De 1877 a 1884, publicou estudos notaveis sobre a circulação do sangue, sobre a sensibilidade, sobre a estrutura das circumvoluções cerebraes, sobre a physiologia dos musculos e dos nervos, perquirindo os problemas graves do ser, investigando no circulo de todas as actividades humanas, conquistando o seu nome a admiração universal”.

— “E em materia de espiritualidade, replicou austeramente o Senhor, que lhe deram os meus emissarios e de que forma retribuiu o seu espirito a essas dadas?”

— “Nesse particular, exclamou solícito o Anjo, muito lhe foi dado. Quando deixastes cahir, mais intensamente, a vossa luz sobre os mysterios que me envolvem, elle foi dos primeiros a receber-lhe os raios fulgurantes. Em Carqueiranne, em Milão e na ilha Roubaud, muitas claridades o bafejaram, junto de Eusapia Paladino, quando o seu genio se entregava a observações positivas, com os seus collegas Lodge, Myers e Sidwick. De outras vezes, com Delanne, analysou as celebres experiencias de Alger, que revolucionaram os ambientes intellectuaes e materialistas da França, que então representava o cerebro da civilização occidental.

“Todos os portadores das vossas graças levaram as sementes da Verdade á sua poderosa organização psychica, appellando para o seu coração, afim de que elle affirmasse as realidades da sobrevivencia; povoaram-lhe as noites de severas meditações, com as imagens maravilhosas das vossas verdades, porém, apenas conseguiram que elle escrevesse o “Tratado de Metapsychica” e um estudo proveitoso, a favor da concordia humana, que lhe valeu o Premio Nobel da Paz, em 1913.

“Os mestres espirituales não desanimaram, nem descansaram nunca em torno da sua individualidade; mas, apezar de todos os esforços dispendidos, Richet viu, nas expressões phenomenologicas de que foi attento observador, apenas a exteriorisação das possibilidades de um sexto sentido nos organismos humanos. Elle que fôra o primeiro organisador de um dictionario de physiologia, não se resignou a ir além das demonstrações histologicas. Dentro da espiritualidade, todos os seus trabalhos de investigador se caracterizam pela duvida que lhe martyrisa a personalidade. Nunca ponde, Senhor, encarar as verdades immortalistas, senão como hypothese, mas o seu coração é generoso e sincero. Ultimamente, nas reflexões da velhice, o grande lutador se veio inclinando para a fé, até hoje inacessivel ao seu entendimento de estudioso. Os vossos mensageiros conseguiram inspirar-lhe um trabalho profundo, que appareceu no planeta como “A Grande Esperança” e, nestes ultimos dias, a sua formosa intelligencia realizou para o mundo uma mensagem entusiastica em prol dos estudos espiritualistas”.

— “Poís bem, exclamou o Senhor, Richet terá de voltar agora a penates. Traze de novo aqui a sua individualidade, para as necessarias interpellações”.

— “Senhor, assim tão depressa? — retornou o Anjo, advogando a causa do grande cientista — O mundo vê em Richet um dos seus genios mais poderosos, guardando nelle sua esperanza. Não conviria protelar a sua permanencia na Terra, afim de que elle vos servisse, servindo á Humanidade?”

— “Não — disse o Senhor tristemente — Se, após oitenta e cinco annos de existencia sobre a face da Terra, não ponde reconhecer, com a sua sciencia, a certeza da Immortalidade, é desnecessaria a continuação de sua estadia nesse mundo. Como recompensa aos seus esforços honestos em beneficio dos seus irmãos em humanidade, quero dar-lhe agora, com o poder do

meu amor, a scentelha divina da crença, que a sciencia planetaria jamais lhe concedeu, nos seus labores ingratos e frios.

No leito de morte, Richet tem as palpebras cerradas e o corpo na posição derradeira, em caminho da sepultura. Seu espirito inquieto de investigador não dormiu o grande somno.

Ha alli, cercando-lhe os despojos, uma multidão de fantasmas.

Gabriel Delanne estende-lhe os braços de amigo. Denis e Flammarion o contemplam com bondade e carinho. Personalidades eminentes da França antiga, velhos collaboradores da "Revista dos Mundos", cooperadores devotados dos "Annaes das Sciencias Psychicas" alli estão, para abraçarem o mestre, no limiar do seu tumulo.

Richet abre os olhos para as realidades espirituas que lhe eram desconhecidas. Parece-lhe haver retrocedido ás materializações da Villa Carmen; mas, ao seu lado, repousam os seus despojos, cheios de detalhes anatomicos. O eminente physiologista reconhece-se no mundo dos verdadeiros vivos. Suas percepções estão intensificadas, sua personalidade é a mesma e, no momento em que volve a attenção para a attitude carinhosa dos que o rodeiam, ouve uma voz suave e profunda, falando do Infinito:

— "Richet, exclama o Senhor no tribunal da sua misericordia, porque não affirmaste a Immortalidade, e porque desconheceste o meu nome no teu apostolado de missionario da sciencia e do labor? Abri todas as portas de ouro, que te poderia reservar sobre o

mundo. Perquiriste todos os livros. Aprendeste e ensinaste, fundaste sistemas novos do pensamento, á base das duvidas dissolventes. Oitenta e cinco annos se passaram, esperando eu que a tua honestidade me reconhecesse, sem que a fé desabrochasse em teu coração... Todavia, decifraste, com o teu esforço abençoado, muitos enigmas dolorosos da sciencia do mundo e todos os teus dias representaram uma sêde grandiosa de conhecimentos... Mas, eis, meu filho, onde a tua razão positiva é inferior á revelação divina da fé. Experimentaste as torturas da morte com todos os teus livros e deante della desappareceram os teus compendios, ricos de experimentações no campo das philosophias e das sciencias. E agora, premiando os teus labores, eu te concedo os thesouros da fé que te faltou, na dolorosa estrada do mundo!"

Sobre o peito do abnegado apostolo, desce do Céu um punhal de luz opalina, como um venabulo maravilhoso de luar indescrível.

Richet sente o coração tocado de luminosidade infinita e misericordiosa, que as sciencias nunca lhe haviam dado. Seus olhos são duas fontes abundantes de lagrimas de reconhecimento ao Senhor. Seus labios, como se voltassem a ser os labios de um menino, recitam o "Pae Nosso que estaes no Céu..."

Formas luminosas e aereas arrebatam-no, pela estrada de ether da eternidade e, entre prantos de gratidão e de alegria, o apostolo da sciencia caminhou da grande esperança para a certeza divina da Immortalidade.

- Humberto de Campos

(Recebida em Pedro Leopoldo, a ... de ... de 1936)

Hauptmann

"Na Casa da Morte", em Trenton, Bruno Richard Hauptmann, desfolha, pela ultima vez, o calendario de suas recordações. E' de tarde. O condemnado sente esvaecer-se-lhe a derradeira esperança. Já não ha mais possibilidade de adiamento da execução, depois das decisões do Grande Jury de Mercer, e o caso Wendel representava o unico elemento que modificaria o epilogo doloroso da tragedia de Hopewell.

O governador do Estado de Nova Jersey já havia desempenhado a sua imitação de Pilatos, e o senhor Kimberling nada mais poderia realizar que o cumprimento austero das leis que condemnaram o carpinteiro allemão á cadeira electrica.

Hauptmann sente-se perdido deante do irresistivel e chora, protestando a sua innocencia. Recapitula a série de circumstancias que o conduziram á situação de indigitado matador do "baby" Lindbergh, e espera ainda que a justiça dos homens reconheça o seu erro, salvando-o, á ultima hora, das mãos do carrasco. Mas a justiça dos homens está cega; tacteando na noite escura de suas vacillações, não viu senão a elle, no amontoado das sombras.

A policia norte-americana precisava que alguém viesse á barra do tribunal responder-lhe por um crime nefando, satisfazendo assim as exigencias da civilização, salvaguardando o seu renome e a sua integridade.

E o carpinteiro de Bronx, o olhar mareado de lagrimas, recorda os pequenos episodios da sua existencia. A sua velha humilde de Kamentz; o ideal da fortuna nas terras americanas, a

esposa afflicta e desventurada e a imagem do filhinho, brincando nas suas pupillas cheias de pranto, Hauptmann esquece-se então dos seus nervos de aço e da sua serenidade perante as determinações da justiça, e chora convulsivamente, enfrentando os mysterios silenciosos da Morte. Paira no seu cerebro a desillusão de todo o esforço deante da fatalidade e, sentindo o escoamento dos seus derradeiros minutos, foge espiritualmente do torvelinho das coisas humanas para se engolphar nas meditações das coisas de Deus. Suas mãos cansadas tomam a Biblia do padre Werner e o seu espirito excursiona no labyrintho das lembranças. Ao seu cerebro atormentado voltam as orações aprendidas na infancia, quando sua mãe lhe punha na bocca os psalmos de David e o santo nome de Deus. Depois disso elle viera para o mundo largo, onde os homens se devoraram uns aos outros no circulo nefasto das ambições. Suas preces de menino se perderam como restos de um naufragio em noite de procella. Elle não conhecera nenhum apostolo e jámais lhe mostraram, no turbilhão escuro das lutas humanas, uma figura que se assemelhasse áquelle Homem Suave dos Evangelhos; entretanto, nunca como naquella hora, elle sentiu tanto o desejo de ouvir-lhe a palavra seductora do Sermão da Montanha. Aos seus ouvidos ecoavam as derradeiras notas daquelle cantico de glorificação aos bemaventurados do mundo, pronunciado num crepusculo, ha dois mil annos, para aquelles que a vida condemnou ao infortunio e uma voz mysteriosa lhe segredava aos ouvidos os segredos da cruz, cheia de bellezas

ignoradas. Hauptmann toma o capitulo do Psalmo XXIII e repete com o Propheta: "O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará".

O relógio da Penitenciaria proseguia, decifrando os enigmas do tempo, e o carrasco já havia chegado, para o seu terrível mistér. Cincoenta testemunhas allí se conservavam para presenciar á scena do supremo desrespeito pelas vidas humanas. Medicos, observadores das actividades judiciarias, autoridades e guardas, allí se reuniam para encerrar tragicamente um drama sinistro que emocionou o mundo inteiro.

O condemnado, á hora precisa, cabellos raspados á machina zero e a calça fendida, para que a execução não falhasse, entra, calado e sereno, na Camara da Morte. Havia no seu rosto um suor pastoso, como o dos agonizantes. Nenhuma syllaba se lhe escapou da garganta silenciosa.

Contemplou calmamente o olhar curioso e angustiado dos que o rodeavam, representando ironicamente o testemunho das leis humanas. No seu peito não havia o perdão de Christo para os seus verdugos, mas um vulcão de prantos amargos torturava-lhe o intimo nos instantes derradeiros; considerando toda a inutilidade de sua acção, deante do Destino e da Dôr, deixou-se amarrar á poltrona da morte enquanto os seus olhos tangíveis não viam mais os beneficios alegres da claridade, mergulhando-se nas trevas compactas em que iam entrar.

Elliot imprime o primeiro movimento á roda fatidica, correntes electricas anestesiavam o cerebro do condemnado, e, dentro de quatro minutos, pelo preço mesquinho de alguns centavos, os Estados Unidos da America do Norte exercem a sua justiça, não obstante as duvidas tremendas que pairam sobre a culpabilidade do homem, sobre cuja cabeça recahiram os rigores de suas sentenças.

Muito se tem escripto sobre o doloroso drama de Hopewell. Os jornaes de todo o mundo focalizaram o assum-

pto, e as estações de radio encheram a atmospherá com as repercussões dessa historia emocionante; não é demais, portanto, que "um morto" se interesse por esse processo que apaixonou a opinião publica mundial. Não para exercer a função de revisor dos erros judiciais, mas para extrair a lição da experiencia e o beneficio do ensinamento.

As leis penaes da America do Norte não possuíam elementos comprobatorios da culpa de Bruno Hauptmann, como autor do nefando infanticidio.

Para conduzi-lo á cadeira da morte não se prevaleceu senão dos argumentos dubitativos, inadmissiveis dentro da cultura jurídica dos tempos modernos.

Muitas circumstancias preponderavam no desenrolar dos acontecimentos, e que não foram tomadas na consideração que lhes era devida.

A historia de Izidoro Fisch, a acção de Betty Cow e de Violette Scharp, a leviandade das accusações de Jafzie Condon e a duvida profunda empolgando todos os corações que acompanharam, em suas etapas dolorosas, o desdobramento desse processo sinistro.

Mas em tudo isso, nessa tragedia que feriu cruelmente a sensibilidade christã, ha uma justiça pairando mais alto que todas as decisões dos tribunaes humanos, sómente accessivel aos que penetraram o escuro mysterio da Vida, no resurgimento das reencarnações.

Hauptmann sacrificado na sua innocencia, Harold Hoffman com desprestigio politico perante a opinião publica do seu paiz e Lindbergh, heróe de um seculo, idolo do seu paiz e um dos homens mais afortunados do mundo, fugindo de sua terra a bordo do "American Importer", onde quasi lhe faltava o conforto mais comezinho, como se fôra um criminoso vulgar, são personalidades interpelladas na Terra pela Justiça Suprema.

Nos segundos e nos espaços ha uma figura de Argus, observando todas as coisas.

No seu tribunal do direito absoluto a Themis divina architecta a trama dos

destinos de todas as creaturas. E só nessa Justiça pode a alma guardar a sua esperanza porque o direito humano, quasi sempre filho da supremacia da força, é ás vezes falho de verdade e de sabedoria.

Dia virá em que a justiça humana comprehenderá a extensão do seu erro, condemnando um innocente. As autoridades juridicas hão de se preparar para a enunciação de uma nova sentença, mas o processo terá subido inte-

gralmente para a alçada da equidade suprema. Debaide os juizes da Terra tentarão restabelecer a realidade dos factos com os recursos de sua tardia argumentação, porque nesse dia, quando Bruno Richard Hauptmann fôr convocado para o ultimo depoimento em favor do resgate de sua memoria, o carpinteiro de Bronx, que os homens electrocutaram, não passará de um punhado de cinzas".

Humberto de Campos

(Recebida em Pedro Leopoldo a 20 de dezembro de 1935)

A ordem do Mestre

Avisinhando-se o Natal, havia tambem no Céu um reboiço de alegrias suaves. Os Anjos accendiam estrellas nos cômodos de neblinas douradas e vibravam no ar as harmonias mysteriosas que encheram um dia de encantadora suavidade a noite de Belém. Os pastores do paraíso cantavam e, enquanto as harpas divinas tangiam suas cordas sob o esforço caricioso dos zephyros da immensidade, o Senhor chamou o Discipulo Bem Amado ao seu throno de jasmíns matisados de estrellas.

O vidente de Pathmos não trazia o estigma da decrepitude, como nos seus ultimos dias entre as Esporades. Na sua physionomia pairava aquella mesma candura adolescente que o caracterisava, no principio do seu apostolado.

— João — disse-lhe o Mestre — lembras-te do meu apparecimento na Terra?

— Recordo-me, Senhor. Foi no anno 749 da era romana, apezar da arbitrariedade de Frei Dionisios, que collocou erradamente o vosso natalicio em 754, calculando no seculo VI da era christã.

— Não, meu João — retornou docemente o Senhor — não é a questão chronologica que me interessa, em te arguindo sobre o passado. E' que nessas suaves commemorações vêm até mim o murmúrio doce das lembranças!...

— Ah! sim, Mestre Amado, retrucou pressuroso o Discipulo, comprehendovos. Fa'aes da significação moral do acontecimento. Oh!... se me lembro... a mangedeira, a estrellá guian-do os poderosos ao estabulo humilde, os canticos harmoniosos dos pastores, a alegria resoante dos innocentes, afirmando-se-nos que os animaes vos comprehendiam mais que os homens, aos quaes offertaveis a lição da humildade, com o thesouro da fé e da esperanza. Naquelle noite divina, todas as potencias angelicas do paraíso se inclinaram sobre a Terra cheia de gemidos e de amargura, para exaltar a mansidão e a piedade do Cordeiro. Uma promessa de paz desabrochava para todas as coisas, com o vosso apparecimento sobre o mundo. Estabelecerase um noivado meigo entre a Terra e o Céu e recordo-me do jubilo com que vossa Mãe vos recebeu nos seus braços,

feitos de amor e de misericórdia. Dir-se-ia, Mestre, que as estrelas de ouro do paraíso fabricaram, naquella noite de aromas e de radiosidades indefiníveis, um mel divino no coração piedoso de Maria!...

Retrocedendo no tempo, meu Senhor bem amado, vejo o transcurso da vossa infancia, sentindo o martyrio de que fostes objecto; o extermínio das creanças de vossa idade, a fuga nos braços carinhosos da vossa progenitora, os trabalhos manuaes em companhia de José, as vossas visões maravilhosas no Infinito, em communhão constante com o vosso e nosso Pae, preparando-vos para o desempenho da missão unica que vos fez abandonar por alguns momentos os palacios de sol da mansão celestial, para descer sobre as lamas da Terra...

— Sim, meu João, e, por falar nos meus deveres, como seguem no mundo as coisas attinentes á minha doutrina?

— Vão mal, meu Senhor. Desde o concilio ecumenico de Nicéa, effectuado para combater o schisma de Ario em 325, as vossas verdades são deturpadas. Ao arlanismo, seguiu-se o movimento dos iconoclastas em 787 e tanto contrariaram os homens o vosso ensinamento de pureza e de simplicidade, que elles proprios nunca mais se entenderam na interpretação dos textos evangelicos.

— Mas, não te recordas, João, que a minha doutrina era sempre accessivel a todos os entendimentos? Deixei aos homens a lição do caminho, da verdade e da vida, sem lhes haver escripto uma só palavra.

— Tudo isso é verdade, Senhor, mas, logo que regressastes aos vossos imperios resplandescentes, reconhecemos a necessidade de legar á posteridade os vossos ensinamentos. Os evangelhos constituem a vossa biographia na Terra; comtudo, os homens não dispensam, em suas actividades, o véo da materia e do symbolo. A todas as coisas puras da espiritualidade addicionam a extravagancia de suas concepções. Nem nós e nem os evangelhos poderíamos escapar. Em diversas basi-

licas de Ravenna e de Roma, Matheus é representado por um joven, Marcos por um leão, Lucas por um touro e eu, Senhor, estou alli sob o symbolo estranho de uma aguia.

— E os meus representantes, João, que fazem elles?

— Mestre, envergonho-me de o dizer. Andam quasi todos mergulhados nos interesses da vida material. Em sua maioria, aproveitam-se das oportunidades para explorar o vosso nome e, quando se voltam para o campo religioso, é quasi que apenas para se condemnarem uns aos outros, esquecendo-se de que lhes ensinastes a se amarem como irmãos.

— As discussões e os symbolos, meu querido, disse-lhe suavemente o Mestre, não me impressionam tanto. Tiveste, como eu, necessidade destes ultimos para as predicacões e, sobre a luta das idéas, não te lembras quantas autoridades fui obrigado a despendar, mesmo depois da minha volta da Terra, para que Pedro e Paulo não se tornassem inimigos? Se entre os meus apóstolos prevaleciam semelhantes desuniões, como poderíamos eliminá-las do ambiente dos homens, que não me viram, sempre inquietos nas suas indagações?... O que me contrista é o apego dos meus missionarios aos prazeres fugitivos do mundo!

— E' verdade, Senhor.

— Qual o nucleo de minha doutrina que detem no momento maior força de expansão?

— E' o departamento dos Bispos romanos, que se recolheram dentro de uma organização admiravel pela sua disciplina, mas altamente perniciosa pelos seus desvios da verdade. O Vaticano, Senhor, que não conheceis, é um amontoado sumptuoso das riquezas das traças e dos vermes da Terra. Dos seus palacios confortaveis e maravilhosos irradia-se todo um movimento de escravisação das consciencias. Emquanto vós não tinheis uma pedra onde repousar a cabeça, dolorida, os vossos representantes dormem a sua sêsta sobre almofadas de velludo e de ouro; emquanto trazieis os vossos pés

macerados nas pedras do caminho escabroso, quem se inculca como vosso embaixador traz a vossa imagem nas sandalias matisadas de perolas e de brilhantes. E junto de semelhantes superfluidades e absurdos, surprehendemos os pobres chorando de cansaço e de fome; ao lado do luxo nababesco das basilicas sumptuosas, erigidas no mundo como um insulto á gloria da vossa humildade e do vosso amor, choram as creanças desamparadas, os mesmos pequeninos a quem extendieis os vossos braços compassivos e misericordiosos. Emquanto sobram as lagrimas e os soluços entre os infortunados, nos templos, onde se cultua a vossa memoria, transbordam moedas em mãos cheias, parecendo, com amarga ironia, que o dinheiro é uma defecação do demonio no chão acolhedor da vossa casa.

— Então, meu Discipulo, não poderemos alimentar nenhuma esperança?

— Inflizmente, Senhor, é preciso que nos enganemos. Por um estranho contraste, ha mais atheus bem-quistos no Céu, do que aquelles religiosos que falavam em vosso nome na Terra.

— Entretanto — sussurraram os labios divinos docemente — consagro o mesmo amor á humanidade soffredora. Não obstante a negativa dos philoso-

phos, as ousadias da sciencia, o apôdo dos ingratos, a minha piedade é inal-teravel... Que suggeres, meu João, para solucionar tão amargo problema?

— Já não dissestes, um dia, Mestre, que cada qual tomasse a sua cruz e vos seguisse?

— Mas, prometti ao mundo um Consolador em tempo opportuno!...

E os olhos claros e limpidos, postos na visão piedosa do amor de seu Pae Celestial, Jesus exclamou:

— Se os vivos nos trahiram, meu Discipulo Bem Amado, se traficam com o objecto sagrado da nossa casa, profligando a fraternidade e o amor, mandarei que os mortos fa'em na Terra em meu nome. Deste Natal em diante, meu João, descerrarás mais um fragmento dos véos mysteriosos que cobrem a noite triste tumulos, para que a verdade resurja das mansões silenciosas da Morte. Os que já voltaram pelos caminhos ermos da sepultura retornarão á Terra, para diffundirem a minha mensagem, levando aos que soffrem, com a esperança posta no Céu, as claridades bemitidas do meu amor!...

E desde essa hora memoravel, ha mais de cincoenta annos, o Espiritismo veio, com as suas lições prestigiosas, felicitar e amparar na Terra a todas as creaturas.

Humberto de Campos

(Recebida em Pedro Leopoldo, a 11 de agosto de 1935)

Oh! Jerusalém!... Jerusalém!

E' possível a estranheza dos que vivem na Terra, com respeito á attitude dos desincarnados, esmiuçando-lhes as questões e opinando sobre os problemas que os inquietam.

E' logico, porém, que os recém-libertos do mundo fa'em mais com o seu

cabedal de experiencias do passado, que com a sua sciencia do presente, adquirida á custa de faculdades novas, que o homem não está ainda á altura de comprehender.

Podem imaginar-se na Terra determinadas condições da vida sobre a super-

fície de Marte; mas, o que interessa, por enquanto, ao mundo semelhantes descobertas, se os enigmas que o assoberbam ainda não foram decifrados? Para o exilado da Terra, não vale a psicologia do homem desincarnado. Tacteano na prisão escura da sua vida, seria quasi um crime augmentar-lhe as preocupações e ansiedades. Eu teria muitas coisas novas a dizer — todavia, apraz-me, com o objecto de me fazer comprehendido, debruçar nas bordas do abysmo em que andei vacillando, subjugado nos tormentos, perquirindo os seus logogryphos inextricaveis, para arrancar as lições da sua inutilidade.

Tambem o homem nada toiera que venha infringir o metro da sua rotina. Presumindo-se rei na criação, não admite as verdades novas que esphacelam a sua corôa de argila.

Os mortos, para serem reconhecidos, deverão tanger a tecla da mesma vida que abandonaram.

Isso é intuitivo.

O jornalista, para alinhavar os argumentos da sua chronica, busca os noticiarios, aproveita-se dos acontecimentos do dia, tirando a sua illação das occorrencias do momento.

É meu espirito volve a contemplar o espectáculo angustioso dessa Abyssinia, abandonada no seio dos povos, como o derradeiro reducto da liberdade de uma raça infeliz, cobiçada pelo imperialismo do seculo, lembrando-me de Castro Alves, nas suas amarguradas "Vozes d'Africa":

Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrella tu te escondes,
Embuçado nos ceus?
Ha dois mil annos te mandei meu grito,
Que embalde, desde então, corre o infinito
Onde estás, Senhor Deus?

Da Roma poderosa partem as caravanas de guerreiros. Carthago agonisa no seu desgraçado heroismo. Publio Cornelio consegue a mais estrondosa das victorias. Os cerebros dos patricios illustres embriagam-se no vinho do triumpho; e nas galeras sumptuosas, onde as aguias symbolisam o orgulhoso po-

der da Roma eterna, lamentam-se os escravos nos seus nefandos martyrios.

Os cesares enchem a cidade das Sabinas de trophéos e glórias. Todos os deuses são venerados. Os paizes são submettidos e os povos entoam o hymno da obediencia á senhora do mundo.

Já não se ouve a melodiosa flauta de Pan nos bosques da Thessalia e nas margens do Nilo apagam-se as luzes dos mais suaves mysterios.

Victima, porém, dos seus proprios excessos, o grande imperio vê apressar-se a sua decadencia. No esboroamento dos seculos, a invencivel potencia dos Cesares é um montão de ruinas. Sobre os seus marmores sumptuosos cercsem as destruições.

Roma dormiu o seu grande somno.

Ei-la, comtudo, que desperta.

Mussolini deixa escapar um grito do seu peito de ferro e a Roma antiga acorda do lethargo, reconhecendo a perda dos seus immensos dominios.

Urge, porém, recuperar o poderio, empenhando-se em alargar o seu imperio colonial.

Onde e como?

O mundo está cheio de leis, de tratados de amparo reciproco entre as nações.

A França já occupou todos os territorios ao alcance das suas possibilidades, a Allemanha está fortificada para as suas aventuras, o Japão tem as suas vistas sobre a China e a Inglaterra, calculista e poderosa, não pode ceder um millimetro no terreno das suas conquistas.

Mas, Roma quer a expansão da sua força economica e prepara-se para roubar a derradeira illusão de um povo desgraçado, ao qual não basta a lembrança amarga dos captiveiros multi-seculares, julgando-se livre na obscura faixa de terra para onde recuou, batido pela crueldade das potencias imperia-listas.

Que mal fizeste á civilização corrompida dos brancos, ó pequena Abyssinia, grande pela expressão resignada do teu ardente heroismo?

Como pudeste, das areias calcinantes do deserto, onde apuras o teu espirito

de sacrificio, penetrar nas instituições europeas, provocando a furia das suas armas?

Deixa que passem sob o teu sol de fogo as hordas de vandalas, sedentas de chacina e de sangue.

Sobre as tuas esperanças malbaratadas derramará o Senhor o perfume da sua misericordia. Os humildes têm o seu dia de bemaventurança e de gloria.

Não importa sejas o joguete dos caprichos condemnaveis dos teus verdugos, porque sobre o mundo todas as

frontes orgulhosas desceram do pináculos da sua grandeza para o esterquilinio e para o pó.

Se tanto for preciso, recebe sobre os teus hombros a mortalha de sangue, porque, junto do maravilhoso imperio da civilização apodrecida dos brancos, ouve-se a voz lamentosa de um novo Jeremias: — O' Jerusalém!... Jerusalém!...

Humberto de Campos

(Recebida em Pedro Leopoldo, a 13 de dezembro de 1935)

Um sceptico

Ainda não me encontro bastante desapegado desse mundo para que não me sentisse tentado a voltar a elle, no dia que assignalou o meu desprendimento da carcassa de ossos.

Se o vinte e sete de outubro marcou o meu ingresso no reino das sombras, que é a vida dali, o cinco de dezembro representou a minha volta ao paiz de claridades bemitas, cujas portas de ouro são escancaradas pelas mãos poderosas da morte.

Nessa noite, o ambiente do cemiterio de São João Baptista parecia suffocante. Havia um "que" de mysterios, entre as catacumbas silenciosas, que me enervava, apezar da ausencia dos nervos tangiveis no meu corpo estranho de espirito. Todavia, toquei as flores cariciosas que a Saudade me levava, piedosa e compungidamente. O seu aroma penetrava o meu coração como um consolo brando, conduzindo-me, num retrospecto maravilhoso, ás minhas affei-

ções commovidas, que haviam ficado á distancia.

E foi entregue a essas cogitações, a que são levados os mortos quando penetram o mundo dos vivos, que vi, acorrido sobre a terra, um dos compa-
uheiros que me ficavam proximos ao "bunga'ow" subterraneo com que fui mimoseado na terra carioca.

— O senhor é o dono desses ossos que estão por ahí apodrecendo? interpellou-me.

— Sim, e a que vem a sua pergunta?

— Ora, é que me lembro do dia de sua chegada ao seu palacete subterraneo. Recordo-me bem, apezar de sahir pouco dessa toca para onde fui relegado ha mais de trinta annos... O senhor se lembra? A urna funeraria, portadora dos seus despojos, sahiu solemnemente da Academia de Letras, altas personalidades da politica dominante se fizeram representar nas suas exequias e ouvi sentidos panegyricos pro-

nunciados em sua homenagem. Muito trabalho tiveram as machinas fotograficas na camaradagem dos homens da imprensa e tudo fazia sobressahir a impopularidade do seu nome illustre. Procurei aproximar-me de si e notei que as suas mãos, que tanto haviam acariciado o espadim academico, estavam inermes e que os seus miolos, que tanto haviam vibrado, tentando aprofundar os problemas humanos, estavam reduzidos a um punhado de massa informe, onde apenas os vermes encontrariam algo de util. Entretanto, embora as homenagens, as honrarias, a celebridade, o senhor veiu humildemente repousar entre as tibias e os humeros daquelles que o antecederam na jornada da Morte. Lembra-se o senhor de tudo isso?

— Não me lembro bem... Tinha o meu espirito perturbado pelas dores e emoções successivas.

— Pois eu me lembro de tudo. Daqui, quasi nunca me afasto, como um olho de Argos, avivando a memoria dos meus visinhos. O senhor conhece as cryptas de Palermo?

— Não.

— Pois, nessa cidade, os monges, um dia, conjugando a piedade com o interesse, inventaram um cemiterio bizarro. Os mortos eram mumificados e não baixavam á sepultura. Proseguiam de pé a sua jornada de silencio e de nudez espantosa. Milhares de esqueletos alli ficaram, em marcha, vestidos ao seu tempo, segundo os seus gostos e opiniões. Muito rumor causou essa parada de caveiras e de canellas, até que um dia um inspector da hygiene, visitando essa casa de sombras da vida e enojado com a presença dos ratos que roiam displicentemente as costellas dos trespassados ricos e illustres que se davam ao gosto de comprar alli um logar de descanso, mandou cerrar-lhe as portas pelo ministro Crispi, em 1888. Ora, bem: eu sou uma especie dos defuntos de Palermo. Aqui estou sempre de pé, apesar dos meus ossos estarem dissolvidos na terra, onde se encontraram com os ossos dos que foram meus inimigos.

— A vida é assim, disse-lhe eu; mas, porque se dá o amigo á essa ingloria ta-

refa na solidão em que se martyrisa? Não teria vindo do orbe com bastante fé, ou com alguma credencial que o recommendasse a este mundo cujas fileiras agora integramos?

— Credenciaes? Trouxe muitas. Além da honorabilidade de velho politico do Rio de Janeiro, trazia as insignias da minha fé catholica, apostolica romana. Morri com todos os sacramentos da igreja; porém, apesar das palavras sacramentaes, da lithurgia e das felicitações dos hyssopes, não encontrei viva alma que me buscasse para o caminho do Céu, ou mesmo do Inferno. Na minha condição de defunto incomprehendido, procurei os templos catholicos, que certamente estavam na obrigação de me esclarecer. Comtudo, depressa me convenci da inutilidade do meu esforço. As igrejas estão cheias de mystificações. Se Jesus voltasse agora ao mundo, não poderia tomar um atomo de tempo pregando as virtudes christãs, na base luminosa da humildade. Teria de tomar, incontinenti, ao regressar a este mundo, um latego de fogo e trabalhar annos a fio no saneamento de sua casa. Os vendilhões estão muito multiplicados e a epoca não comporta mais o Sermão da Montanha. O que se faz necessario, no tempo actual, no tocante a esse problema, é a creolina de que falava Guerra Junqueiro, nas suas blasphemias.

— Mas, o irmão está muito sceptico. E' preciso esperança e crença...

— Esperança e crença? Não acredito que ellas salvem o mundo, com essa geração de condemnados. Parece que maldições infinitas perseguem a moderna civilização. Os homens falam de fé e de religião, dentro do snobismo e da elegancia da epoca. A religião é para uso externo, perdendo-se o espirito, nas materialidades do seculo. As creaturas parecem muito satisfeitas sob a tutela estranha do diabo. O nome de Deus, na actualidade, não deve ser evocado senão como mascara para que os enigmas do demonio sejam resolvidos.

Não estamos nós aqui, dentro da terra da Guanabara, paraíso dos turistas, cidade maravilhosa? Percorra o senhor,

ainda depois de morto, as grandes avenidas, as arterias gigantescas da capital e verá as creanças famintas, as mãos enauseantes dos leprosos, os rostos desfigurados e pallidos das mães soffredoras, enquanto o governo remodela os theatros, incentiva as orgias carnavalescas e multiplica regalos e distrações. Vá ver como o cancer devora os corpos enfermos no hospital da Gambôa; ande pelos morros, para onde fugiu a miseria e o infortunio; visite os hospícios e leprosarios. Ha de se vencer da inutilidade de todo o serviço em favor da esperança e da crença. Em materia de religião, tente materialisar-se e corra aos predios elegantis e aos bungalows adoraveis de Copacabana e do Leblon, suba a Petropolis e grite a verdade. O seu fantasma seria corrido a pedradas. Todos os homens sabem que não de chocalhar os ossos, como nós, algum dia, mas, um vinho diabolico envenenou no berço essa geração de infelizes e de descrentes.

— Porque o amigo não tenta o Espiritismo. Essa doutrina representa hoje toda a nossa esperança.

— Já o fiz. E' verdade que não compareci em uma reunião de sabedores da doutrina, conhecedores do terreno que perquiriam; mas, estive em uma assemblea de adeptos e procurei falar-lhes dos grandes problemas da existencia das almas. Exprobei os meus erros do passado, penitenciando-me das minhas culpas para escarmenta-los; mostrei-lhes as vantagens da pratica do bem, como

base unica para encontrarmos a senda da felicidade, relatando-lhes a verdade terrivel, na qual me achei um dia, com os ossos confundidos com os ossos dos miseraveis. Todavia, um dos componentes da reunião interpellou-me a respeito das suas tricas domesticas, accrescentando uma pergunta quanto á marcha dos seus negocios.

Desilludi-me.

Não tentarei coisa alguma. Desde que temos vida depois da morte, prefiro esperar a hora do Juizo Final, hora essa em que deverei buscar um outro mundo, porque, com respeito á Terra, não quero chafurdar-me na sua lama. Por estranho paradoxo, vivo depois da morte, serei adepto da congregação dos descrentes...

— Então, nada o convence?

— Nada. Ficarei aqui até á consumação dos évos, se a mão do Diabo não se lembrar de me arrancar dessa toca de ossos moidos e cinzas asquerosas. E, quanto ao senhor, não procure afastar-me dessa misanthropia. Continúe gritando para o mundo que lhe guarda os despojos. Eu não o farei.

E o singular personagem recolheu-se á escuridão do seu canto immundo, enquanto pesava no meu espirito a certeza dolorosa da existencia dessas almas vasias e incomprehendidas, na parada eterna dos tumulos silenciosos, para onde os vivos levam de vez em quando as flores perfumadas da sua saudade e da sua afeição.

Humberto de Campos

(“Aurora”, Rio, 1-5-1936).

Carta á minha mãe

Hoje, mamãe, eu não te escrevo daquelle gabinete, cheio de livros sabios, onde o teu filho, pobre e enfermo, via passar os espectros dos enigmas humanos, junto da lampada que, aos pou-

cos, lhe devorava os olhos, no silencio da noite.

A mão que me serve de portacaneata é a mão cansada de um homem pauperrimo que trabalhou o dia inteiro,

buscando o pão amargo e quotidiano dos que lutam e soffrem. A minha secretaria é uma tripeça tosca á guisa de mesa e as paredes que me rodeiam são nuas e tristes, como aquellas de nossa casa desconfortavel em Pedra do Sal. O telhado sem forro, deixa passar a ventania lamentosa da noite e deste remanso humilde onde a pobreza se esconde, exausta e desalentada, eu te escrevo sem insomnias e sem fadigas, para contar-te que ainda estou vivendo para amar e querer a mais nobre das mães.

Queria voltar ao mundo que eu deixei, para ser novamente teu filho, desejando fazer-me um menino, aprendendo a rezar com o teu espirito santificado nos soffrimentos.

A saudade do teu affecto leva-me constantemente á essa Parnahyba das nossas recordações, cujas ruas arenosas, saturadas do vento salitroso do mar, sensibilisam a minha personalidade e dentro do crepusculo estrellado de tua velhice, cheia de crença e de esperança, vou contigo, em espirito, nos retrospectos prodigiosos da imaginação, aos nossos tempos distantes. Vejo-te com os teus vestidos modestos em nossa casa da Miritiba, supportando com serenidade e dovotamento os caprichos alegres de meu pae. Depois, faço a recapitulação dos teus dias de viuvez dolorosa, junto da machina de costura e do teu "terço" de orações, sacrificando a mocidade e a saúde pelos filhos, chorando com elles a orphandade que o destino lhe reservára e junto da figura gorda e risonha da Midoca, ajoelho-me aos teus pés e repito: — "Meu Senhor Jesus Christo, se eu não tiver de ter uma boa sorte, levae-me deste mundo, dando-me uma boa morte".

Muitas vezes, o destino te fez crer que partirias antes daquelles que havias nutrido com o beijo das tuas caricias, demandando os mundos ermos e frios da Morte. Mas partimos e tu ficaste. Ficaste no cadinho doloroso da Saudade, prolongando a esperança numa vida melhor no seio immenso da eternidade. E o culto dos filhos é o consolo suave do teu coração. Aca-

riando os teus netos, guardas com o desvelo o meu cajueiro que ahí ficou como um symbolo, plantado no coração da terra parnahybana e, carinhosamente, colhes das suas castanhas e das suas folhas fartas e verdes, para que as almas boas conservem uma lembrança do teu filho, arrebatado no turbilhão da Dor e da Morte.

Ao Mirocles, mamãe, que providenciou quanto ao destino desse irmão que ahí deixei, enfeitado de flores e passarinhos, estuante de seiva na carne moça da terra, pedi, velasse pelos teus dias de isolamento, e velhice, substituindo-me junto do teu coração. Todos os nossos te estendem as suas mãos bondosas e amigas e é assumbrada que, hoje, ouves a minha voz, através das mensagens que tenho escrito para quantos me possam comprehender. Sensibilisam-me as tuas lagrimas, quando passas os olhos cansados sobre as minhas paginas posthumas e procuro dissipar as duvidas que torturam o teu coração, combalido nas lutas. Assalta-me o desejo de me encontrares, tocando-me com a generosa ternura de tuas mãos, lamentando as tuas vacillações e os teus escrúpulos, temendo aceitar as verdades espiritas, em detrimento da fé catholica que te vem sustentando nas provações. Mas não é preciso, mamãe, que me procures nas organizações espiritistas e para creres na sobrevivencia do teu filho não é necessario que abandones os principios da tua fé. Já não ha mais tempo para que o teu espirito excursione em experiencias no caminho vasto das philosophias religiosas.

Numa de suas paginas, dizia Coelho Netto que as religiões são como as linguagens. Cada doutrina envia a Deus, a seu modo, o voto de sua supplica ou de sua adoração. Muitas mentalidades entregam-se ahí no mundo aos trabalhos da discussão. Chega porém um dia em que o homem acha melhor repousar na fé a que se habituou, nas suas meditações e nas suas lutas. Esse dia, mamãe, é o que estás vivendo, refugiada no conforto triste das lagrimas e das recordações. Ascendendo ás culminancias do teu Calvario de sau-

dade e de angustia, fixas os teus olhos na celeste expressão do Crucificado e Jesus que é a providencia misericordiosa de todos os desamparados e de todos os tristes, te fala ao coração dos vinhos suaves e doces de Caná que se metamorphosearam no vinagre amargo dos martyrios e das palmas verdes de Jerusalem que se transformaram na pesada coroa de espinhos. A cruz então se te afigura mais leve e caminhas. Amigos devotados e carinhosos te enviam de longe o terno consolo dos seus affectos e proseguindo no teu culto de amor aos filhos distantes, esperas que o Senhor com as suas mãos prestigiosas, venha decifrar para os teus olhos os grandes mysterios da Vida.

Esperar e soffrer têm sido os dois grandes motivos, em torno dos quaes rodopiaram os teus quasi setenta e cinco annos de provações de viuvez e de orphandade.

E eu, minha mãe, não estou mais ahí para aflagar-te as mãos tremulas e os teus cabellos brancos que as dores santificaram. Não posso prover-te de pão e nem guardar-te da furia da tempestade, mas abraçando o teu espirito, sou a força que adquires na oração, como se absorvesse um vinho mysterioso e divino.

Inquerido certa vez, pelo grande Luiz Gama, sobre as necessidades de sua alforria, um joven escravo lhe observou:

"Não, meu senhor!... a liberdade que me offerece me doeria mais que o ferrete da escravidão, porque minha mãe, cansada e decrepita, ficaria sozinha nos martyrios do captivo."

Se Deus me perguntasse, mamãe, sobre os imperativos da minha emanci-

pação espiritual, eu teria preferido ficar ahí, não obstante a claridade apagada e triste dos meus olhos e hypertrophia que me transformava num monstro para levar-te o meu carinho e a minha affeição, até que pudessemos partir juntos, desse mundo onde sonhamos tudo para nada alcançar.

Mas se a Morte parte os grillhões frageis do corpo, é impotente para dissolver as algemas inquebrantaveis do espirito.

Deixa que o teu coração prosiga, officinando no altar da saudade e da oração; cantaro divino e santificado. Deus collocará dentro d'elle o mel abençoado da esperança e da crença, e, um dia, no portal ignorado do mundo das Sombras, eu virei, de mãos entrelaçadas com a Midoca, retrocedendo no tempo para nos transformarmos em tuas creanças bem amadas. Seremos agasalhados então nos teus braços cariciosos, como dois passarinhos minusculos, ansiosos da douçura quente e doce das azas de sua mãe e guardaremos as nossas lagrimas nos cofres de Deus, onde ellas se crystallisam como as moedas fulgurantes e eternas do erario de todos os infelizes e desafortunados do mundo.

Tuas mãos segurarão ainda o "terço" das preces inesqueciveis e nos ensinarás, de joelhos, a implorar de mãos postas, as benções prestigiosas do Céu. E, enquanto os teus labios sussurram de mansinho — "Salvé Rainha... mãe de misericordia..." —, começaremos juntos a viagem ditosa do Infinito, sobre o docel luminoso das nuvens claras, tenues e alegres do Amor.

HUMBERTO DE CAMPOS.

Mais de tres mil pessoas

ASSISTIRAM HONTEM AS EXPERIENCIAS DE CHICO XAVIER NA FEDERAÇÃO ESPIRITA BRÁSILEIRA

PSYCHOGRAPHADA MAIS UMA PAGINA DE HUMBERTO DE CAMPOS!

Chico Xavier, o notavel medium de Pedro Leopoldo, foi apresentado, na F. E. B., aos espiritas do Rio. Compareceram ao velho casarão da avenida Passos mais de tres mil pessoas, desejosas de conhecer, de visu, o instrumento de que Humberto de Campos, Augusto dos Anjos e outros grandes nomes das letras brasileiras se têm servido para se comunicar com a terra.

O sr. Manoel Quintão, vice-presidente da Federação Espirita Brasileira, antes de abrir a sessão, dirigiu a palavra aos presentes, indagando se ali tinham comparecido para ver a carcassa do homem ou o espirito de Deus e auscultar a alma do irmão.

Referiu-se o orador aos excessos terrenos, quando surge um medium de sensibilidade igual a de Chico Xavier e todos se interessaram por elle, exigindo mais do que o natural e possível.

Feita a prece, o presidente communica aos presentes que o medium Francisco Xavier estava tocado para receber algo do Além. Pedia silencio e concentração, afim de que a comunicação não fosse, de maneira alguma, prejudicada.

A PRIMEIRA COMMUNICAÇÃO — JOÃO DE DEUS

A cabeça de Chico Xavier pende sobre o peito. Um estranho estremecimento agita-o. Segura automaticamente o lapis que o presidente lhe dá e, apoiando a frente com a mão esquerda, faz a direita deslizar sobre o papel, com os olhos semi-cerrados. O lapis desliza com uma rapidez incrível sobre o papel. E' uma letra grande, bastante legível. O medium, depois de escrever tres laudas, descansa um pouco a mão sobre a mesa; o reporter aproveita a interrupção e lê:

SEGUNDA COMMUNICAÇÃO — EMMANUEL

Chico Xavier faz o lapis correr, novamente, sobre o papel. Agora é longa comunicação de Emmanuel, o guia do medium, que faz um bellissimo estudo sobre a actual situação politico-social do mundo, mostrando as causas determinantes da formação de novas doutrinas, attentatoria á liberdade humana e ás leis que regem o Universo.

A Hespanha do momento, segundo diz Emmanuel, não é mais do que um reflexo do estado actual do catholicismo, em virtude da corrupção de seus ministros e da desvirtuação das finalidades que se propuzeram cumprir em todos os seculos e gerações.

Tão grave é a situação do mundo, actualmente, diz ainda o espirito de Emmanuel, que se torna necessaria a intervenção dos mortos, cujos olhos vêem onde os olhos dos vivos não podem ver, afim de ministrar conselhos e ensinamentos.

Dada a extensão do estudo de Emmanuel, deixamos de transcrevel-o em nossas columnas.

HUMBERTO DE CAMPOS

A chronica abaixo foi recebida por Chico Xavier, na residencia do sr. Manoel Quintão. Bellissima pagina de literatura, vem mostrar que o grande pensador brasileiro continúa tendo, até-tumulo, a mesma facilidade de expressão e maneja o portuguez com a mesma elegancia com que fazia na vida terrena:

A CASA DE ISMAEL

"Um dia, o Senhor, reunindo seus Apostolos ao pé das aguas claras e alegres do Jordão, descortinou-lhes o panorama immenso do mundo.

Lá estavam as grandes metropoles, cheias de faustos e de grandezas.

Alexandria e Babylonia, junto da Roma dos Cesares, accendiam na terra o fogo da luxuria e dos peccados.

E Jesus, adivinhando a miseria e o infortunio do espirito, mergulhado nos humanos tormentos, alçou a mão compassiva em direcção á paisagem triste do planeta, declarando aos seus discipulos:

"Ide e pregae! Eu vos envio ao mundo como ovelhas ao meio dos lobos, mas eu não vim senão para curar os doentes e proteger os desgraçados".

E os Apostolos partiram, no afan de repartir as dadas do seu Mestre.

Ainda hoje, afigura-se-nos que a voz consoladora do Christo mobiliza as almas abnegadas, articulando-as no caminho escabroso da moderna civilização. Os filhos do sacrificio e da renuncia abrem clareiras divinas no cipal escuro das descrenças humanas, constituindo exercitos de salvação e de soccorro aos homens que se debatem no naufragio triste de todas as esperanças; e, se a vida póde cerrar os nossos olhos e restringir a acuidade de nossas percepções, a morte vem decerrar-nos um mundo novo, afim de que possamos entrevêr as verdades mais profundas do plano espiritual.

Foi Miguel Couto que exclamou, em um dos seus momentos de amargura deante da miseria exhibida em nossas praças publicas:

"Ai dos pobres do Rio de Janeiro se não fossem os Espiritas."

E hoje que a morte reaccendeu o lume dos meus olhos que ahí se apagava, nos derradeiros tempos de minha vida, como luzes bruxoleantes dentro da-noite, posso ver a obra maravilhosa dos Espiritas, edificada no silencio da caridade evangelica.

Eu não conhecia somente o Asylo de São Luiz que se derrama pela enseada do Cajú, como uma esteira de pombaes claros e tranquillo, onde a velhice desamparada encontra remanso de paz, no seio das tempestades e das dolorosas experiencias do mundo, como realização da piedade publica, allada a propaganda das idéas catholicas. Conhecia igualmente o Abrigo Thereza de Jesus e o Amparo Thereza Christina e outras casas de protecção aos pobres e aos desafortunados do Rio de Janeiro, que um grupo de creaturas abnegadas do proselytismo espirita havia edificado. Mais o meu coração que as dores haviam esmagado, trucidando todas as suas aspirações e todas as suas esperanças não podia entender a vibração constructora da fé dos meus patrios que Xavier de Oliveira taxára de loucos no seu estudo mal avisado do Espiritismo no Brasil.

A verdade hoje é para mim mais profunda e mais clara. Meu olhar peruciente de desencarnado póde alcançar o fundo das coisas e a realidade é que a organização das doutrinas consoladoras dos espiritos no Brasil não está formada á revelia da vontade soberana, do amor e da justiça que nos preside os destinos. Obra extrema da direção especializada dos homens, é no Alto que se processam as suas bases e as suas directrizes.

Por uma extranha coincidência de frontam-se na Avenida Passos quasi frente a frente, o Thesouro Nacional e a Casa de Ismael.

Thesouros da Terra e do Céu, guardam-se no primeiro as caixas fortes

do ouro tangível ou das suas expressões fiduciarias e no segundo reunem-se os cofres immortalizados das moedas do espirito.

De um, parte a corrente fertilizante das economias do povo, objectivando a vitalidade physica do paiz e do outro parte o manancial da agua celeste que sacia toda sede, derramando energias espirituas e intensificando o bemdito labor da salvação de todas as almas.

A Obra da Federação Espirita Brasileira é a expressão do pensamento immaterial dos seus directores do plano invisível, indemne de qualquer influenciação da personalidade dos homens. Semelhantes áquelles discipulos que partiram para o mundo como o "Sal da Terra" na feliz expressão do Divino Mestre, os seus admiradores são interpretes de um dictame superior, quando alheados de sua vontade individual para servir ao programma de amor e de fé ao qual se propuzeram. O roteiro de sua marcha é conhecida e analysado no mundo das verdades do espirito e a sua orientação nasce da fonte das realidades superiores e eternas, não obstante todas as incompreensões e todos os combates. A historia da Casa de Ismael nos espaços está cheia de exemplos edificantes de sacrificios e dedicações.

Se Augusto Comte affirmou que os vivos são cada vez mais governados pelos mortos, nas intuições do seu positivismo, nada mais fez que reflectir a mais sadia de todas as verdades. A Federação que guarda comsigo as primicias de séde do Thesouro espiritual da terra de Santa Cruz não está de pé sómente a custa do esforço dos homens, que por maior que elle seja será sempre caracterizado pelas fragilidades e pelas fraquezas. Muitos dos seus sempre directores desencarnados ahí se conservam como aliados do exercito da salvação que ali se reúne.

Ainda ha poucos dias, emquanto a Aveniã fervilhava de movimento, vi ás suas portas uma figura singela e sympathica de velhinho, prompto para esclarecer e abençoar com as suas experiencias.

— Conheço-o? — Disse-me alguem rente aos ouvidos.

— ?...

— Pedro Richard...

Nesse interim passa um companheiro da humanidade, cheio de instinctos perversos que a morte não conseguiu converter a piedade e ao amor fraterno.

E Pedro Richard abre os seus braços paternaes para a entidade cruel.

— Irmão, não queres a benção de Jesus? Entra commigo ao seu banquete!...

— Por que? — Replica-lhe o infeliz, transbordando perversidade e zombaria — eu sou ladrão e bandido, não pertenco a sociedade do teu Mestre.

— Mas não sabes que Jesus salvou Dimas, apesar de suas atrocidades, levando em consideração o arrependimento de suas culpas? — Diz-lhe o velhinho com um sorriso fraterno.

— Eu sou o máo ladrão, Pedro Richard. Para mim não ha perdão nem paraíso...

Mas o irmão dos infelizes abraça em plena rua movimentada o leproso moral e me diz suavemente aos ouvidos:

— Jesus salvou o bom ladrão e Maria salvou o outro...

E o que eu vi foi uma lagrima suave e clara rolando na face do peccador arrependido.

Senhor, eu não estive ahí no mundo na companhia dos teus servos abnegados e nem communguei á mesa de Ismael onde se guarda o sangue do teu sangue e a carne da tua carne que constituem a essencia de luz da tua doutrina.

Eu não te vi senão com Thomé, na sua indiferença e na sua amargura, e como os teus discipulos no caminho de Emaús, com os olhos ennevoados pelas neblinas da noite; todavia podia verte na tua casa, onde se recebe a agua divina da fé, portadora de todo o amor, de toda a crença e de toda esperanza. Mas não é tarde, Senhor!... Desdobra sobre o meu espirito a luz da tua

misericordia e deixa que desabrochem ainda agora, no meu coração de peccador, as açucenas perfumadas do teu perdão e da tua piedade, para que eu seja incorporado ás phalanges radio-

sas que operam na sua casa, exhibindo com o meu esforço de espirito a mais clara e a mais sublime de todas as profissões de fé.

HUMBERTO DE CAMPOS.

Duas mensagens de Nilo Peçanha sobre o momento Politico Brasileiro

DEMOCRACIA — FACISMO COMMUNISMO

(Psychographada pelo medium Francisco C. Xavier, na sessão de 31-7-35 em Pedro Leopoldo, Minas Geraes).

Se difficil e inoportuna se torna aos espiritos a acção de se immiscuir nos problemas attinentes á iniciativa necessaria dos homens, nada os impede de offerecer aos que ficaram na liça, dispendendo energias na mesma actividade que constituiu o caracteristico de suas existencias sobre a face da Terra, auxiliando assim aos que avançam pela estrada evolutiva, os cabedaes de suas experiencias, unica riqueza que lhes ficou das temporalidades desse mundo.

Todos quantos amaram o Brasil, ofertando-lhe a vida, no que ella possuía de melhor, é claro que não poderiam permanecer indifferentes aos problemas da collectividade nacional. Uma questão grandiosa demais pela sua complexidade e importancia deve preocupar a quantos se encarregaram do governo do povo para o povo; a politica nacional infelizmente não vem encarando as suas obrigações austeras como se faz mister. No lethargo que os poderes da força propiciam, ouvindo empolgada os cantos de sereia do partidarismo e do individualismo perniciosos, vem olvidando os seus maximos deveres, as suas obrigações mais sagradas.

E' obvio que no Brasil da actualidade a unica formula governamental

adaptavel ás conveniências do paiz, para que as massas permaneçam isentas dos sacrificios de toda a natureza, tem de ser baseada nas linhas democraticas, preparando-se a nacionalidade pela educação dentro da ordem para a evolução do futuro. Entretanto, o extremismo vem solapando o edificio das nossas instituições, espalhando doutrinas anarchisadoras, copiando os programmas dos outros, esquecendo-se de que ainda não nos dignamos examinar, em mais de cem annos de nossa independencia juridica, as realidades nossas, as questões visceralmente brasileiras, alheios ao ambiente que reflecte as feições idiosyncrasicas do nosso povo.

Não temos realiado mais que aquellas "travessuras do simio" de que nos falava Ruy Barbosa nas suas celebres afirmações. O nosso paiz já atravessou o periodo em que se tornava mister a traducção e a adaptação dos costumes e leis alheias. Faz-se preciso encarar as nossas necessidades de perto, sem as imitações burlescas dos paizes que instauraram o governo forte post-guerra e do communismo que a Russia se habituou a fabricar apenas para a exportação.

A situação do Brasil actual é de angustia, tanto no terreno economico-financeiro, como nos bastidores da administração que se vem conduzindo com a mais lastimavel ausencia de tirocinio nos problemas referentes ás classes productoras e trabalhistas.

Urge abandonar os velhos systemas de facciosismo eleitoral, encarando as

questões nacionais nas suas minimas facêtas.

Paiz essencialmente agricola, o Brasil tem de voltar as suas vistas para a sua immensa extensão territorial, multiplicando os conselhos technicos da agricultura, velando carinhosamente pelos seus problemas. Ninguem pode contestar que os ministerios se tenham desviado das suas elevadas finalidades e que se venham dissociando na desorganisação. Todos os seus serviços são perfeitos, todos os seus aparelhos são utilissimos. Comtudo sobre elles está a supposta omnisciencia governamental. Não bastam conciliabulos da politica administrativa para a criação de leis exequiveis e bem-feitoras da collectividade. Acima de tudo é necessario estudar-se uma das mais importantes questões de psychologia politica. Faz-se preciso interessar as classes, captar a adhesão do povo a essas leis, seduzir as massas com a exposição dos seus altos beneficios. Todos os regulamentos e leis creadas para o povo, tornam-se desnecessarias desde que se não saiba interessa-lo, desprezando desse modo o largo potencial de suas energias para a sua perfeita execução. As leis estiolam-se e desaparecem quando não são bafejadas pela homologação popular.

Nos dias que passam, é urgente a renovação das leis agrarias, intensificando-se a producção, fomentando-se a industria, regulando efficaçmente a balança commercial da nacionalidade, quer seja solucionando o enigma do transporte e das questões tarifarias dentro do paiz, ou fundando no estrangeiro os mercados dos nossos productos.

Esses problemas grandiosos têm sido relegados a um plano inferior pelos nossos administradores, os quaes infelizmente, arraigados aos sentimentos de personalismo, vivem apenas para as grandes opportunidades.

Faz-se necessario melhorar as condições das classes operarias, antes que

ellas se recordem de o fazer, segundo as suas proprias deliberações, entregando-se á sanha de malfeteiros que sob as mascaras da demagogia e a pretexto de reivindicaciones, vivem no seu seio para explorar-lhes os entusiasmos vibrantes que se exteriorizam sem objecto definido. A maioria das nossas realidades por emquanto estão dentro dos problemas da assistencia social, descurada por grande parte dos governantes. Os que vivem preconizando os partidos novos, apregoando o mesmo faccionismo de sempre, se esquecem de que a nação precisa antes de tudo do livro e da higiene, das obras de assistencia sob todos os seus aspectos.

Todavia, o que poderemos esperar?

Mais vale uma experiencia que cem conselhos, diz o brocardo popular.

Quando ahi andavamos a mesma venda nos obscurecia os olhos.

Procuremos comtudo apresentar o fructo dos nossos trabalhos passados que equivale a um patrimonio sagrado de experiencias.

Deus illumine o Brasil, permittindo que elle cumpra a sua missão sublime, como patria do Evangelho, no concerto das nacionalidades

Nilo Peçanha

Si é certo que, physicamente, todas as nações representam em si o patrimonio commum da Humanidade, eliminando-se o sentimento dos regionalismos, injustificaveis, em virtude do laço de fraternidade que une, todas as creaturas, ante a vontade soberana de Deus, é certo, igualmente, que determinadas collectividades, mesmo no plano espirital, collaboram em favor do progresso dos nucleos humanos a que se sentem escravizadas pelos mais santos laços affectivos, no complexo grandioso das affinidades raciaes. Não poderão, portanto, constituir nenhuma surpresa os nossos propositos de personalidades desencarnadas, tentando imprimir um novo surto ao pensa-

mento de evolução do povo brasileiro, concitando todos aquelles que se encontram nos bastidores da politica administrativa á solução dos nossos problemas de ordem economica e social.

Collaboramos, sim, com todos, não obstante as condições de invisibilidade da nossa acção, procurando influenciar na esphera de nossas possibilidades relativas a pról da solução abjectiva das grandes questões que assoberbam a nacionalidade. Mais que nunca necessita o Brasil voltar-se para o estudo, para a necessaria analyse do seu infinito reservatorio de economias, abandonado por aquelles a quem compete um estudo methodizado de plano amplo de acção em favor das nossas realidades, genuinamente nossas, extremes de qualquer actuação estrangeira. Observando-se os nossos institutos politicos e economicos, reconhecemos que quasi nada adiantamos além das cópias das nórmas que nos offereciam outros povos, dentro de sua existencia collectiva, radicalmente diversa da nossa, em suas modalidades multiformes. Nas questões do direito, da administração, dos regulamentos, nada temos feito senão adaptar as más adaptações de tudo quanto observamos nos outros. Seria preciso crearmos um largo movimento de brasilidade, não para a arte balôfa dos dias actuaes que ahi correm de bandeiras ao vento, proclamando nossas ridicularias indigenas, mas um sentimento essencialmente brasileiro, saturado de nossas realidades e necessidades inadiaveis.

Infelizmente tivemos a fraqueza de nos apaixonarmos pelas theorias sonoras, acalentando os homens palavrosos, conduzindo-os aos poderes publicos, endeusando-os, incensando-os com a nossa injustificavel admiração, olvidando homens de acção, de energia, que ahi vivem isolados, corridos dos gabinetes da administração nacional, em virtude de sua inadaptabilidade ás lutas da politica do opportunismo e das longas fileiras do afilhadismo que vem constituindo a mais dolorosa das

calamidades publicas do Brasil. Precisavamos para a solução de nossos problemas mais urgentes, não de copiar artigos e regras burocraticas, mas firmar pensamentos constructores, que renovassem os nossos institutos de ordem social e politica, hoje seriamente ameaçados em suas bases, justamente pelo descaso e inércia com que observamos as exposições das theorias falsas e erroneas para a esphera do governo, as quaes infiltrando-se no amago das collectividades, preparam os surtos dos arrazamentos.

Nem sempre liberdade significa prosperidade. Dar muitas liberdades a um povo que se resente de necessidades gravissimas, inconsciente ainda de suas responsabilidades, falando-se de um modo geral, é fornecer armas perigosas para a destruição da vida desse mesmo povo. No Brasil, sobram as regalias politicas e as liberdades publicas. Tudo requer ordem e methodo. As collectividades brasileiras fazem mais questão do direito da hygiene, do conforto necessario, do pão e da escola, que do direito irrisorio do voto, dentro das lutas de clan e no ambiente viciado dos partidos.

O povo brasileiro tem colhido innumeradas illusões nas experiencias collectivas, conquistadas, muitas vezes, á força de sangue, nos seus deploraveis movimentos revolucionarios. Revolução implica, em si, destruição de tudo quanto está feito. Mais prudente seria que pudessemos observar constantemente a evolução geral, conseguindo norteal-a para um caminho de beneficios generalizados para a collectividade. Infelizmente esses movimentos em nosso paiz, objectivam unicamente o individualismo dos politicos ambiciosos e a hegemonia dos Estados, em detrimento das outras unidades da federação. Movimentos revolucionarios em nossa terra representam lutas dolorosas, onde as acções ficam encerradas nas palavras das praças publicas, onde as massas soffredoras e anonymas guardam os mesmos enganos de sempre. Seria ideal que os brasileiros

se unissem para a cruzada bemdita do reerguimento da nacionalidade, conscientes de seu valor proprio, prescindindo as influencias estrangeiras, realizando, construindo a patria de amanhã, cujo futuro promissor constitúe uma larga esperanza para a Humanidade. Do proprio Nordeste, cheio de flagellados e desilludidos, poder-se-ia fazer um oasis. Ahi temos os homens do pensamento e da acção, realizados praticos, corajosos, que atacariam, de prompto, os problemas mais fortes de nossa economia, preservando-a, methodizando-a para o bem estar da nação. Mas, onde se conservam essas creaturas do sentimento e do raciocinio que as melhores capacidades caracterizam? Justamente, quasi todos, por nossa infelicidade, se conservam afastados da paixão politica que empolga a generalidade dos nossos homens publicos; com algumas excepções, a nossa politica administrativa, infelizmente, está cheia daquelles que apenas se aproveitam da situação, para os favores pessoases e para as condemnaveis pretensões dos individuos. O sentimento da solidariedade das classes, do amparo social, que deve-

riam constituir as vigas mestras de um instituto de governo, são relegados para um plano inferior, afim de que se saliente o partido, a pretensão, o chefe, a figura centralizadora de cada um, em desprestigio de todos.

E' dessa orientação nociva que se vem derivando o mal-estar das classes productoras e proletarias, no Brasil, predispondo-as a um estado de incompreensão altamente prejudicial á execução dos programmas economicos e politicos. E dahi, a necessidade de uma compreensão mais profunda por parte do governo que deverá rebuscar no cadinho das analyses minuciosas, os menores problemas das classes, para resolvel-os, antes que ellas, perigosamente, se abalancem a resolver por si mesmas.

Nesse trabalho de orientar os nossos homens do governo, estamos todos nós empenhados, todos os que, do plano espirital, não obstante a ausencia da indumentaria carnal, vivem pugnando por um Brasil mais forte, unido e mais feliz.

NILO PEÇANHA

(Recebida em P. Leopoldo, em 1933)

Julgando opiniões

Após a publicação do teu e nosso livro, abundaram as opiniões com respeito á tua personalidade. Embora já tão conhecidas as questões espiritas, não faltou quem te considerasse um sujeito anormalissimo, apesar de constituir o teu caso de mediumnidade um facto vulgarissimo, portas a dentro da psychologia, definido pelos psychiatras, entendidos na materia, que classificam,

sem admittir contestação, o problema mediumnico dentro do subconsciente como um kysto mettido em alcool para estudo.

Alguns se abalancaram a crer que somos nós quem escreve através dos teus dedos; outros, porém, honraram a tua cabeça com uma privilegiada massa encephalica. Outros ainda, concedendo-te um extraordinario poder de assimila-

ção e uma exquisita multiplicidade de característicos individuaes, viram na tua faculdade uma questão simplíssima de intelligencia, não obstante a accusação de outrem de que conseguiste apenas nos desfigurar e empobrecer. Tudo está bem.

Subconsciencia, mediuinismo, psychopathia, loucura, simulação, anormalidade, phenomeno, estupidez, ou espirotomania. O que é certo é que aprecias-te os nossos desarrazoados e nós nos comprazemos na tua janellinha, através da qual gesticulamos e falamos para o mundo; e se almas caridosas têm vindo para espicaçar-lhe o desejo de uma beatitude celestial para cá da morte, applicando sedativos ás suas chagas purulentas, não me animam semelhantes objectivos. Não lhe darei consolações nem conselhos. Grande somma de desprezo pude accumular felizmente pela sua vida detestavel onde a purpura disfarça a gangrena. Deus não me deu ainda a funda de David para vencer esse eterno Goliath da iniquidade. Não é porque eu tenha sido ahí um santo, que o não fui. Ambientes existem que revoltam certas individualidades, sem amoldar-as ao seu modo e fóra do abysmo, experimenta-se o receio de uma nova queda.

CRISE DE GENIOS...

Os meus escriptos postumos são apenas synonymos de amistosas visitas. E, como ha quem te assevere serem as nossas produções expressões da tua genialidade, quiçá da tua fertilidade imaginativa, resolvi prevenir-te para que não te amofinasses de orgulho como abobora secca, a chocalhar as suas pevides, porque os genios hoje constituem raridades. Ha crise delles actualmente. Crise oriunda do excesso como todas as crises hodiernas.

O ouro desaparece permanecendo sómente na moeda fiduciaria, em muitos paizes, por inflações de credito ou por exuberancia da produção. As nacionalidades estão depauperadas porque possuem demasiadamente; são victimas da sua abundancia e do descontrolo.

A crise de genios tem a sua origem na superabundancia delles. As academias fabricam-nos ás duzias e a concorrência intensifica a vulgaridade.

GENIOS E POSTUMOS...

Acompanhemol-os desde os seus prodromos. São creanças nervosas, irritadas. A mãe dá-lhes tabefes. Mas os amigos da familia pontificam. Aquellas traquinadas são os prenuncios de uma genialidade sem precedentes e citam os casos de intelligencia precoce de que são sabedores. Os fedelhos são como quaesquer outros. Mais tarde os rapazes cursam uma Academia que faz annualmente uma desova de celebridades. Aprendem lexicologia, esmerilhando classicos, algo de geographia physica, politica, historica, economica e mathematica, algumas noções geraes e os alfalates ou o adelo rematam a obra. Infadados de sapiencia, de estudos specializados, são Spinoza em philosophia, Harvey em medicina, expoentes maximos do Direito em sciencias juridicas. Não vivem porém polindo lentes para viver ou perseguidos pelos collegas. Andam com os estomagos reconfortados, numa quasi homogeneidade pasmosa, aos magotes, exhibindo títulos, á cata de comesainas, apadrinhados, tutelados, pois que geralmente são saídos do ventre rotundo e inchado da politica-lha de occasião. De posse dos seus diplomas os nossos heróes se sacrificam, com denodo, freneticamente. Por idealismo? Não. Buscam pouso na burocracia. E o conseguem. Abdicam então das suas faculdades de raciocinio e reclamam o azorrague de um político que os commanda. Transformam-se em azemo-las indifferentes, passivas. Temos ahí quasi a totalidade dos genios da época. A' sombra da acolhedora machina do Estado engordam e apodrecem, pensando pela cavidade abdominal; gastrónomos e artistas têm o cerebro curto e o ventre dilatado, enorme.

"NÃO BUSQUES SER O GENIO, SÊ O APOSTOLO"

São intelligencias encyclopedicas que apenas soffrem de dyspepsias e que da-

qui se nos afiguram como feiras de aptidões e consciencias. Correm ahí atraz de tudo o que signifique o seu mundanissimo interesse e vivem segundo as oportunidades.

Idiotas, abandonam a vida material como suínos. E é de se ver os esgares e tregeitos desses patifes quando acordam na vida real.

Desejaria que houvesse um local isolado, circumscripto, conforme os tratados de theologia catholica, onde Lucifer com os seus sequezes lhes distillasse as gorduras envenenadas a fogo ardente.

(Recebida em Pedro Leopoldo, a 6-12-934)

Poema de uma alma

Numa região alcatifada de luminosas neblinas, o Anjo da Redempção recebia as almas que regressavam da Terra, mostrando-lhes nos firmamentos constellados os sóes que enchiam de melodia e luminosidade o abysmo do universo.

Um dos egressos do mundo terreno aproximou-se-lhe, exclamando em soluços: — "Anjo Salvador, venho da Terra como um naufrago desvalido!... Ouro e honrarias não me deram a paz ambicionada! Estou só com a minha consciencia dilacerada; que fazer, ó mensageiro da redempção, para alcançar aquellos páramos radiosos de ventura que nos aponta a tua mão resplandecente?..."

— "Filho, replicou-lhe com bondade, a solidão em que te achas foi creado pelo teu egoismo... aquellas mansões

De qualquer forma, porém, temos aqui o serviço activo de saneamento espiritual, sem infernos ou purgatorios literaes. Graças a Deus.

E como a vida desse mundo é repleta de cousas transitorias, esperamos que o reconheças, desempenhando todos os teus deveres christãos. Que outros se enriqueçam e se locupletem. Procura as riquezas d'alma, os thesouros psychicos que te servirão na Immortalidade.

Não busques ser o genio. Sê o apostolo".

Eça de Queiroz.

de alegria, onde entrevés a felicidade intraduzivel, são conquistadas com o que se faz em bem dos outros...

Escuta-me! a Terra ainda é a região dos resgates penosos; milhões de sêres lá soffrem e choram, lutam e desfallecem. Volta a esse mundo e prende-te ás suas leis. Come do seu pão e soffre-lhe as iniquidades! Labora na grande officina da abnegação e do sacrificio.

Lá encontrarás ciladas tentadoras, mas estarás em temporario olvido para que se valorise o teu esforço.

Não te esqueças de amar aos teus semelhantes com o esquecimento dos teus proprios interesses, e quando alcançares o absoluto desprendimento da materia, terás o poder de crear as tuas proprias azas!... Conhecerás então as bellezas universaes e conhecerás as flores sublimes dos páramos

sideraes quando se sabe plantar as sementes da renuncia no solo ingrato da Terra!...

A Alma então animada, resoluta, atirou-se ao circulo das reencarnações bemfazejas.

Innumeras vezes fracassou no caminho facil das tentações. O Demonio da Sexualidade, a Ambição do Ouro, o Egoismo da Posse, a Inquietação da Fama prenderam-n'a por muitos seculos de dor e de tormento.

Ia sómente aos palacios da Morte para se banhar no pranto dos arrependimentos salvadores, retornando á luta com o firme proposito da victoria; até que um dia escolheu um ambiente de lagrimas dolorosas para os seus combates. Sua infancia foi uma longa tortura e toda a sua vida um rosario de afflicções e de angustias; viu o escarneo em labios que estremecia,

feriu-se nos espinhos da ingratidão e chorou na confiança trahida.

Tudo, porém, supportou com serenidade espartana e com paciencia evangelica. Sorriu aos trabalhos e dificuldades da sua existencia, sacrificando-se penosamente!...

Todavía, uma hora chegou em que as privações lhe trouxeram o alvará da liberdade.

Adormeceu tranquillamente nos braços misericordiosos da Morte e livre da reencarnação e da miseria despertou no santuario esplendoroso da Redempção, onde um anjo divino lhe descerrou as portas da Immensidade; então a Alma liberta, entre lagrimas de reconhecimento e de jubilo, alou-se ao Infinito, em cujos jardins deslumbrantes foi colhêr a flor da sempiterna ventura.

MARTHA.

(Versos recebidos em Pedro Leopoldo, a 22 de maio de 1935)

Dois Sonetos de Hermes Fontes

Desconforto

*Não me bastou, Senhor, velar attento
A mysteriosa luz com que, á procura
De um luminoso ceu em miniatura,
Vivi sonhando em meu deslumbramento!*

*Dentro do meu ideal suppuz, que, isento
De toda a dôr, de toda a magua obscura,
Alcançasse o castello da Ventura
Na glorificação do Pensamento.*

*Mas, ai de mim! meu barco pequenino
Perdeu-se em meio á torva tempestade
Sem divisar a luz de qualquer porto;*

*E as minhas esperanças de menino
E os anhelos de amor e mocidade
Naufragaram no grande desconforto.*

Sonho Inutil

*Em minha juventude estive á espera
De um mallogrado sonho superior.
Esperança divina que eu quizera
Ver aureolada por um grande amor!*

*Mas não pude esperar quanto devera
Nos carreiros asperrimos da dôr,
Sem fé, que era aos meus olhos a chimera
Do pensamento mystificador.*

*Meu erro foi descrever porque, deserto
O coração, sómente acreditei,
Na Morte, o grande abysmo, o nada in-
[certo!...*

*Oh! o maior dos enganos perpetrados!
Pois no meu sonho altissimo de rei
Achei a dor dos grandes condemnados!*

(Soneto recebido em Pedro Leopoldo a 21 de julho de 1938)

Morte

*Longe do sentimento limitado
Da materia em seus atomos finitos,
No limite de um mundo ignorado
Celebra a morte seus extranhos ritos.*

*Hymnos e vozes, lagrimas e gritos
Do espirito que outrora encarcerado,
Contempla a luz dos orbes infinitos,
Bemdizendo a amargura do Passado!*

*O' Morte, a tua espada luminosa,
Formada de uma luz maravilhosa
E' invencivel em todas as pelejas!...*

*E's no Universo extranha divindade.
O' operaria divina da Verdade
Bem dita sejas tú! Bem dita sejas!...*

CRUZ E SOUZA

Exhortação aos espiritas

(Versos recebidos em Bello Horizonte, a 21-7-1935)

Uni-vos sob a paz, uni-vos sob a crença,
O' argonautas do ideal, arautos da esperança !...
Que se realize agora o sonho da bonança !...
Como os pães do Senhor que a fé se espalhe e vença.

Não temais combater, que o Mestre vos conduz
Com o sol espiritual que envolve o mundo inteiro;
Sêde na terra verde e augusta do Cruzeiro
Os soldados do Amor, seareiros de Jesus !

A. GUERRA JUNQUEIRO

(Poesia recebida em Pedro Leopoldo, em 14-8-35)

Uma palavra á Igreja

A Igreja antigamente era uma luz dourada
Que enchia os corações de paz e de esplendor,
Sublime manancial, fonte viva do amor,
Jorrando sob o sol de mistica alvorada.

A palavra da fé cahia como um luar
De esperança divina, esplendorosa e doce,
Sobre as dôres crueis, mas tudo transformou-se
Quando Pantagruel appareceu no altar.

Então, desde esse dia, as dulcidas lições
Do exemplo de Jesus, o meigo Nazareno,
Sumiram-se no horror do lamaçal terreno,
No multiseccular mercado de orações.

De Deus fez-se um cifrao immenso, extrordinario,
Inventou-se o ritual de um Christo extranho e novo
E fez-se a exploração sacrilega do povo
Sobre a tragedia santa, excelsa do Calvario.

O' Igreja, esquece ao longe as industrias da cruz,
Só o Amor é pharol no humano sorvedouro,
Deixa ao mundo infeliz as caixas fortes de ouro
E volta enquanto é tempo aos braços de Jesus !...

A. GUERRA JUNQUEIRO

(Versos recebidos em Pedro Leopoldo, a 25-9-935.)

Carne

Algema tenebrosa é a carne louca
Onde o espirito, em lagrimas, se prende,
Perambulando como um triste duende,
Bebendo o pús das fistulas da bocca.

Viver entre os sentidos incompletos,
Na existencia das cousas fragmentarias,
Começando nas dôres solitarias,
Da vida melancholica dos fetos.

Vaso de tegumentos e de humores
E' o corpo, imagem viva do defuncto,
O miserabilissimo transumpto
Das condições mais tristes e inferiores.

Desprezar toda a luz, radiosa e viva
Para viver na carne é descer quasi
Da consciencia divina á horrenda phase
Da irracionalidade primitiva.

Carne !... Nossa amargura original,
Antes, sobre o planeta nunca houvesse
O principio ancestral da tua especie,
Nos mysterios da Vida Universal...

AUGUSTO DOS ANJOS

(Soneto recebido a 10 de outubro de 1935.)

O Monstro

Vi um Monstro pairando sobre a Terra,
Como um côrvo de garras infinitas,
Cobrindo multidões tristes a afflictas :
Visão de luto e lagrimas que aterra !

Vi-o de valle em valle, serra em serra
E disse : — “Quem és tu que abres e excitas
Os pavores e as coleras malditas ?”
E o Monstro respondeu : — “Eu sou a Guerra !

Não ha forças no mundo que me domem.
Sou o retrato fiel do proprio homem,
Que destrõe, luta e mata e vociféra !

Venho das trevas densas, da voragem,
Dos abysmos de dôr e de carnagem,
Para mostrar ao homem que elle é féra !...”

ANTHERO DO QUENTAL

(Recebida em Pedro Leopoldo, a dezembro de 1935.)

Préce de Natal

Senhor, desses caminhos côr de neve
De onde desceste um dia para o mundo,
Numa visão radiosa, linda e breve
De amor terno e profundo,
Das amplidões angustas dos Espaços,
No teu Natal de eternos esplendores,
Abriga nos teus braços
A multidão dos sêres soffredores !...

Que em teu nome
Receba um pão o pobre que tem fome,
Um trapo o nú, o afflicto uma esperança,
Que em teu Natal a Terra se transforme
N'um caminho sublime, santo e enorme
De alegria e bonança !

Apezar dos exemplos da humildade
Do teu amor a toda a humanidade
A Terra é o mundo amargo dos gemidos,
De tortura, de treva e impenitencia,

Que a luz do amor de tua Providencia
Ampare os sêres tristes e abatidos.

.....
E em teu Natal, reunidos nós queremos,
Mesmo no mundo dos desencarnados,
Esquecer nossas dôres e peccados,
Nos affectos mais doces, mais extremos,
Reviver a ephemeride bemdita
Da tua apparição na Terra afflicta,
Unir a nossa voz á dos pastores,
Lembrando os milagrosos esplendores
Da estrella de Belém,
Pensando em ti, reunindo-nos no Bem
Na mais pura e divina vibração,
Fazendo da humildade
Nosso caminho de felicidade,
Estrada de ouro para a Perfeição !

CARMEN CINIRA

(Soneto recebido em Pedro Leopoldo, a 24-7-1935.)

Sombra

Quem só tem alma para offerecer
No mundo, é um coração ermo e faminto...
A incomprehensão é amarga como absintho,
Roubando a vida, envenenando o sêr.

Todo o mal do idealismo é conhecer
As forças antagonicas do Instincto
No coração, vesuvio nunca extineto,
Insaciado no Amor e no Prazer.

Todos aquelles que me conheceram
Na senda de illusões e fantasias,
Chorem commigo pelo que hoje sou!

Sou a sombra dos sonhos que morreram
Contemplando nas ruínas mais sombrias
O meu castello que se espedaçou.

HERMES FONTES

(Soneto recebido em Pedro Leopoldo.)

Vozes da morte

No mundo para vós ainda impreciso
Que a sciencia da Terra não pondera,
Eu via a Morte, em fórma de chiméra,
Como um Anjo de Dôr, vago e indeciso.

E murmurei : — "O' Morte, eu bem quizera
Que me desses no Nada um paraíso !...
Por que, anjo da dôr, se faz preciso
Da tua espada que nos dilacéra ?"

E ella disse : — "Sou a propria Vida Errante,
Que tudo envolve em luz resplandecente,
Vida renovadora e triumphante

Para que eu leve a alma à Gloria Eleita
De ser pura e sublime, alva e perfeita,
E' preciso lutar eternamente !"

ANTHERO DO QUENTAL

(Soneto recebido em Pedro Leopoldo.)

Nossos mortos

Os que se vão nas magoas e na poeira
Dos caminhos da morte soterrados,
Levam comsigo a imagem derradeira,
A visão dos seus mortos bem amados.

Mortos que ahi ficaram na canseira,
Nos trabalhos do mundo acorrentados,
Padecentes de dôr e de cegueira
Nos maiores tormentos flagellados...

Aquelles que amei nunca os esqueço,
E' por elles que soffro e que padeço
Numa longa saudade intraduzida ;

Eu os espero na luz da Eternidade,
Mas, ó sêres que eu amo, esta saudade
E' o cinamomo em flôr desta outra vida !...

A. GUIMARÃES

Chico Xavier responde a tres delicadas perguntas de um estudioso em assumptos financeiros

PEDRO LEOPOLDO, 19 — (Especial para o GLOBO, por Clementino de Alencar) — Emquanto aguardamos a proxima sessão dos irmãos Xavier enviaremos uma ou duas das demonstrações mais notaveis, que nos vão chegando ás mãos, da mediumnidade de Chico Xavier.

Hoje, occupar-nos-emos do seguinte: o sr. Francisco Teixeira da Costa, gerente do Banco Agricola em Sete Lagoas, visita, de quando em quando, em Pedro Leopoldo, parentes e amigos que aqui possui.

De uma dessas vezes, o Sr. Teixeira da Costa, através das palestras, teve a attenção chamada para o caso Chico Xavier.

Estudioso de assumptos economicos e financeiros, aquelle senhor, com a mesma intenção de "test" que observamos em outros detalhes de nossa reportagem, mostrou o desejo de fazer ao joven "medium" uma consulta relativa aos problemas que o preoccupavam.

A ECONOMIA DIRIGIDA E' UM ERRO?, ETC....

Posto em contacto com Chico Xavier, o Sr. Teixeira da Costa, já á noite, deixou-lhe em mãos as tres proposições seguintes:

"I — Dado o augmento da população mundial e a escassez do ouro necessario á circulação, a socialização do sys-

tema monetario, tendo por base certa percentagem da exportação de cada paiz, conseguiria, pela emissão naquella base, regular o phenomeno da troca?

II — Attendendo a que, na vida economica, interessando a produção a tres classes — Estado, Capital e Trabalho — em favor destas póde ser regulada a circulação, emittindo-se certa percentagem na base do valor da produção exportavel, emissão que será regulada pela estatística, afim de augmentar ou diminuir automaticamente o regimen da circulação, evitando-se inflação ou escassez de numerario?

III — A economia dirigida é um erro scientifico, que embarça o progresso economico dos povos?"

NÃO E' APENAS O OURO A ALMA DA EMISSÃO

Chico Xavier acolheu as perguntas e prometeu que nessa mesma noite, recolhendo-se á casa, consultaria a respeito os seus amigos e protectores do Astral.

Dito e feito.

As respostas foram conseguidas nessa noite; e, na manhã seguinte, o senhor Teixeira da Costa as recebia, em Sete Lagoas, para onde se retirára, logo após haver entregue ao "medium" as suas indagações.

Conseguimos do alludido banqueiro a vista do original dessa comunicação para della tirarmos uma copia.

Eis as respostas dadas ás proposições do Sr. Teixeira da Costa, acima citadas, pelo "medium" de Pedro Leopoldo, "doublé" do caixeirinho bisinho e simplorio que, na sua actividade normal, não saberia certamente resolver os problemas da prosperidade de nem da venda modesta de "seu" Zé Felizardo:

Para a I proposição: "Dado o augmento da população mundial e a escassez de ouro, etc....", a resposta foi esta:

— A escassez do ouro necessario á circulação é manifesta em todos os mercados internacionaes: porém, não apenas o ouro é a alma da emissão.

A produção de cada paiz equivale a esse ouro, produção que significa, em seus valores intrinsecos, o lastro regulador dos phenomenos da fazenda nacional e o qual circula nas veias do commercio como elemento responsavel das expressões fiduciarias; e a socialização do systema monetario, tendo por base a percentagem da exportação dos productos de cada paiz, conseguirá, pela emissão nessa base, regular todos os phenomenos da troca", desaparecendo integralmente o problema do augmento da população mundial, porquanto as condições climatologicas mantenedoras das condições de habitabilidade do planeta estão completamente alheias ás clausulas e cogitações dos economistas e sociologos em geral."

UMA QUESTÃO DE POLITICA ADMINISTRATIVA

A segunda proposição: "Attendendo-se a que, na vida economica, interessando a produção a tres classes — Estado, Capital e Trabalho — em favor destas póde ser regulada a circulação, etc....", teve a seguinte resposta:

— "A circulação poderá ser perfeitamente regulada, emittindo-se certa percentagem na base do valor da pro-

dução exportavel, "evitando-se inflação ou escassez de numerario", em beneficio das tres classes, quando a socialização dos seus interesses fôr concentrada em uma só finalidade, que significa o seu bem estar.

Essa questão, porém, está affecta á politica administrativa, a qual, infelizmente, só agora se vem convencendo da necessidade do espirito de cooperação, desviando-se das creações endogenas e da pseudo-omnisciencia legislativa dos parlamentares.

Quando a mentalidade geral amadurecer para a comprehensão dos phenomenos economicos, a emissão será regulada de maneira a se augmentar ou diminuir automaticamente o regimen da circulação, porque o Capital deixará de ser a caixa forte de emolumentos que tem representado; o Trabalho desenvolverá a sua actividade productora sob a esclarecida influencia da technica profissional, que operará a especificação dos valores individuais, e o Estado se experimentará fortalecido com uma nova ethica politica, a qual, com o espirito de collaboração, solucionará satisfatoria e devidamente todas as questões de ordem administrativa.

-A ECONOMIA DIRIGIDA NÃO E' UM ERRO

Por fim, a terceira indagação: "A economia dirigida é um erro scientifico que embarça o progresso economico dos povos?"

A resposta veiu assim:

— "A economia dirigida não é um erro. Todos os obstaculos á normalidade da vida economica dos povos são oriundos da ausencia de senso administrativo dos governos, que enveredam pelo terreno da politica facciosa, prevalecendo as directrizes pessoais de personalidades ou grupos em evidencia. Frequentemente, a economia está confiada a mentalidades que não especializam os seus conhecimentos."

seu respeito e cujos programmas de acção constituem singularissimos phenomenos teratologicos no campo da fazenda publica, os quaes medram entre as collectividades ao bafejo de inqualificaveis proteccionismos.

E' tempo da competencia administrativa recrutar entre os abalisados technicos do assumpto os conselhos da economia nacional que funcionarão como forças reguladoras dos seus phenomenos, solucionando todos os problemas financeiros relativos á producção, repartição e consumo. Esses conselhos que devem ser constituídos por technicos especializados na economia politica, não desprezando os beneficios que promanam do espirito cooperativista, ouvirão a voz das classes trabalhadoras e productoras em geral, sondarão as necessidades de cada uma, vehiculando as suas proposições e defendendo os seus interesses nos parlamentos legislativos, investindo a politica na posse da emmetropia administrativa que frequentemente lhe falta.

Faz-se mistér que as classes se organisem, representando-se perante as administrações por intermedio dos seus expoentes mais dignos, porque o governo nunca confabulou com os individuos e sim com as classes, as quaes devem sobrepôr ás arbitrariedades das facções a opinião dos interesses geraes generalizando-se assim o regime da consulta e do inquerito.

Quando a economia fôr dirigida por esse corpo de mentalidades proficientes e conscienciosas, que deverão permanecer alheias aos conciliabulos de individualidades que transformam ás vezes os recintos parlamentares em verdadeiros palcos de theatro juridico onde se exhibem os profissionaes da palavra, constatar-se-á que a economia deve ser dirigida com superioridade, equivalendo essa direcção, que já se encontra rudimentarmente em actividade na Europa moderna, por um indice de novo cyclo de educação politica, o qual traz em si a mais profunda significação historica."

"A SYNTHESE E' A ALMA DA VERDADE"

Ao pé das respostas acima o "medium" graphou esta nota:

"Perguntei ao espirito se não desejava escrever mais com respeito ao assumpto, respondendo-me o seguinte:

— "A synthese é a alma da verdade. Prolixidade não significa logica.

Em buscando replicar as questões formuladas, o nosso objecto é apenas integrar o homem no conhecimento das suas possibilidades proprias, porquanto a chave da solução de todos os problemas que interessam ao progresso humano, o "quid" da realisação dos seus superiores idealismos reside nas mãos da humanidade mesma.

Offerecermol-a daqui seria derogarmos o valor da iniciativa pessoal e nem isso poderíamos realizar porque tambem estamos a caminho da verdade infinita, na estrada ascensional da evolução, interessando-nos outrosim problemas que condizem com a nossa existencia espiritual. Sugerimos apenas em razão das nossas experiencias passadas.

O homem não aguarde, porém, dos elementos estranhos ao seu meio ambiente a decifração das suas questões devendo apenas buscar fóra do seu meio a força impulsiva dos ideaes realizadores.

A lei suprema que abrange a universalidade dos seres é a do arbitrio independente. Obrigar individualidades e organisações a determinadas normas de conducta seria a escravisação injustificavel e podeis observar, mesmo em vosso mundo, como a liberdade caminha dia a dia para concepções mais avançadas.

Para a Causa geradora da vida não existe força compulsoria; ha ordem. Não ha confusão de autoridade ou poder; existe synarchia.

Todos os phenomenos, em geral, são dirigidos por actividade mistica, inacessivel aos vossos juizos transitorios.

Fugindo dos themas temporarios da politica, o homem necessita convencer-se de que a unica cousa real da vida é a sua alma. Tudo o mais que o rodeia reveste-se de character de transitoriedade.

O espirito encarnado actualmente é um estudante longe dos seus penates.

Todavia, a escola evoluirá com elle transformando-se no decorrer dos tempos em berço de mestres illustres aptos a leccionar nos educandarios do porvir.

O homem conhecerá Deus, conhecendo-se, porquanto póde assimilar e adaptar a vida, mas não póde criar-a; póde, scientificamente, alcançar api-

ces inimaginaveis; porém, somente no papel de examinador de tudo quanto está creado, sondando effeitos e descobrindo leis que se conservavam desconhecidas.

A causa dessas leis productoras de variados phenomenos para elle se encontra sempre obscura e alheia aos seus methodos objectivos de investigação.

Até hoje, somente a fé, baseada na razão, tem podido, na sua extraordinaria capacidade de resonancia, corresponder-se com os planos espirituales, através da sintonia de vibrações psychicas; porém, pouco a pouco, a sciencia humana coroará a sua obra com o conhecimento dessa Causa — que é Deus.

Joaquim Pedro d'Oliveira Martins".

(Recebida em Pedro Leopoldo, a 18 de junho de 1935.)

Uma orientação politica para o Brasil nas paginas psychographadas de Chico Xavier

AINDA A DEMOCRACIA — AS LEIS SÃO BÓAS, MAS OS HOMENS SÃO MÁOS... — PATRIOTISMO E COLLECTIVIDADE

PEDRO LEOPOLDO, 8 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) — De accordo com o que adeantavamos hontem, iniciamos hoje a divulgação de respostas colhidas, do Além, pelo "medium", e relativas ás consultas seleccionadas da vasta cor-

respondencia que lhe chegára desde o início da maior divulgação do seu caso.

Conforme já observamos, muitas das indagações, embora acolhidas com a mesma e respeitosa delicadeza que as demais, foram postas de parte, por estarem fóra não só das possibilidades do "medium", ou antes, de seus protectores, como tambem das altas cogitações de ordem moral e espiritual da doutrina.

EM TORNO DA SITUAÇÃO ECONOMICA DO BRASIL

A abertura das cartas era feita á noite, na residencia do "medium" e este mesmo as lia e enunciava as consultas nas mesmas contidas.

Reunidas algumas perguntas admissiveis, a caixa da correspondencia era posta de lado e o "medium" concentrava-se a seguir para a consulta aos protectores e amigos do espaço.

O reporter limitava-se a recolher as respostas porventura obtidas.

A primeira das consultas attendidas foi a seguinte:

Depois de algumas referencias á mensagem de Emmanuel, publicada em nossas edições de 16 de maio ultimo, e na qual o "guia" diz que "para o estado actual do Brasil não se enquadra outro regimen fóra da democracia-liberal", um missivista, talvez pouco sympathico a esse mesmo regimen, fez esta indagação:

— "Como poderá o Brasil resolver a sua situação economica dentro da democracia-liberal?"

SÓMENTE FÓRA DO FACCIOSISMO, DAS LUTAS DE CLAN...

A resposta de Emmanuel é prompta e coherente com o ponto de vista favoravel á liberal-democracia, já antes expellido. Revela ainda o "guia", em suas considerações de agora, estar mais ou menos a par dos aspectos geraes da actual situação patricia...

Eis essa resposta de Emmanuel:

— "A Republica Brasileira necessita de forças vitalicias, no terreno politico-administrativo, que predominem sobre suas instituições de caracter temporario.

Contrariando o facciosismo, as lutas de clan, existiam no Brasil Imperio, os grandes poderes centralizados. E' da formação de um poder como esses

que a Republica necessita, afim de corrigir os baldões, os defeitos, a instabilidade da politica administrativa.

AS CONCEPÇÕES AVANÇADAS DA ALMA BRASILEIRA

O conjunto de leis brasileiras, os dispositivos constitucionaes reflectem a evolução moral dos habitantes das terras do Cruzeiro. Não só a nova carta politica ultimamente promulgada — exceptuando-se as incompreensiveis emendas religiosas — como a Constituição de 1891, são documentos de alto valor historico e politico, attestando as concepções avançadas da alma brasileira.

"OS INTERESSES DOS CHEFES NUNCA SÃO PREJUDICADOS"

Temos, porém, a considerar, no paiz, o combate prejudicial dos partidos sob a dictadura dos mais implacaveis individualismos.

Os interesses dos chefes nunca são prejudicados. Sob o despotismo de sua vontade pessoalissima estão os interesses da nação e das collectividades.

UMA APPROXIMAÇÃO NECESSARIA

Ora, nas condições actuaes, não se enquadra no paiz outro regimen que não seja o da democracia. As experiencias, porém, requerem uma salutar aproximação entre governantes e governados, e todo o individualismo deve desaparecer nos interesses geraes.

A QUESTÃO E' DE HOMENS, NÃO DE LEIS

A solução dos problemas das classes tem sido tratada com a mais accentuada ausencia de tacto, pelos que di-

rigem o Estado. Os grandes disequilibrios economicos e o scepticismo de quantos vivem a esperar melhores dias para a nação são oriundos justamente dessa odiosa campanha personalista que infelicitava, ha muitos annos, as correntes politicas do paiz.

A questão é de homens e não de leis. As leis são boas e bastavam para controlar todos os phenomenos da vida nacional.

FALTAM OS CEREBROS E OS SENTIMENTOS

Faltam os executores, os cerebros e os sentimentos.

Evite-se a expansão do interesse pessoal, as competições mesquinhas, a ambição de ganhos e dominios, os

assaltos ao Thesouro Publico, o exhibicionismo, e cultive-se, acima de tudo, o interesse da collectividade. Basta isso. A collectividade é a nação e não se comprehende o patriotismo fóra dessas normas.

QUESTÃO PURAMENTE ADMINISTRATIVA

Vê-se pois que todos os problemas economicos estão enfeixados nas questões de ordem administrativa.

Nestes tempos de confusão, em que a crise se manifesta dentro de todas as modalidades, Deus proteja o Brasil, inspirando áquelles que o governam e concedendo a todos os seus filhos paz e prosperidade. — Emmanuel."

(Recebida em Pedro Leopoldo, a 11 de junho de 1935.)

Poderá a sciencia substituir a religião?

"ACIMA DAS COUSAS TRANSITORIAS DO MUNDO, HA UMA SABEDORIA INTEGRAL E UMA ORDEM INVIOLAVEL" — RESPONDE EMMANUEL, ACONSELHANDO OS VIVOS A QUE GUARDEM O PATRIMONIO DE SUAS CRENÇAS

PEDRO LEOPOLDO, 9 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) — Enviamos hoje mais tres das respostas colhidas por Chico Xavier, dos seus protectores do Além, e relativas a indagações enviadas por carta ao "medium".

A primeira das duas perguntas abaixo respondidas é esta:

— "Poderá a Sciencia substituir a Religião?"

A segunda indagação refere-se ao habito da cremação de cadaveres, adoptado por muitos povos do Oriente, e diz:

— "Sentem os desencarnados os efeitos da cremação de seus despojos mortaes?" E a terecira é esta:

— "Qual a impressão do homem no instante da morte?"

EM TORNO DE UMA VELHA ANIMOSIDADE

Eis como Emmanuel, com aquelle admiravel poder de synthese que caracteriza suas mensagens, respondeu á primeira das indagações acima:

— "Creio que, no futuro, viverá a humanidade fóra desse ambiente de

animosidade entre a sciencia e a religião; julgo, comtudo, que, em nenhuma civilização, póde a primeira substituir a segunda. As suas antinomias serão eliminadas dentro do estudo, da analyse, do raciocinio.

Nos tempos modernos, mentalidades existem que pugnam pelo desaparecimento das noções religiosas do coração dos homens. Pede-se uma educação sem Deus, o aniquillamento da fé, o afastamento das esperanças de uma outra vida, a morte da crença nos poderes de uma providencia estranha aos homens. Essa tarefa é inutil. Os que se abalançam a suggerir semelhantes empresas podem ser dignos de respeito e admiração pelos seus meritos scientificos, mas assemelham-se a alguém que tivesse a fortuna de obter um oasis entre immensos desertos. Confortado e satisfeito dentro da sua felicidade ocasional, não vê as caravanas sem numero de infelizes, transitando sobre as areias ardentes, cheias de sede e de fome.

EXPERIENCIA QUE FRACASSARIA

O sentimento religioso é a base de todas as civilizações. Preconisa-se uma educação pela intelligencia, concedendo-se liberdade aos impulsos naturaes do homem. A experiencia fracassaria. No dia em que a evolução dispensar o concurso religioso, a humanidade estará unida a Deus pela sciencia e pela fé então irmanadas.

A SCIENCIA E SUAS CONTRADIÇÕES: ATTESTADO DA FALLIBILIDADE HUMANA

Em cada seculo o progresso scientifico renova sua concepção acerca dos mais importantes problemas da vida.

Raramente os verdadeiros sabios são comprehendidos por seus contemporaneos. Se as contradicções dos estudiosos são o signal de que a sciencia

progride sempre, ellas attestam egualmente a fallibilidade humana e a fraqueza e inconsistencia dos seus conhecimentos.

O SUBLIME LEGADO

Diz-se que o pensamento religioso é uma illusão. Tal affirmativa carece de fundamento. Nenhuma theoria scientifica, nenhum systema politico, nenhum programma de reeducação podem roubar do mundo a idéa de Deus e da immortalidade do sér, innata no coração do homem.

As ideologias novas não conseguirão eliminal-a tambem.

A religião viverá entre as creaturas, instruindo e consolando, como um sublime legado.

RELIGIÃO E RELIGIÕES

O que se faz preciso, em vossa época, é estabelecerdes a differença entre religião e religiões.

A religião é o sentimento divino que prende o homem ao Creador.

As religiões são as organizações dos homens, falliveis, imperfeitas como elles proprios; dignas de todo o acatamento pelo sôpro da inspiração superior que as fez surgir, são como gottas de orvalho celeste misturadas com os elementos da terra em que caíram. Muitas dellas, porém, estão desviadas do bom caminho pelo interesse criminoso e pela ambição lamentavel dos seus expositores; mas a verdade um dia brilhará para todos, sem necessitar da cooperação de nenhum homem.

ACIMA DE TUDO ESTÃO A SABEDORIA INTEGRAL E A ORDEM INVIOLEVEL

Cabe-nos, pois, aos que depois da morte, já não seguirem qualquer acção

para o afastamento de duvida, exclaimar para os que crêem e esperam:

— “O’ irmãos nossos que confiaes na Providencia, dentro da escuridão do mundo!... Do portal de claridades do Além-Tumulo, nós vos estendemos as mãos fraternas!... Nossa palavra corre sobre o mundo como um poderoso sôpro de verdades! Dentro do Universo mil laços nos unem. Sobre as ruínas, sobre os escombros das civilizações mortas e dos templos demoronados, nós viveremos eternamente. Uma justiça soberana, integra e misericordiosa preside aos nossos destinos. Na Terra ou no espaço, unamos os nossos esforços pelo bem colectivo.

Guardae comvosco o sagrado patrimonio das crenças, porque, acima das cousas transitorias do mundo, ha uma Sabedoria Integral, uma Ordem Inviolavel. Lutemos pois, com destemor e coragem, porque Deus é justo e a alma é immortal. — Emmanuel.”

SÓ AO FIM DE CERTO PRAZO DEVERÁ SER FEITA A CREMAÇÃO

A’ segunda das perguntas acima, a relativa á cremação de cadaveres, o “guia” assim respondeu:

— “Geralmente, nas primeiras horas do “post-mortem”, ainda se sente o espirito ligado aos elementos cadavericos.

Laços fluidicos, imperceptiveis ao vosso poder visual, ainda se conservam unindo a alma recém-liberta ao corpo exaustivo; esses elos impedem a decomposição immediata da materia. E, por esta razão, na maioria dos casos o espirito póde experimentar os soffrimentos horribes oriundos da cremação, a qual, nunca deverá ser levada a effeito antes do praso de cincoenta horas após o desenlace. A cremação immediata ao chamado instante da morte é, portanto nociva e deshumana.

ELEMENTOS DE VIDA QUE FICAM POR ALGUM TEMPO, NO CADAVER

A’s vezes, segundo a natureza das molestias que precedem a desencarnação, existem ainda no cadaver innumerables elementos de vida; dahi nasce a possibilidade de, usando de recursos varios e reagentes, a sciencia fazer um “morto” voltar á vida.

Vê-se pois que o espirito desencarnado, nas primeiras horas do Além-Tumulo, póde sentir, dentro do quadro de suas impressões physicas, todas as acções a que seu corpo abandonado seja submettido. — Emmanuel.”

TAL VIDA, TAL MORTE

A terceira pergunta, sobre a “impressão do homem no momento da morte” foi respondida nestes termos:

— A impressão da alma no momento da morte varia como os estados de consciencia dos individuos.

Para todas as creaturas, porém, manifesta-se nesses instantes a bondade divina. Os moribundos têm invariavelmente a assistencia dos seus protectores e amigos invisiveis que os auxiliam a se libertar das cadeias, que os prendem á vida material. Entre os homens não existe a necessidade de alguém que auxilie os recém-nascidos a se desvencilharem do cordão umbilical?

As sensações penosas do corpo são mais ou menos accordes com a molestia manifestada. Ellas, porém, passam e nos primeiros tempos, no plano espiritual, vae a alma colher os frutos de suas boas ou más obras na superficie do mundo.

O adagio popular “Tal vida, tal morte” vae ahí receber então a sua sancção plena. — Emmanuel”.

"A mulher não precisa masculinizar-se e sim educar-se"

O FEMINISMO EM FACE DO CODIGO TRANSITORIO DOS HOMENS — AS DESEQUALDADES SOCIAES — A EVOLUÇÃO DOS POVOS E DE SEUS CODIGOS — LIVRE ARBITRIO — SÓ É CRIMINOSO QUEM QUER — MAIS TRES RESPOSTAS DE EMMANUEL

PEDRO LEOPOLDO, 11 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) — O feminismo, logo se vê, não podia escapar às cogitações dos consulentes de Chico Xavier. Não fosse essa uma das maiores preocupações do proprio seculo.

As indagações que surgem, a respeito, do seio da correspondencia, são varias. Ha uma, porém, que constitue, daquellas, uma synthese:

— Qual a opinião dos espiritos sobre o feminismo?

Simple, directa, sem malicia nem animosidade.

E assim tambem é a resposta dada pelo guia e protector do "medium".

CONTRA A MASCULINIZAÇÃO ESPECTACULOSA

Na resposta, não está explicito propriamente um pronunciamento geral dos "espiritos", como pede a pergunta. Como, porém, o guia não faz restricção alguma ás suas palavras, parece-nos que podemos aceitar-as como um ponto de vista colectivo. E este, como se verá, não é de todo favoravel ao sentido tomado pelas chamadas conquistas feministas no panorama contemporaneo.

Eis como pensam os espiritos sobre essa questão, segundo a resposta assignada por Emmanuel:

— A mulher deve collaborar com o homem, de fórma admissivel ao seu sexo, nas variadas esferas de sua actividade. Mas não comprehendemos como legitimo esse movimento de masculinização espectacular, preconizada por inumeros orientadores do máo feminismo, os quaes illudem a mulher quanto ás suas obrigações no seio da collectividade.

O homem e a mulher, dependendo um do outro, são elementos que se completam para a consecução da obra divina.

NÃO PRECISA MASCULINIZAR-SE E, SIM, EDUCAR-SE

A mulher não precisa masculinizar-se. Precisa educar-se, dentro da sua feminilidade.

O problema do feminismo não é o da exclusão da dependencia da mulher; deve ser o da comprehensão dos seus grandes deveres. Dentro da natureza, as linhas determinadas pelos designios insondaveis de Deus não se mudam sob a influencia do limitado arbitrio humano; e a mulher não póde transformar o complexo estructural do seu organismo.

OS DEVERES MAIS SAGRADOS

Homem e mulher, cada um delles, tem obrigações nobilissimas a cumprir, nas posições diferentes em que foram collocados, dentro do planeta. Aliás, na humanidade, a mulher; por sua profunda capacidade receptora, guarda os deveres mais sagrados deante das leis divinas.

Todas as questões feministas se reduzem a um problema de educação mais do que necessaria.

UM PROBLEMA QUE FOGE AOS CODIGOS TRANSITORIOS DOS HOMENS

Neste seculo, as experimentações tocam ao auge. A mulher não podia escapar a essa onda de transições. Todavia, faz-se preciso conter o delirio, a allucinação de mentalidades apaixonadas, nos excessos de idealismo, e que se voltam para o campo da publicidade, falhas no conhecimento imprescindivel das realidades da vida, sem saber o que desejam e sem nada trazer de melhor aos que se formam para as lutas da existencia, intoxicando o espirito da juventude. As idéas são forças que, como a electricidade, arruinam o que encontram na sua passagem, quando não são devidamente controladas. Toda a força necessita de educação para se expandir com beneficios.

O problema da mulher antes de ser estudado, dentro dos codigos transitorios dos homens, precisa ser resolvido á luz do Evangelho. — Emmanuel."

A EVOLUÇÃO DOS POVOS SIGNIFICA A EVOLUÇÃO DOS SEUS CODIGOS

O que dissemos em relação ao feminismo, poderíamos repetir quanto ás questões sociaes em geral: as indagações são muitas, a respeito.

Uma dessas é a seguinte:

— "Que pensam os espiritos das desigualdades sociaes?"

A indagação é das que convidam aos debates longos e ás demoradas dissertações.

Emmanuel, porém, vale-se ahi, mais uma vez, do seu admiravel poder de synthese para responder:

— "O problema das desigualdades sociaes affronta os pensadores desde a aurora dos tempos. E' preciso, contudo, considerar-se que, se a pobreza luta com infortunios e adversidades, a riqueza e a autoridade implicam deveres muito sagrados, deante das leis humanas e divinas, dos quaes decorrem responsabilidades temiveis para quantos não os saibam cumprir.

AS CLASSES EXISTIRÃO SEMPRE — O DEVER DE SOLIDARIEDADE

Em these, as classes existiram e existirão sempre.

O que, porém, deve preoccupar os sociologos modernos é estabelecer a solidariedade entre ellas, a conciliação de seus interesses, a multiplicação urgente das leis de assistencia social, unicas alavancas mantenedoras da ordem.

MEDIDA IMPOSTA PELA EVOLUÇÃO GERAL

A evolução dos povos significa a evolução de seus codigos.

Creemos, portanto, que, em futuro proximo, os phenomenos sociaes serão controlados com mais criterio, na esphera da politica administrativa como medida necessaria imposta pela evolução geral. — Emmanuel."

O LIVRE ARBITRIO E A FATALIDADE

— "Está o homem subordinado ao livre arbitrio ou á fatalidade?"

A essa pergunta assim respondeu Emmanuel:

— "O homem está subordinado ao seu livre arbitrio; mas sua existencia está tambem submettida a determinadas circumstancias, de accordo com o mappa de seus serviços e provações na Terra, e delineado pela individua-

Hdade, em harmonia com as opiniões dos seus guias espirituales, antes da reencarnação.

As condições sociaes, as molestias, os ambientes viciosos, o cerco das tentações, os dissabores, são circumstancias da existencia do homem. Entre ellas, porém, está a sua vontade soberana.

Póde nascer num ambiente de humildade e modestia, procurando vencer pela perseverança no trabalho e triumphando das deficiencias encontradas; póde supportar as enfermidades com serenidade de animo e resignação; póde ser tentado de todas as maneiras, mas só se tornará um criminoso se quizer.

(Recebida em Pedro Leopoldo, a 24 de junho de 1935.)

"Mais verdade do que dinheiro, mais luz do que pão"

A CRISE ESPIRITUAL, FONTE DOS MALES ACTUAES

PEDRO LEOPOLDO, 14 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) — Muitas são as consultas que em nada vão além de preocupações puramente terrenas. E isso já nos serviu a observar como os espiritos, no caso, falando pela palavra de Emmanuel, procuram sempre fugir áquelle exclusivismo material, conseguindo, não raro, estabelecer uma relação entre os problemas humanos que estejam inteiramente á margem de sua vida espiritual e as cogitações que pairam e os remedios que possam vir dos altos planos onde, segundo a

O ELEMENTO DOMINANTE

Na esphera individual o livre-arbitrio é pois o unico elemento dominante. A existencia de cada homem é resultante de seus actos e pensamentos.

O que se faz necessario é intensificar cada um sua educação pessoal.

Um dos grandes erros do homem é não se conformar com sua situação de simples hospede de um mundo que não lhe pertence.

Se reconhecesse o quanto é passageira sua permanencia na Terra, evitaria a influencia nefasta do egoismo e não agrilhoaria o seu coração ao carcere de desejos inconcebíveis, causas naturaes de muitos de seus maiores soffrimentos — Emmanuel."

doutrina, vivem os Amigos do Espaço.

Tal constatação parece-nos bastante significativa para os que convictamente lutam entre as contingencias da Terra, pois vem, de certa forma, ennobrecer um pouco certos detalhes mais typicamente terrenos da existencia, os quaes tanto desdem merecem de certos créditos, apesar do muito de dôres que delles, detalhes, ás vezes resultam para os homens.

E isto sempre conforta um pouco aos campeadores convictos da vida em que estamos, da unica que percebemos sem nenhuma duvida, vindo afinal de contas sempre dar um sentido mais digno áquillo que Fradique

chamou "a escura disparada para a morte" e que, para o personagem de Shakspeare, não passaria de uma historia tola contada por um idiota...

A VERDADEIRA CRISE DO MUNDO É UMA SÓ — A DE ORDEM ESPIRITUAL

A pergunta e a resposta que damos a seguir enquadram-se, sem duvida, nas nossas considerações de acima.

Indagára o missivista:

— As nações estão vivendo um momento angustioso no terreno economico. Qual a causa dessa crise que avassala o mundo?

Emmanuel respondeu assim:

— Estão acertadas, no seu julgamento, quantas encontram, nas crises actuaes, as modalidades varias de uma crise unica — a de ordem espiritual.

Ha, por todo o canto, o fermento revolucionario. Fallece á politica autoridade para organizar um programma que corresponda aos anseios geraes. A sciencia, a cada passo, se encontra num turbilhão de perplexidades. As religiões crearam um Deus anthropomorphico, pondo de lado o "reino do céu" para alcançarem, por quaesquer meios, o "reino da terra".

A alma humana, dentro dessas vibrações antagonicas, perde-se num emaranhado de conjecturas e de soffrimentos.

VICIOS DO PENSAMENTO, VICIOS DOS COSTUMES, VICIOS DA ALIMENTAÇÃO

Essa inquietação geral, a ausencia de paz nos corações, estabelecem a crise avassaladora que abrange todos os dominios da actividade humana.

As classes são dominadas pelos desvios de toda a ordem; vicios do

pensamento, vicios dos costumes, vicios da alimentação. Que se poderia fazer para que a ordem se restabelesse, para que o bem estar social se effectivasse?

Far-se-ia mister pyrogravar, no coração de cada homem, a legenda celebre de Delphos.

OS ANSEIOS E A LUTA TENAZ DO ESPIRITO, COMO HA DOUS MIL ANNOS

Observa-se em todos os sectores dos trabalhos do mundo, uma luta tenaz dos anseios do espirito que almeja paz e libertação.

Ha quasi dous millenios, quando a civilização, symbolisada no poderio romano, se entregava a todos os desregramentos e desvarios, fez-se ouvir a voz consoladora do Mestre, o Salvador esperado por muitos seculos de ansiedade e prophecias.

Sob a sua divina influencia, uma transformação radical se operou dentro da civilização trabalhada pelos habitos perniciosos. A sua vida sacrificada foi legada ao homem como o sublime modelo; sua palavra foi deixada no mundo como a lei aurea de liberdade das almas.

A CULMINANCIA DE HOJE

Passado, porém, o arrebatamento da fé, novamente os abusos da maldade humana se fizeram sentir por toda a parte, e dos quaes se observa, na actualidade, a culminancia.

O APPELLO AOS SENTIMENTOS DA FRATERNIDADE CHRISTA

Todavia, ainda é para Jesus que os homens necessitam voltar os seus olhos. A missão do moderno espiritalismo é trazer a chave dos conhe-

cimentos acerca dos seus grandes e inolvidáveis ensinamentos. Emquanto não compreenderem os homens os seus deveres de fraternidade christã, não ha possibilidade de se evitarem as crises que assoberbam o mundo.

MAIS VERDADE DO QUE DINHEIRO, MAIS LUZ DO QUE PÃO

A guerra continuará amortalhando os corações; os artigos de primeira

necessidade serão destruidos pela falsa directriz economica de alguns países, quando muitos choram a falta de pão; a confusão proseguirá dentro de todos os seus matizes, até que a crise espiritual seja solucionada pelo esforço do homem, afim de que a luz se faça no seu coração. O que se depreheende, pois, do confusionismo hodierno, é que os homens necessitam mais de verdade que de dinheiro, de mais luz espiritual que de pão.

Emmanuel."

(Recebida em Pedro Leopoldo, a 25 de junho de 1935.)

Emmanuel fala-nos sobre a medicina dos homens e o problema angustioso das guerras

A MAXIMA DE JUVENAL CONTINUA DE PÉ — A NECESSIDADE, PARA EXTINÇÃO DAS GUERRAS, DA RENOVACÃO DAS DIRECTRIZES ECONOMICAS DOS POVOS — O IMPERATIVO DA MAIS INTENSA EDUCACÃO PESSOAL E COLLECTIVA — GUERRA, CONSEQUENCIA NATURAL DOS DEFEITOS DAS LEIS HUMANAS

PEDRO LEOPOLDO, 16 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) — Occupar-nos-emos, hoje, de algumas respostas dadas por Emmanuel a indagações a respeito de guerras e da medicina da Terra.

Sobre este ultimo ponto a pergunta feita era esta:

— "Como encaram os espiritos a medicina da Terra?"

O SAGRADO SACERDOCIO

Dados a actividade de certos "mediums" que se dedicam á cura de males physicos, e os conflictos que, não raro, se estabelecem entre os processos da medicina espirita e os da therapeutica terrena, a resposta apresenta-se interessante, sobretudo, pelo esclarecimento que, de certa fórma dá, sobre a razão e as possibilidades daquelles methodos mediumnicos de cura e o beneficio de delles porventura resulta para o doente.

Tal esclarecimento, entretanto, nós apenas o podemos deduzir da resposta, pois é digno de resaltar-se que, nelle, Emmanuel, ao contrario do que se poderia suppôr, não faz propriamente defesa alguma exclusiva da medicina espirita. Limita-se a expôr um ponto de vista sobre o problema dos males terrenos, exaltando mesmo nessa esphera as actividades dos me-

dicos da Terra, nas quaes aponta um "sagrado sacerdocio".

E detendo-se, um momento em traçar a observação acima, o reporter não teve outro intuito que o de mais uma vez significar a isenção com que resolutamente se lançou nesta reportagem em torno do "medium" de Pedro Leopoldo.

Agora, passemos á resposta.

TRABALHO SANTIFICANTE E ABNEGACÃO REDEMPTORA

A resposta de Emmanuel á indagação acima é a seguinte:

— A medicina no quadro das sciencias, é uma das maiores bemfeitoras da humanidade; no seu seio não são poucos os espiritos que se têm dignificado pelo trabalho santificante e pelas abnegações redemptoras.

Digna de todo acatamento, é licito esperar-se della muito de realizações em favor dos que, na Terra, lutam e laboram pela conquista do aperfeiçoamento.

E' uma questão de dar-se tempo ao tempo. Paulatinamente, ella resolverá muitos dos mais intrincados problemas da microbiologia, no seu objectivo de conservar a saude humana.

E' pena que os systemas medicinaes se degladiem tanto na exposição de seus processos de cura; todos elles apresentam as suas vantagens e o que é mais necessario a quantos aceitam os seus postulados é encararem sua posição como decorrente de um sacerdocio muito sagrado.

MICROBIOS E ELEMENTOS DE ORDEM ESPIRITUAL

E' verdade que grande numero de molestias constituem enigmas dolorosos para a sciencia dos homens, não obstante o avanço dos compendios nosologicos. E' que os microbios patho-

genicos se associam a elementos subtilissimos de ordem espiritual.

Um problema, grandioso demais pela sua transcendencia, affronta os conhecimentos scientificos — o das provações individuaes, necessarias ao aprimoramento psychico de cada um.

RELACIONANDO ENFERMIDADES DO CORPO E DA ALMA

Dahi se infere a vantagem que adviria, para os processos medicinaes, se a therapeutica espiritual estivesse sempre unida a quaesquer systemas de cura. As enfermidades do corpo obedecem, geralmente, ás enfermidades da alma; os tratamentos que a esta fossem applicados o seriam em identidade de circumstancias ao vehiculo das suas manifestações.

Aconselhariamos pois á medicina em geral a intensificação dos processos magneticos de cura, a suggestão e, sobretudo, a disciplina da mente, força central e coordenadora dos phenomenos vitaes. A mente educada representa a maior fonte de auxilios a "es medicatrix", elemento regenerador de todas as funcções do organismo.

A MAXIMA DE JUVENAL

E, em geral, secundando os esforços médicos, todos os homens deveriam ser fieis observadores dos tratamentos preventivos, principalmente no tocante ás questões da hygiene, dos exercicios physicos, da gymnastica respiratoria, dos abusos da alimentação, dos desvios moraes. A observancia dos preceitos precessarios seria eminentemente benefica, portadora das melhores condições para a saude do individuo e da collectividade.

Mais do que nunca se faz mister o estudo acurado do "Mens sana in corpore sano".

Vê-se, pois que, apesar da evolução do presente, não se pôde prescindir

das experiencias do passado. Nos tempos de Einstein e Marconi, inda ha necessidade da maxima antiga de Juvenal.

Emmanuel."

ESTARÁ O MUNDO LIVRE DE GUERRAS?

Passemos ás perguntas que se preoccupam com a idéa da guerra.

Diz uma:

"— Estará a humanidade livre das guerras?"

Eis a resposta do guia:

Não consideramos como definitivamente afastada do seio das nações a acção nefasta das guerras. Para tanto se faria mistér que os homens, em geral, estivessem integrados no conhecimento dos seus deveres christãos, o que não acontece. Por muito tempo ainda, crêmos que, infelizmente, a humanidade será perseguida pela guerra e pela cohorte de seus infortúnios e desgraças; cremos que a sua extinção se verificará sómente depcis de uma

renovação radical, nas directrizes economicas adoptadas pela maior parte dos paizes, aliada ao sentimento de solidariedade e fraternidade universaes que, segundo a educação necessaria, deve ser o característico das gerações futuras.

CONSEQUENCIA NATURAL DOS DEFEITOS DAS LEIS HUMANAS

Outra pergunta:

"— A guerra obedece a um determinismo no plano da evolução?"

Resposta:

Crê-se que a guerra obedeça a leis deterministas; julgo, porém, que preferir semelhante conceito é avançar muito. Ella é a consequencia natural dos defeitos das leis humanas.

A necessidade imprescindível do momento do mundo é a solução do problema educativo. Faz-se precisa a educação pessoal e collectiva; da primeira decorre o progresso particular; da segunda, a evolução do mundo e das suas leis. — Emmanuel."

(Recebida em Pedro Leopoldo, a 27 de junho de 1935.)

O nacionalismo diante da lei da fraternidade

UNIVERSO — OBJECTIVAÇÃO DO PENSAMENTO DIVINO

PEDRO LEOPOLDO, 21 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) — Numa das cartas enviadas a Chico Xavier, o missivista, considerando o conceito do nacionalismo em face das leis fraternas de que repetidamente fala Emmanuel, indaga:

"— Se o nacionalismo multiplica as energias de um povo, parece, en-

tretanto, que vae de encontro á lei da fraternidade. Como deveremos entendel-o?"

DESEJOS E ENTHUSIASMOS COMPREHENSIVEIS

Emmanuel assim responde a esse consulente:

"— Comprehendemos que se deva amar o pedaço de terra que nos viu

nascer e comprehendemos tambem o desejo de engrandecel-o pelo trabalho, pela intelligencia, pelo progresso, tornando-o digno da admiração dos outros. Aliás todas as concepções do verdadeiro patriotismo se enquadram no esforço de cada individuo em favor da evolução geral.

Fazer, porém, a apologia desses movimentos nacionalistas que, a pretexto de unificação e energia administrativa, operam a revivescencia das auto-cracias de outr'ora, incentivando as guerras, provocando revoltas, cohibindo o pensamento, é desconhecer as leis da solidariedade humana.

Applaudir essas iniciativas que consideramos como attentatorias á lei fraterna que rége os mundos e as almas, seria cooperar para o desvirtuamento de todos os principios da justiça e da ordem.

A MYSTICA NACIONALISTA E O BEM COLLECTIVO

Ninguém pôde prevêr as consequencias dessa mystica nacionalista que, na actualidade, percorre o mundo de bandeirolas ao vento. Em todas as organizações politicas encontram-se concepções elevadas que interessam, de perto, a vida do Estado; mas todo e qualquer extremismo, dentro dellas, é prejudicial ao bem collectivo.

O ISOLAMENTO DOS ESTADOS E O DESEQUILIBRIO ECONOMICO

Cria-se a politica dos governos fortes afim de se incentivar as energias nacionaes. Isola-se o Estado e, nesse isolamento, os grandes erros começam porquanto os desequilibrios economicos são inevitaveis.

Os homens não pôdem fugir aos dispositivos do codigo da fraternidade universal. Cada individualidade dá o que possui, no problema das possibili-

dades e das vocações, no edificio do progresso collectivo. Uma traz a sciencia, outra a arte, outra uma nova modalidade evolutiva.

QUANDO OS PAIZES LAVRAM A PROPRIA CONDEMAÇÃO

Dentro do mundo, são assim as nacionalidades, no tocante a produção. O que se faz necessario é regulamentar-se a troca dos productos de cada uma. Ainda ahi encontramos as lições de fraternidade da natureza.

Um paiz, pretendendo isolar-se no mundo, lavra a sua propria condemnação.

O UNIVERSO É O PENSAMENTO DIVINO EM SUA EXPRESSÃO OBJECTIVA

Não vemos, portanto, nenhuma legitimidade nesse exclusivismo anti-fraterno. Physicamente as nações representam sómente o patrimonio da Humanidade. O universo é o Pensamento Divino em sua expressão objectiva. O plano de perfeição una absorve todas as cousas, impondo a lei de Fraternidade a todas as creaturas.

O amor de Deus envolve a criação infinita. Para a sua misericórdia, portanto, um paiz não vale mais do que outro; e os homens, sejam europeus, africanos, hottentotes, todos são irmãos.

OBRAS PURAMENTE HUMANAS...

As rajadas de guerras, de nacionalismos incomprehensíveis, são obras humanas, envolvendo grandes e temiveis responsabilidades individuaes e collectivas. Todavia, todos os feitos do homem na esphera da existencia transitoria, são assignalados pelo seu caracter temporal. O que existe é a lei divina. é a alma immortal.

EVOLUÇÃO

A evolução pôde ser lenta, mas é segura; pôde ser combatida, mas será aceita em tempo opportuno.

A Historia é o vosso roteiro. Onde se encontram a Sparta e a Athenas de outrora? Que sopro destruidor pulverizou as esplendorosas civilizações que floresceram junto do Ganges, do Nilo, do Tigre, enchendo de vida as suas margens? Que força extra-humana soterrou a Roma poderosa da antiguidade, numa alluvião de cinzas?... Onde se acham as suas galerias soberbas, cheias de patricios e de escravos, as suas conquistas, os seus imperios faiscentes?...

A mão do processo evolutivo, invisível e mysteriosa, que estancou as lagrimas da plebe soffredora, subjogou os tyrannos, assignalando as suas frentes com o estigma da maldição dos seculos.

OS VENTOS DA NOITE SOBRE AS RUINAS...

O progresso vem trabalhando com sacrificios e sobre as ruinas do Colyseu e de Spalato, choram, amargamente, os ventos da noite.

O poder de homens e de nações passam como a sua propria acção. Dahi a necessidade da diffusão do conceito immortalista da vida, para que a humanidade concentre as suas possibilidades na acquisição dos thesouros espirituaes, os unicos que se não dissipam no vortice das mutações da materia.

E AS PROMESSAS DO ESPIRITUALISMO

O moderno espiritalismo, explicando aos homens, em espirito e verdade, as lições trazidas ao mundo por Jesus, ha de reparar os excessos do

nacionalismo, integrando as creaturas no conhecimento das verdadeiras leis fraternas e extinguindo os odios raciaes que infelicitam a humanidade.

OS PRIMEIROS TEMPOS NO ALEM — CÉO E INFERNO

— “Como decorrem para o espirito desencarnado os primeiros tempos no Além-Tumulo? Haverá um céu e um inferno?”

Assim respondeu Emmanuel:

— “A vida do espirito descarnado, nos primeiros tempos do ‘post-mortem’, reflecte em geral as acções de sua existencia terrena. Os que viveram mergulhados nos estudos dignificadores, encontrarão meios de desenvolver-se dentro de sociedades esclarescidas que os acolhem, segundo os imperativos das affinidades espirituas.

Os que viveram no mundo divorciados da pratica do bem, submersos nas satisfações viciosas, soffrem naturalmente a consequencia dos seus desvios. As concepções de céu e inferno estão, pois, symbolisadas no estado da consciencia redimida no trabalho e na virtude ou escrava do vicio e do peccado.

A SAGRADA ESPERANÇA

A seguir surge esta pergunta em que se sente todo o anseio da alma humana que a desdita fez ficar enlutada, na Terra:

— “Em desencarnado, encontra a alma os séres que amou e que partiram para o Além antes dellas?”

A resposta de Emmanuel, confortadora:

— “Nem sempre encontramos, ao despertarmos na existencia do Além, todos aquelles que participavam das nossas dores e jubilos da Terra. Al-

guns entes caros parecem apartados ainda de nós para sempre. Todavia todos nós encontramos dentro da misericordia divina, quem nos elucide e guia, caridosamente, no dedalco das incertezas e das duvidas.

Dia virá, porém, em que teremos a consoladora certeza de encontrar todos pelos laços do Amor; e essa certeza constitue grande felicidade para todos os espiritos.”

NÃO HA TEMPO DETERMINADO PARA O INTERVALLO DAS REINCARNAÇÕES

Outra pergunta:

— “A reencarnação só se verifica depois de um determinado tempo de vida espiritual no Além?”

Resposta:

— “Não ha tempo determinado no intervallo das reencarnações da alma. No espaço comprehendido entre ellas, o espirito estuda, nos planos em que se encontra, as possibilidades do futuro, ampliando seus conhecimentos e adquirindo experiencias afim de triumphar nas provas necessarias.

De um modo geral, são as proprias almas que se reconhecem necessitadas de luz e progresso e pedem o seu regresso ao plano carnal. Comtudo, em alguns casos como os de entidades crueis, rebeldes e endurecidas, são os guias esclarescidos que se incumbem de lhes preparar a reencarnação amarga e penosa, mas necessaria.”

O SAGRADO PATRIMONIO DA VIDA

— “Os que se desencarnam no periodo infantil são espiritos mais evoluídos, isentos de luta e provação na Terra?”

A essa pergunta assim respondeu o guia:

— “Alguns abandonam muito cedo o involucro material, ás vezes pelo

motivo de serem obrigados somente a um pequeno resgate deante das leis que nos regem... Em sua generalidade, porém, esses acontecimentos estão enfeixados no quadro das provações precisas.

Os suicidas, por exemplo, depois de se evadirem da oportunidade que lhes foi offerecida para o resgate do seu passado, estão muitas vezes sujeitos a essas penas. Querem viver na Terra novamente, tragar corajosamente o conteúdo amargo do calix das expiações dos seus erros, porém, as experiencias costumam fracassar, afim de comprehenderem elles o quanto é sagrado o patrimonio da vida que nos foi concedido por Deus”.

A REINCARNAÇÃO E AS DIVERGENCIAS ESPIRITUALISTAS

A seguir, o consulente fére este ponto de divergencia das correntes espiritalistas:

— “Por que existem, dentro do proprio Espiritualismo, os que aceitam e os que negam a reencarnação?”

Resposta:

— Semelhantes anomalias são devidas aos poderes de preconceitos prejudiciaes e obsecantes.

Muitos cerebros e muitas collectividades são, pelos espiritos, encontrados já trabalhados por dogmas incomprehensíveis, bastante crystalisados nas mentes.

Nossa tarefa, então, para oriental-os e esclarecel-os no terreno das verdades transcendentis, é muito lenta, para que não percamos os beneficios já feitos.

Não duvideis, comtudo, de que, em futuro proximo, alcançaremos a unidade das theorias do espiritalismo hodierno.

Outra pergunta sobre a reencarnação:

— Sempre existiu no mundo a idéa da reencarnação?

Resposta:

— "A idéa da reencarnação vem das mais remotas civilizações e só ella póde dar ao homem a solução dos problemas do destino e da dor. Todos os grandes philosophos dos tempos antigos a aceitavam, e só nos ultimos seculos a verdade da preexistencia das almas foi obscurecida pelos argumentos subrepticios de quantos desejam conciliar inutilmente os interesses da ordem divina com as cousas passageiras do egoismo do mundo."

O ESPIRITISMO E AS OUTRAS RELIGIOES

A ultima pergunta do genero respondida por Emmanuel foi a seguinte:

— "Qual o papel do espiritismo diante das outras religiões?"

Communismo no Brasil actual significaria anarchia

EMMANUEL JULGA QUE NOS FALTAM HOMENS E QUALIDADES PARA UMA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

— "Se os espiritos esperam o socialismo christão, por que motivo Emmanuel não acha o communismo adaptavel ao Brasil?"

Que deveremos então entender por socialismo christão?

Essas perguntas foram suggeridas ao missivista pela comunicação que Emmanuel nos fizera em maio ultimo, respondendo a consulta nossa.

Manifestara o guia, nessa mensagem, opinião contraria ao estabelecimento de um regimen extremista no Brasil.

Eis o que disse o guia:

"O espiritismo é o consolador prometido por Jesus aos homens, o qual deveria apparecer quando a humanidade estivesse apta a comprehender o seu ensinamento velado nas parabolas.

Elle não vem destruir as religiões mas unil-as e fortifical-as, desviando-as das concepções dogmaticas que lhes foram impostas pelo interesse e a ambição propriamente humanos.

Infelizmente, apesar de sua pureza, a consoladora doutrina dos espiritos tem sido muitas vezes objecto da exploração criminosa daquelles que não respeitam os seus principios austeros e moralisadores. Cada um, porém, receberá segundo as suas obras; e nenhuma influencia humana poderá impedir a sua evolução no seio da humanidade.

EMMANUEL."

OS PRIMORDIOS DOS NOVOS SYSTEMAS POLITICOS E SOCIAES

Foi esta a resposta de Emmanuel á pergunta de agora:

— "Quem poderia garantir a exequibilidade do regimen communitario no Brasil? Não me expenderei em muitas considerações, porquanto o meu ponto de vista já foi externado, quando fui inquirido a respeito da implantação de um regimen extremista no paiz. A Russia actual representa a experiencia realisada á custa de muito sangue, os primordios dos novos systemas politicos e sociaes, que hão de futuramente vigorar no plane-

ta. Porém, mesmo lá, o que se observa por emquanto, ao lado dos excessos demagogicos, é a inversão dos papéis dentro das classes sociaes.

A FRATERNIDADE E' AINDA UM MYTHO

Os opprimidos de hontem são os senhores de hoje. A fraternidade ainda significa um mytho, porquanto o terreno social está cheio das mesmas differenças de sempre.

DIVERSIDADE DE AMBIENTES A CONSIDERAR

Faz-se antes de tudo preciso considerar a diversidade de ambientes.

As massas populares brasileiras não fazem, por demais, questão de regalias politicas; como um derivado das circunstancias do meio, fazem questão do trabalho, do salario, do conforto que lhes é devido. Communismo significa equilibrio dos sacrificios do povo, holocausto do homem á collectividade, interesse geral, eliminação de personalidade. Os brasileiros estão preparados para isso" A affirmativa poderia, ao que parece, ser contestada.

APPROXIMAÇÃO NECESSARIA E INDISPENSÁVEL RENOVACÃO DE CODIGOS

Aconselhamos, portanto, a aproximação do governo e das classes reclamando-se a attenção dos dirigentes do paiz para as necessidades prementes das massas proletarias. Faz-se mister renovar os codigos da legislação agraria, intensificando a assistencia sob todas as modalidades a quantos carecem do seu auxilio.

As massas trabalhadoras do Brasil reclamam leis que assegurem o conforto que lhes tem sido negado pelos

elementos da politica administrativa. Que o superfluo das sumptuosidades do Estado seja empregado com o necessario. Intensifique-se a hygiene e a escola. A educação necessita ser difundida sob todos os seus aspectos.

A FALTA DOS HOMENS PROVIDENCIAES

Communismo, no Brasil actual, significaria anarchia, porquanto faltam as consciencias dos homens providenciaes, formados no cadiño das experiencias penosas. Semelhante estado de cousas, com a propaganda de theorias importadas de meios essencialmente diversos da nação brasileira, só poderia anarchisar o paiz, fazendo-o escravo de potencias imperialistas.

MEDIDAS MAIS QUE DEVIDAS

Cuidem, portanto, os governantes de melhorar a situação do proletariado com medidas de assistencia mais que devidas.

Trabalhae, portanto, todos vós que anhelaeis um novo estado de evolução no mundo. O progresso se fará, não o duvideis.

O BRASIL É O SOCIALISMO CHRISTÃO

E o Brasil, pelo character pacifista de todos os seus filhos, será chamado a collaborar activamente no edificio do socialismo christão que representa a renovação de todos os systemas economicos-sociaes, á base da comprehensão do evangelho de Jesus. Até lá, quantas lutas assistiremos, quantas conflagrações serão necessarias?

Só Deus o sabe.

Laboremos, contudo, com despreendimento e desinteresse e não vacillemos na fé que devemos possuir em nossos elevados destinos.

EMMANUEL"

(Do "O Globo", de 1-7-1935).

Recebida em Pedro Leopoldo, 14 (especial para O Globo por Clementina de Alencar).

"Tudo ahi se mistura e todas as idéas se propagam sem que sejam devidamente estudadas" — "A implantação de um regimen extremista seria um grande erro que o soffrimento collectivo viria certamente expiar"

"PARA O ESTADO ACTUAL DO BRASIL NÃO SE ENQUADRA OUTRO REGIMEN FORA DA DEMOCRACIA LIBERAL!"

Numa das nossas ultimas correspondencias de abril, fizemos referencia vaga a um "segredo", a um certo ponto deste nosso inquerito sobre o qual não desejamos, ou melhor, não podiamos ainda falar.

Esse "segredo" era apenas no momento, uma intenção da reportagem: uma prova a que desejavamos chegar de improviso.

Por isso, daquella vez, ao pé da referencia ao segredo, escreviamos: "Calemos por enquanto".

Sucedeu, porém, que motivos imperiosos nos afastaram, por alguns dias, de Pedro Leopoldo, e assim, tambem por alguns dias mais deviamos calar.

Agora, de volta ao campo de nossas observações, conseguimos attingir emfim o ponto almejado.

O "segredo" não tem mais razão de ser. Já não ha o que calar. A reportagem volta a trilhar uma estrada sensacional e suprehendente.

O JORNALISTA E O MYSTERIO

Tudo o que passaremos a expor poderá parecer nada — empregando o

"natural" com o sentido de exprimir o "que segue a ordem regular dos factos" — aos adeptos e iniciados na doutrina; mas não áquelles que ainda encaram com duvidas o dogma da communicação com o Além. E foi por isso que usamos acima a imagem da "estrada sensacional e suprehendente".

Agora, trilhemol-a.

A INTENÇÃO

Desde que entráramos em contacto com o "medium" de Pedro Leopoldo e entráramos na apreciação de seu vasto archivo de mensagens attribuidas a escriptores, pensadores e poetas mortos, uma intenção se fôra sorratamente insinuando no animo do jornalista: a idéa de participar tambem dessas communicações sensacionaes, não simplesmente como um observador mas com um gesto decidido de indagação e de pesquisa. Se nós vivemos a levantar, deante dos "vivos" — tão imperfeitos, frageis e defeituosos — as nossas perguntas, que poderão parecer impertinentes, mas pelas quaes costumam falar e indagar as ansiedades, os desejos, as desconfianças das collectividades, seria acaso demais que nos lebrassemos de levar tambem — a esse mundo de lá dos "planos intangíveis", de onde ainda nos chegam o canto dos poetas e a advertencia dos,

pensadores — as indagações das nossas incertezas e ansiedades?

Pareceu-nos que não seria demais esse appello ás luzes do Além. E firmou-se em nós a intenção. Dir-se-ia que o habito da entrevista, como um "tic" irremediavel da profissão, resurgia mesmo ali, deante do grande enigma sobre o qual se escancaravam nossos olhos humanos. A intenção, atravez do processo cerebral inevitavel, concretizou-se na vontade. E as perguntas ficaram armadas sob a expectativa muda dos nossos labios.

PRECIPITAM-SE OS ACONTECIMENTOS

Foi hontem á noite. Reencontrámos, á mesa do Hotel Diniz, o sr. Washington Florianó de Albuquerque, promotor publico da comarca, e a quem já fizemos referencias em correspondencias anteriores.

O distincto magistrado, bella mentalidade aberta a todos os estudos e pesquisas, acompanha-nos mais uma vez numa palestra em torno do caso Chico Xavier. Findo o jantar, saímos juntos, sustentando ainda a palestra.

O reporter, a certa altura, communicalhe sua intenção, ou melhor, já agora sua vontade.

O espirito de observação e pesquisa do magistrado e do estudioso deixa-se seduzir pela idéa de uma consulta aos "amigos do espaço". E resolvemos procurar José Candido para sabermos da viabilidade de uma consulta daquella ordem.

A DIFFICULDADE

Encontrámos, na sua humildade de trabalhador, o mesmo José Candido, amavel e acolhedor de sempre. Emquanto ali encetámos com elle a palestra, chega Chico Xavier, trazido por imprevista circumstancia. O "medium" acaba de despedir-se de algumas visitas que recebera, ao anoitecer, vindas de Bello Horizonte. Vinha provavel-

mente communicar o facto ao irmão. Dando commosco, entra na conversa. E foi então que expuzemos a nossa intenção de consulta, ao José Candido: não uma dessas chamadas "consultas medicas", mas uma indagação qualquer apanhada no ambiente. Não nos é feita restricção quanto á viabilidade. Unicamente, diz-nos José Candido, aquillo só poderia ter logar na quarta-feira, o unico dia agora reservado ás sessões e assim fixado por determinação dos proprios espiritos-protectores do "medium".

Um motivo, porém, nos leva a ligeira resistencia. Talvez o sr. Washington Florianó não possa ficar aqui até quarta-feira proxima. Mas isso não demove José Candido. As sessões só poderão ter logar nas quartas-feiras. Os "amigos do espaço" não podem ser desobedecidos.

A AMAVEL POSSIBILIDADE

Emquanto assim falavamos, Chico Xavier, do outro lado da mesa, silenciava; e havia uma expressão vagamente triste no seu rosto. Num relance vem ao reporter a impressão nitida de que aquella alma boa, sensivel e humilde se desgastava um pouco com a necessidade daquella resistencia imposta pelos imperativos citados, ás nossas solicitações humanas.

Talvez lhe occorresse, naquelle momento, por maravilhosa intuição, a palavra de Jesus:

— Bate que a porta se abrirá.

Ali vieramos nós bater.

Sua tristeza como que se accentuou. E, deante da impossibilidade surgida, baixámos os olhos no silencio.

Parecia-nos, até certo ponto, explicavel, a difficuldade: nenhum dos tres visitantes, o jornalista, o promotor e o photographo, era propriamente um adepto, um crente, um doutrinado. Não poderiamos por certo negar que houvesse, no fundo de nossa attitude um subtil reflexo dos eternos anseios da alma humana. Mas, o que nos movia tambem era uma intenção de pesqui-

za, de constatação mais convincente, aquillo que poderíamos chamar a busca, não isenta de leve malícia, das evidencias.

E foi no meio dessa meditação que nos surprehendeu a voz do "medium",

— Emmanuel attende...

A PORTA ABRE-SE

Por um instante o nosso silencio ainda se apoia num certo pasmo. Emmanuel attende... O guia, o espirito, protector do "medium", abre-nos, pois, uma concessão?

Emfim, a porta abriu-se.

Tudo foi tão imprevisto que, em verdade, ainda nem tinhamos preparado as nossas perguntas. Apenas, meia hora antes, ao sairmos do hotel, haviamos graphado um rascunho de indagações geraes com que pretendiamos compor as perguntas. Mas não se podia hesitar.

José Candido occupa rapidamente o logar ao lado do "medium". Pede que façamos a nossa consulta. O promotor Albuquerque faz um signal ao jornalista. Este tira do bolso uma das paginas rascunhadas.

A PERGUNTA

Na folha quasi amarrotada lemos isto, numa das perguntas que grapháramos ás prèssas para ulterior escolha:

— Que possibilidades existem e que vantagens ou desvantagens adviriam da implantação de um regimen extremista no Brasil?

Estendemos o papel a José Candido que o põe, por sua vez, deante do "medium" já em transe.

Fornecemos, ao mesmo tempo, nosso proprio bloco de papel e lapis para a graphia da mensagem que porventura viesse, pois não houvera nenhuma preparação para isso.

A seguir José Candido pede que nos concentremos numa prece ao Se-

nhor e ao espirito dos nossos mortos bem amados.

A RESPOSTA

Nem um minuto chegou a passar e ouvimos o ruido caracteristico do deslizar do lapis sobre o papel. Inicia-se a graphia da mensagem, rapidamente, como de costume. Ainda uns doze ou quinze minutos de concentração, e o lapis estacou ao fim de uma assignatura.

Immobilidade.

José Candido pede que o acompanhemos agora em sua oração. Finda esta, estão findos os trabalhos.

A mensagem que receberamos, em resposta áquella nossa pergunta, é a seguinte:

"Amigos que Deus illumine o vosso entendimento.

Avesso á politica, me sentiria mais á vontade se fosse inquirido acerca do evangelho. Todavia, opiniões são cousas que pouco se custa a fornecer; contudo os meus pareceres são igualmente pessoas como os vossos, sem o caracter da infallibilidade.

As mais extravagantes theorias politicas têm sido vehiculadas no Brasil, cujo povo, guardando tradições de raças diversas, ainda se encontra longe da linha decisiva de sua evolução racial. Tudo ahi se mistura e todas as idéas se propagam sem que sejam devidamente estudadas, ponderadas no cadinho da analyse mais rigorosa. A implantação de um regimen extremista seria um grande erro que o soffrimento colectivo viria certamente expiar.

De um lado prevalecem as doutrinas dos governos fortes, como a politica do "sigma" copiando o fascismo em suas bases; da outra margem, se encontra o communismo, inadaptable ainda á existencia da nacionalidade, levando-se em conta o problema da necessidade de braços para o trabalho em uma terra vastissima á espera das iniciativas e commetimentos de pro-

gresso preciso. E' verdade que a Russia actual fornece exemplos ao mundo inteiro, porém os homens que inauguraram violentamente os seus novos regimens não se fizeram de um dia para outro. Elles representavam muitos seculos de oppressão, de martyrios, de tormentos nefandos. Não saíram do proletariado que se compraz na inculitura mas da energia coordenadora que busca conciliar o labor operario com o trabalho intellectual das academias. O Brasil necessita, antes de tudo, combater o magno problema do analphabetismo. E' necessario que se solucione o enigma pedagogico que implica toda essa mocidade sem enthusiasmo e sem energia para o estudo; para o estado ao qual não se enquadra outro regimen fóra da democracia liberal, até que o povo se eduque convenientemente para as grandes iniciativas do porvir. Fóra disso é a illusão portadora dos desenganos tragicos que empobrecem a economia e roubam a paz social. Infelizmente, a ambição, o personalismo, infestam os bastidores da politica brasileira, eminentemente prejudicada pela sua visão mesquinha, concernente aos problemas da collectividade. Mas o que quereis? O trabalho é dos homens, e a elles compete a realisação do progresso necessario. Longe

do scenario do mundo não nos é licito influenciar sobre questões distantes da nossa esphera de acção.

A nossa actividade unicamente se circumscreve ao esclarecimento das almas, pugnando para que as construcções da crença sejam novamente reedificadas no tempo dos corações humanos, trabalhados pelas concepções amargas e destruidoras do negativismo. Para attingirmos semelhante desideratum só no evangelho buscamos os nossos programmas de acção. O nosso labor intenso é todo realizado com esse objectivo.

Que os homens resolvam de entendimento posto no codigo da perfeição, legado á Terra por Jesus e estarão de accordo com a evolução que deve presidir todas as manifestações das nossas actividades nos sectores do trabalho humano. A Deus elevemos, assim, os nossos votos humildes para que os governantes do Brasil se acautelem com a infiltração de idéas contrarias ao bem estar social e em desacordo com a sua vida de nacionalidade nova e apta a desempenhar um papel muito preponderante no seio da humanidade.

EMMANUEL".

(" O Globo", de 16-5-1935).

Resposta de Humberto de Campos a uma mãe afflicta

CORAÇÃO DE MAE

"Dolorosa e commovedora é a carta dessa mulher maranhense que te chegou ás mãos trazidas sob as azas de um avião trepidante e ruidoso.

Mãe desesperada, appella para os sentimentos de paternidade que não me abandonaram no tumulto e grita afflictivamente, como si as suas letras tremidas fossem vestígios arroxeados do sangue do seu coração.

"Eu peço a Humberto de Campos que mesmo do Além salve o meu filho! Elle que não se esqueceu dos que deixou na terra, não pôde negar uma esmola á minha alma de mãe extrema!"

E eu me lembro commovido dos appellos que me eram dirigidos pelos soffredores, nos derradeiros tempos da minha vida, enquanto eu naufragava devagarinho no veleiro da Dôr, entre as aguas pesadas do oceano da morte.

Eu daria tudo para enviar a essa mulher soffredora da terra que foi minha, a certeza de que o seu filho é uma creatura predilecta dos deuses. Tudo faria para poder imitar aquellas mãos ternas e misericordiosas que descansaram sobre a fronte abatida do orpham da viuva de Nain, resuscitando para um coração maravilhoso de mãe as energias do filho que padece sob as provações mais penosas.

A morte porém nos afasta do nosso caminho a visão estranha da fatalidade e do destino. Ha um determinismo no scenario das nossas existencias creado por nós mesmos.

O mal com o seu cortejo de horrores não está dentro dessa corrente impetuosa e irretravevel, mas todos os seus elos são formados pelos soffrimentos.

Os homens de barro têm de batalhar a vida inteira repellindo o Crime e o Peccado, mas inevitavelmente andarão atolados no pantanal da Dôr e da Morte.

O que mais me pungia depois de haver perquirido as lições dos sábios dall era a inutilidade dos seus argumentos ante as determinações irrevogaveis do destino. Após haver atravessado as estradas da ignorancia desprerenciosa, no limiar do immenso palacio das experiencias alheias, presumia encontrar a solução dos enigmas que confundem o cerebro humano. Mas em todas achei o mesmo tormento, as mesmas ansiedades angustiosas.

Frente a frente do pulso inflexivel da morte toda a sciencia do mundo é de uma insignificancia irremediavel.

Neste particular, todo o portentoso monumento da philosophia de Pythagoras não valia mais que as extravagantes theorias doutrinaarias propaladas no mundo.

Todos quantos laboram em favor do homem da terra, esbarram nos muros indevassaveis da Sombra. O Christo foi o unico que espalhou na masmorra da carne uma claridade suave porque não se dirigiu á creatura terrena, mas á creatura espirital.

Assombrou-me o espectáculo pavoroso do mundo, onde as leis liberalissimas para a aristocracia do ouro e severas em face dos infortunados que palmilham o caminho espinhoso com os pés descalços e feridos, reflectem o caracter humano com os seus defeitos incorrigiveis.

E despertando de longos pesadelos na porta de sombras da sepultura, a minha primeira inquirição com respeito aos problemas que me atormentavam foi uma pergunta dolorosa acerca dos contrastes amargos do mundo. Ainda aqui, porém, os genios carinhosos da Sabedoria abençoam e sorriem aos que os interpellam, porque a decifração dos enigmas das nossas existencias está em nós proprios. Apesar do destino inflexivel, ha uma força em nós que delle independe, como origem de todas as nossas accões e pensamentos. Somos obreiros da trama caprichosa das nossas proprias existencias.

As mãos que hoje cortam as felicidades alheias, amanhã se recolherão como galhos resequidos nas frondes verdes da vida.

As iniquidades dum Herodes podem desaparecer sob o manto de renuncias de um Vicente de Paula; o sensualismo de Magdalena expurgado nos prantos amargos da expiação e do arrependimento. Quando pudermos ver o passado em todo o seu desdobraimento, depois de contemplarmos a Messalina na sua noite de regalados prazeres, vel-a-emos de novo, arrastando-se nas margens do Tibre, enfiada num vestido horripilante de negras monstruosidades.

Faltou-me na vida terrena semelhante comprehensão para entender a verdade.

Que essa pobre mãe maranhense considere esses realismos que nos edificam e nos salvam. E como um anjo de dôr, á cabeceira de seu filho, eleve o seu appello ao coração augusto d'Aquelle que remove as montanhas com o sópro suave do seu amor. Sua oração subirá ao Infinito como um calice de perfume, derramado ao clarão das estrelas que enfeitam o throno invisivel do Altissimo e, certamente, os anjos da Piedade e da Doçura levarão a sua prece como candida offerta da sua alma soffredora á magnanimidade daquella que foi a rosa mystica de Nazareth. Então, nesse momento, talvez que o coração angustiado de mãe que chora na terra se illumine a uma claridade estranha e misericordiosa.

Seu lar desditoso e humilde será por instantes um altar dessa luz invisivel para os olhos mortaes. Duas mãos de nevoa translucida pousarão como açucenas sobre sua alma opprimida e uma voz carinhosa e embaladora murmurará aos seus ouvidos:

— "Sim! minha filha... eu ouvi a tua prece e vim suavisar o teu martyrio, porque tambem tive um filho que morreu ignominiosamente na cruz".

"Convidado pelo Senhor, eu também estive no banquete da vida".

"Minha primeira dôr foi a minha primeira luz".

"Voltei, para falar com os humildes e com os infortunados, confundidos na poeira de suas existências, como frangalhos de papel, rodopiando ao vento".

"Todo átomo de matéria tem a sua genese no átomo invisível, de natureza psychica. Raios impalpáveis e occultos trazem a vida e trazem a morte. E o homem, na sua ignorancia presumida, mal se apercebe de que é o phantasma cambaleante de Édipo, vivendo na zona limitada do seu livre arbitrio, mas submettido ás leis de bronze do destino e da dôr..."

"Toda a civilização occidental fundou-se á base do christianismo, todavia o que menos se vê, no seu fausto e na sua grandeza, é o amor e a piedade do Crucificado".

"A voz do além pode ficar incomprehendida, mas os mortos continuarão a falar para os vivos, comandados á ordem de Alguem, que está acima das opiniões de todos os scientistas e escriptores, encarnados e desencarnados".

"A esperança volta a felicitar a mansarda dos pobres e o coração dos opprimidos, na prodigiosa perspectiva da immortalidade atravez de todos os mundos, e os desencarnados, num heroismo supremo, volvem aos centros de estudos e aos gabinetes dos sabios, com a lição piedosa das suas experiencias".

"Os homens aprenderão á custa das suas dôres, com todo o fardo de suas miserias e de suas fraquezas, e as palavras do infinito cahirão sobre elles como a chuva de favores do Alto. Que ellas se espalhem nos corações e nas almas, porque cada um traz consigo a claridade de um sol e a doçura de uma benção".